

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

**1964 EM SERGIPE: GOLPE CIVIL-MILITAR, PROTESTANTISMO E A  
CRUZADA CRISTO ESPERANÇA NOSSA**

Ermerson Porto Santos

SÃO CRISTÓVÃO  
SERGIPE – BRASIL

2017

ERMERSON PORTO SANTOS

**1964 EM SERGIPE: GOLPE CIVIL-MILITAR, PROTESTANTISMO E A  
CRUZADA CRISTO ESPERANÇA NOSSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre em História, na Área de concentração Cultura e Sociedade, na linha de pesquisa Relações Sociais de Poder.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Costa Cardoso

SÃO CRISTÓVÃO  
SERGIPE – BRASIL

2017

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237m Santos, Ermerson Porto  
1964 em Sergipe : golpe civil-militar, protestantismo e a  
Cruzada Cristo Esperança Nossa / Ermerson Porto Santos;  
orientador Célia Costa Cardoso. – São Cristóvão, 2017.  
156 f.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal  
de Sergipe, 2017.

1. Sergipe – História - 1964. 2. Brasil – História – Revolução,  
1964. 3. Golpe de Estado - Brasil. 4. Protestantismo - Sergipe. 5.  
Cruzada Cristo Esperança Nossa. I. Cardoso, Célia Costa, orient. II.  
Título.

CDU 94(81).088:275.6(813.7)

*Nem o futuro nem o presente existem. Nem se pode  
dizer que os tempos são três: passado, presente e  
futuro. Talvez fosse melhor dizer que os tempos  
são: o presente do passado; o presente do  
presente; o presente do futuro.  
E estes estão na alma; não os vejo alhures. O  
presente do passado é a memória, o presente do  
presente é a percepção, o presente do futuro é a  
expectativa.*

*(Agostinho de Hipona)*

*Dedico este trabalho a minha família e, em especial, a Eva - companheira de uma jornada, e aos meus pais - meus heróis.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer não é uma tarefa tão fácil quanto parece. Na jornada acadêmica construímos laços, quebramos paradigmas, mudamos de postura, amadurecemos. São situações em que pessoas veem e vão, outras, porém, permanecem. Neste importante momento quero iniciar agradecendo a Deus, razão de minha fé, pela vida e a oportunidade de concluir esse trabalho. Sou profundamente grato a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Costa Cardoso. Para mim, querida Célia, orientadora exemplar e profissional em tudo que desenvolve, obrigado amiga por ter me suportado todos esses anos, mostrando sempre caminhos e novas possibilidades. A FAPITEC/SE, por ter me concedido a bolsa de mestrado tão crucial para o desenvolvimento dessa pesquisa. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, em especial a Edna, Bruno, Petrônio, Fernando Sá, Augusto, Antônio Lindivaldo e Claudefranklin. Aos professores Marcos Silva e Lucileide Cardoso pelas preciosas colaborações e interferências. Agradeço imensamente aos entrevistados que colaboraram com o desenvolvimento dessa pesquisa. As eternas professoras Nida, Vilma, Valdenice, Raquel Freire e Eremita. A Aelmo Gomes por toda atenção a mim dispensada nesses últimos anos. A professora Jezeanne de Jesus pelas valiosas contribuições. Aos meus amigos Edivaldo, Eduardo e Luiz Bezerra. Aos colegas da graduação e da pós-graduação, em especial a turma 2015.1. A Cecília Feitosa (*in memorian*) por ter sido uma grande incentivadora. Evanilde, minha companheira, obrigado pela compreensão em meio a tantas noites mal dormidas e por alguns momentos, ter que dividir a minha atenção com os livros. Ao meu padrinho Juçanã, a meus pais, Marco e Branca, meu maior exemplo de superação na vida, obrigado por vocês existirem. Mãe, todos os meus agradecimentos nunca serão suficientes para agradecer-lhe, a senhora não precisa nem falar, basta-me sua existência. A minha mãe do coração, Zelita Almeida (*in memorian*), por sempre ter acreditado em mim. A minha querida família, sintam-se abraçados na pessoa de dona Maria do Carmo (avó paterna) e Maria Inês (avó materna). Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da consolidação desse sonho.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 01	Igreja Presbiteriana do Brasil em Laranjeiras .....	56
Figura 02	Igreja Presbiteriana do Brasil em Aracaju.....	57
Figura 03	Igreja Presbiteriana do Brasil em Aracaju.....	57
Figura 04	Primeira Igreja Batista de Aracaju.....	59
Figura 05	Primeira Igreja Batista de Aracaju.....	60
Figura 06	Assembleia de Deus em Aracaju.....	62
Figura 07	Assembleia de Deus em Aracaju.....	62
Figura 08	Assembleia de Deus em Aracaju.....	63
Figura 09	Assembleia de Deus em Aracaju.....	63
Figura 10	Pierre Dubose, Gerson Barbosa e Prof. Spach.....	71
Figura 11	Divulgação da cruzada <i>Cristo Esperança Nossa</i> .....	73
Figura 12	Evangelização na cruzada <i>Cristo Esperança Nossa</i> .....	73
Figura 13	Rev. Antônio Elias Sobrinho.....	74
Figura 14	Cruzada <i>Cristo Esperança Nossa</i> .....	77
Figura 15	Banda Sons de Júbilo.....	77
Figura 16	Cruzada <i>Cristo Esperança Nossa</i> .....	78
Figura 17	Marcha da Família com Deus e pela Liberdade em Aracaju.....	80
Figura 18	<i>Brasil Presbiteriano</i> / outubro de 1964.....	91

## GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b>	Católicos e Evangélicos nas décadas de 1960 e 1970 .....	43
<b>Gráfico 02</b>	Taxa de crescimento / Média Anual – 1950 a 1970 .....	43
<b>Gráfico 03</b>	Católicos e Evangélicos em Sergipe nas décadas de 1960 e 1970 .....	71
<b>Gráfico 04</b>	Média de crescimento entre católicos e evangélicos em Sergipe na década de 1960.....	72



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ABC	Ação Básica Cristã
ADEP	Ação Democrática Popular
AI	Ato Institucional
ALN	Ação Libertadora nacional
AP	Ação Popular
APES	Arquivo Público do Estado de Sergipe
BC	Batalhão de Caçadores
CCEN	Cruzada Cristo Esperança Nossa
CEB	Confederação Evangélica do Brasil
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CIA	Central Intelligence Agency
CGT	Confederação Geral dos Trabalhadores
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNV	Comissão Nacional da Verdade
CMI	Conselho Mundial de Igrejas
CPE	Comissão Presbiteriana de Evangelização
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
ESG	Escola Superior de Guerra
EUA	Estados Unidos da América
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBAD	Instituto Brasileiro de Ação Democrática
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
IPES	Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais

JUC	Juventude Universitária Católica
PB	Música Popular Brasileira
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PIBA	Primeira Igreja Batista de Aracaju
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PT	Partido dos Trabalhadores
Pr	Pastor
PSP	Partido Social Progressista
Rev	Reverendo
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
STF	Supremo Tribunal Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UDN	União Democrática Nacional
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNE	União Nacional dos Estudantes
USAID	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## RESUMO

O Golpe Civil-Militar, que depôs o presidente da República João Goulart em 1964, no Brasil, buscou o apoio de instituições como o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais / Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IPES-IBAD), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), igrejas evangélicas, meios de comunicação de massa e de amplos setores das classes médias urbanas, com o objetivo de garantir a ascensão e permanência dos militares no poder e proporcionar-lhe o mínimo de legitimidade. A cidade de Aracaju/SE sediou a cruzada *Cristo Esperança Nossa*, nos dias 20 a 27 de setembro de 1964, uma campanha evangélica interdenominacional, ou seja, promovida e dirigida por várias igrejas protestantes do Estado, porém idealizada por presbiterianos com o apoio de missionários norte-americanos. Este evento se fundamentou na conservação de valores morais e cristãos, em meio à instauração da nova ordem político-institucional no país marcada pelo autoritarismo. Investiga-se os desdobramentos dessa cruzada, com base na ideia de “campo político”, “poder simbólico” e *habitus* de Pierre Bourdieu (1996), para comprovar a hipótese de que este evento colaborou para a difusão do ideário anticomunista em Sergipe, no contexto da Guerra Fria. Foi possível constatar em algumas manifestações de líderes religiosos e populares evangélicos, através da imprensa e de depoimentos orais, um posicionamento, muitas vezes explicitado de forma discreta, a favor da tomada do poder em 1964 e em defesa da moralidade cristã, embora *Cristo Esperança Nossa* não tenha sido, a priori, um evento político em sua essência. Ações como essas se enquadram, também, no ambiente político favorável às marchas, como a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, e outras campanhas de evangelização que representaram a defesa de postulados conservadores típicos da sociedade daquele período.

**Palavras-chave:** Sergipe, Golpe de 1964, Protestantismo, Cruzada Cristo Esperança Nossa.

## **ABSTRACT**

The Civil-Military Coup, which deposed the president of the Republic João Goulart in Brazil in 1964, sought the support of institutions such as the Institute for Research and Social Studies / Brazilian Institute of Democratic Action (IPES-IBAD), Brazilian Bar Association (OAB), the National Conference of Brazilian Bishops (CNBB), evangelical churches, the mass media and broad sectors of the urban middle classes, with the objective of guaranteeing the ascendancy and permanence of the military in power and providing it with the minimum Of legitimacy. The city of Aracaju / SE hosted the Crusade Cristo Esperança Nossa, from September 20 to 27, 1964, an evangelical campaign interdenominacional, that is, promoted and directed by several Protestant churches of the State, but idealized by Presbyterians with the support of missionaries North Americans. This event was based on the preservation of moral and Christian values, in the midst of the establishment of the new political-institutional order in the country marked by authoritarianism. The crux of this crusade, based on the idea of "political field", "symbolic power" and habitus of Pierre Bourdieu (1996), is investigated to prove the hypothesis that this event contributed to the diffusion of the anti-communist ideology in Sergipe, Context of the Cold War. Through the press and oral testimony, some manifestations of popular religious and popular evangelical leaders have been able to find a position, often discreetly stated, in favor of the takeover of power in 1964 and in defense of Christian morality, although Christ Esperança Nossa Has not been, a priori, a political event in its essence. Actions such as these also fit into the political environment conducive to marches, such as the "Family March with God for Freedom", and other evangelization campaigns that represented the defense of conservative postulates typical of the society of that period.

Key-words: Sergipe, Coup de 1964, Protestantism, Cristo Esperança Cruz Crusade

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>I     <b>IGREJAS, MARCHAS E O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 .....</b></b>	<b>29</b>
<b>1.1   Entre colaborações e cumplicidades: o golpe civil-militar de 1964.....</b>	<b>35</b>
<b>1.2   Os evangélicos e o campo político.....</b>	<b>41</b>
<b>II     <b>O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 E O ESTADO DE SERGIPE .....</b></b>	<b>51</b>
<b>2.1   Evangélicos em Sergipe.....</b>	<b>54</b>
<b>2.2   Cruzada Cristo Esperança Nossa (1964) .....</b>	<b>64</b>
<b>III    <b>DA DEMOCRACIA AO AUTORITARISMO: QUESTÃO SOCIAL, IGREJA E RESISTÊNCIA.....</b></b>	<b>82</b>
<b>3.1   Evangélicos e a Conferência do Nordeste de 1962 .....</b>	<b>85</b>
<b>3.2   O Concílio Vaticano II: influência e relacionamento com a Teologia da Libertação e o protestantismo.....</b>	<b>93</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>116</b>

## INTRODUÇÃO

A proposta desse estudo é compreender a relação entre a cruzada *Cristo Esperança Nossa* e o Golpe Civil-Militar de 1964, buscando investigar o discurso construído pelos participantes deste acontecimento evangélico. Observa-se, ainda, os desdobramentos desta cruzada e suas implicações políticas e sociais. Outro ponto de análise é a sua relação com o contexto social e político brasileiro daquele período, e de que forma os evangélicos se posicionaram, explícita ou implicitamente, diante do novo regime. Optou-se por delimitar o período desta pesquisa de 1962 a 1964, justamente pelo fato de 1962 ser o ano da Conferência do Nordeste, em Recife, um evento religioso de conotação social que inspirou e contribuiu para a organização da cruzada *Cristo Esperança Nossa*, em Aracaju, em 1964. Para compreender estes eventos religiosos levamos em consideração o pré e pós-1964, não excluindo a possibilidade de se recorrer a outros momentos históricos para atender a necessidade de contextualização dos fatos.

A pesquisa parte do pressuposto de que algumas lideranças do protestantismo sergipano não ficaram de fora ou apáticos ao processo de articulação do golpe de Estado e da consolidação da ditadura brasileira. Eles difundiram uma ideologia, fundamentada na conservação de valores morais e cristãos, por meio de atividades desenvolvidas por comunidades evangélicas, saíram do campo da contemplação para adotar um posicionamento mais pragmático<sup>1</sup>. Embora não se trate de um grupo religioso homogêneo em sua essência e retórica, pontuamos que, direta ou indiretamente, foi um dos grupos organizados da sociedade civil, assim como revelam as fontes, de adesão ao discurso da “revolução” em 1964, produzido em um campo ideológico aglutinador dos diferentes setores golpistas.

O interesse pela pesquisa surgiu ainda na graduação a partir da participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Desde o ingresso neste programa, fomos instigados pela supervisora, hoje orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Costa Cardoso, a desenvolver trabalhos científicos, publicar e participar de eventos relevantes para a vida acadêmica. Sempre foi área de interesse pessoal à temática do “protestantismo” e, ao ampliar

---

<sup>1</sup> As ideologias, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo (BOURDIEU, 1996, p. 10). No pensamento de Bourdieu, teriam o mesmo significado que adquire na obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (2009) de Weber, quer dizer, “visões de mundo relativas”, tais quais são os sistemas de ideias e representações religiosas, morais, políticos, etc.

leituras sobre relações sociais de poder, memória e política, buscamos desenvolver um trabalho que contemplasse esses elementos interligados ao tema do protestantismo. A partir daí, aprofundamos os estudos que dizem respeito ao golpe e ditadura civil-militar no Brasil e também os evangélicos em Sergipe, delimitando a temática à cruzada *Cristo Esperança Nossa*. A primeira investida no campo da pesquisa histórica resultou em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), "*Cruzada Cristo Esperança Nossa*": Aracaju – 1964; sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Costa Cardoso, defendido em 2013.

Esta pesquisa, portanto, busca contribuir para o desenvolvimento de estudos sobre a ditadura brasileira e ampliar os debates acerca da história religiosa sergipana. Parte da necessidade de ampliar os estudos historiográficos que abordam temáticas ligadas à política, memória, cultura e religião, com foco na interdisciplinaridade entre História, Sociologia e Antropologia e no estudo de sociedades desde as mais simples às mais complexas, tomando o “homem” como agente transformador de grupos socioculturais.

A pesquisa não pretende descrever uma memória comum a todos os membros de um determinado grupo, partindo de suas lembranças em um dado momento de suas vidas. Isso levaria a uma análise reducionista, pois a memória é por princípio multifacetada e fragmentada. Lucileide Cardoso (2012, p. 28) aponta que “Maurice Halbwachs (1990), herdeiro do pensamento de Durkheim, já na primeira metade do século XX, sublinhou a diferença entre memória e história”. A história começa onde termina a memória. A história é um conhecimento impessoal e despojado frente ao passado; momento que se apaga ou se decompõe a memória social. É escrita de fatos que ocuparam um espaço na memória dos homens.

Para Michael Pollak (1989) “a memória, por sua vez, é a história vivida na consciência do grupo que a mantém. Desse modo, a principal diferença entre memória e história é o pertencimento ao grupo, que não é apenas físico, mas, sobretudo afetivo, e que consolida a memória enquanto tradição”. Ele problematizou, ainda, a ligação entre memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida, ou daquilo que hoje se chama de História Oral<sup>2</sup>. O autor mostra que a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada; não se refere apenas à vida física da pessoa. A

---

<sup>2</sup>“É difícil estabelecer um exato momento do nascimento de uma disciplina, mas alguns segmentos da História Oral localizam sua gênese na Universidade de Columbia, EUA, em fins da década de 1940. Desde o princípio a História Oral esteve marcadamente envolvida com as questões da memória humana, tanto coletiva quanto individual. Hoje essa tendência historiográfica aparece como um campo de grandes possibilidades para pesquisadores e professores de história”. (SILVA, 2013, p.186)

memória também sofre flutuações em função do momento em que ela é articulada e está sendo expressa.

Passados 50 anos de regime militar no Brasil, o tema permanece relevante e continua a apresentar inquietações aos brasileiros, sobretudo aos pesquisadores das áreas de Ciências Humanas e Sociais. Uma variedade de novas fontes tem sido levantada e problematizada ao longo das últimas décadas por diversos estudiosos<sup>3</sup>. Apresenta-se nesse contexto a vasta produção acadêmica<sup>4</sup> sobre a temática, o que permitiu ainda mais a problematização do período.

Nesse contexto, salienta-se a criação da Comissão Nacional da Verdade<sup>5</sup> (CNV) como um grande avanço, não só do ponto de vista histórico, mas também social. Criada pela Lei 12.528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012<sup>6</sup>, com a finalidade de apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 1946 e 1988, teve como foco principal apurar casos de desaparecidos políticos. Essa Comissão enfrentou grandes oposições e críticas desde a sua instalação, sobretudo por parte das Forças Armadas. A CNV concluiu seu trabalho e entregou o relatório em dezembro de 2014.

A criação e instalação da Comissão Nacional da Verdade é, na realidade, um considerável avanço na defesa dos direitos humanos, das memórias das vítimas da ditadura e de suas famílias. Resultado tardio da busca constante de pesquisadores e historiadores, que se debruçam em escrever a respeito da historiografia da ditadura civil-militar<sup>7</sup> no Brasil, produzindo muitas vezes uma narrativa que segue na contramão da “história oficial”. Esta, por sua vez, trata da narrativa fundamentada na manutenção de um discurso elitista, objetivado pela perpetuação de uma “suposta” memória coletiva sobre o golpe, sem sequer considerar os que se encontravam do outro lado do regime, os participantes das lutas de resistência; por

---

<sup>3</sup> De acordo com Célia Costa Cardoso (2015, p. 115) a abertura dos arquivos de repressão constitui passo decisivo para a democratização dos países que vivenciaram regimes ditatoriais. Sobre as novas tendências, a autora aponta que muitos pesquisadores analisam de modo comparativo as ditaduras latino-americanas, como também o rico universo documental possibilita inúmeros estudos sobre a história das cidades interioranas brasileiras.

<sup>4</sup> Referimo-nos aos avanços das investigações sobre as ditaduras latino americanas e do surgimento de novos trabalhos monográficos, dissertações e teses de doutorado nas universidades brasileiras.

<sup>5</sup> Disponível em <<http://www.cnv.gov.br/>>. Acesso em 20 de junho de 2016.

<sup>6</sup> Disponível em < <http://www.cnv.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html>>. Acesso em 21 de junho de 2016.

<sup>7</sup> É preciso ter em mente que o golpe não foi uma iniciativa de militares desarmados que decidiram, do nada, investir contra o regime constitucional e o presidente legítimo do Brasil. Houve apoio da sociedade. É correto designarmos o golpe de Estado de 1964 como civil-militar, ele foi efetivamente dado também por civis, Governadores, parlamentares lideranças civis brasileiras. (FICO, 2014, p.8)



consequente, o direito ao contraditório e envolvimento de civis como agentes ativos antes e durante a ditadura brasileira.

Nesse sentido, os conceitos de memória e identidade estão indissolúvelmente ligados e são fundamentais para quem tem interesse no campo das Ciências Humanas e Sociais. A memória é, acima de tudo, a reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que a reconstituição fiel do mesmo. A busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. Nosso propósito é compreender como os indivíduos chegam a “compartilhar” práticas, representações, crenças, lembranças; produzindo, assim, em uma determinada sociedade ou grupo, aquilo que poderíamos chamar de cultura, de identidade. “Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem necessariamente compartilhar as mesmas representações do passado” (CANDAU, 2012, p. 35). Mesmo que as lembranças se nutram da mesma fonte, a singularidade de cada indivíduo faz com que eles não sigam necessariamente o mesmo caminho.

Trabalhar a relação história e memória por meio da ferramenta da história oral como recurso metodológico nos permite ampliar as possibilidades de interpretação do passado. A opção pela fonte oral responde apenas a algumas questões e não é a solução para todos os problemas. “A memória é a operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer preservar, integrando e reforçando sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais. Tendo como função manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum” (POLLAK, 1989, p. 7). Pierre Nora dialoga também com esse conceito de memória. Para ele, a memória é compreendida como “vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, vulnerável a todos os usos e manipulações” (1993, p. 9).

Com o intuito de estudar o golpe civil-militar em Sergipe, a pesquisa questiona a relação de líderes protestantes sergipanos com o movimento golpista de 1964, as aproximações e distanciamentos do ponto de vista da carga ideológica presente no discurso entre a cruzada *Cristo Esperança Nossa* e outros eventos similares, como a “Conferência do Nordeste: Cristo e o processo revolucionário brasileiro – 1962” e a “Cruzada de Ação Básica Cristã – 1969”, ambas no Estado de Pernambuco. Quais foram as agências financiadoras da cruzada *Cristo Esperança Nossa*? Até que ponto houve apoio do governo militar e de instituições norte-americanas em campanhas dessa natureza, sobretudo, nesse momento histórico? Embora se trate de um evento evangélico, o objetivo dessa cruzada era apenas de proselitismo religioso?

E ainda que tenha sido, a princípio, qual a apropriação por parte do governo golpista diante desse evento e sua repercussão na sociedade sergipana?

*Cristo Esperança Nossa* não foi um evento político em sua essência e tampouco era esse seu objetivo principal. Entretanto, infere-se que há a apropriação do discurso religioso para a fundamentação do discurso político revolucionário. A religião tem influência sobre a sociedade em vários âmbitos, e isto não é novidade. Ela forma opiniões e exerce uma influência silenciosa e camuflada. A impressão é que política e religião andam sempre de “mãos dadas” e o povo, por sua vez, sempre espera um “messias” que possa encaminhá-lo para a salvação. Para Pierre Bourdieu (1987, p.69) o campo religioso cumpre a função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política. O discurso religioso se desenvolve sobre dois planos,

o da natureza e o do sobrenatural. Um contém o corpo e a realidade; o outro, o paraíso da alma e a eternidade. O mundo é o lugar da purificação e do enriquecimento. Cristo realiza a mediação entre os dois mundos. Quando os sucessivos presidentes afirmaram que a democracia é um ideal, o discurso “revolucionário” também divide o mundo em dois planos: o do real e o do ideal, o do contínuo enriquecimento e o do paraíso a ser alcançado. As Forças Armadas por não estarem comprometidas com nenhum interesse particular do real, realizam a mediação entre os dois mundos (FIORIN, 1988, p. 52).

Ibarê Dantas (1997, p. 3) aponta que a própria Doutrina de Segurança Nacional desenvolvida pela Escola Superior de Guerra (ESG) havia sido inspirada em pregações americanas, fundamento para os princípios que norteariam as diretrizes do estado autoritário ascendente. Percebe-se a forte ligação com o protestantismo americano, como afirma o presbiteriano Rubem Alves, os “EUA eram a utopia implícita do protestantismo brasileiro” (ALVES, 1979, p. 239), e os americanos abominavam o comunismo. Outrossim, na ótica protestante, os EUA chegaram ao progresso em decorrência de princípios evangélicos e democráticos.

O Projeto “Brasil Nunca Mais”<sup>8</sup> aponta para a propaganda anticomunista veiculada pelos organismos financiados pelos Estados Unidos: o Partido Social Democrático (PSD), a União Democrática Nacional (UDN) e pela Igreja Católica (ARQUIDIOCESE de SÃO

---

<sup>8</sup> Para Lucileide Cardoso (2012, p. 63) o livro *Brasil Nunca Mais* foi lançado em 15 de julho de 1985, sem muita propaganda pela editora Vozes. Ainda se temiam represálias, mas ocupou o primeiro lugar na lista dos mais vendidos por 91 semanas consecutivas, tornando-se um dos livros de não ficção mais vendido na história da literatura brasileira. A autora se propõe em *Criações da memória: defensores e críticos da ditadura (1964-1985)* (2012) fazer uma análise aprofundada das narrativas produzidas pelos participantes e apoiadores do golpe de estado de 1964, contrapondo-se às memórias de militares. Cardoso apresenta um panorama, dentre outras obras, do livro *Brasil Nunca Mais* e seu reverso, o livro do tenente Marco Pollo Giordani, *Brasil Sempre* (1986).

PAULO, 1985, p. 59). Esse apoio foi fortalecido também com a chegada de missionários norte-americanos nas décadas de 1950 e 1960, como o Pr. Arnold Johnson<sup>9</sup>. Estes tiveram participação atuante em campanhas religiosas de massa, como é o caso da *Cristo Esperança Nossa*, com a presença dos Reverendos Paul Everest Pierson<sup>10</sup>, Tomaz Foley<sup>11</sup> e Pierre Du Bosi<sup>12</sup>. “A ocorrência de manipulações foi um elemento constante na história do anticomunismo brasileiro. O terror anticomunista foi artificialmente insuflado, visando à obtenção de ganhos políticos, eleitorais e até pecuniários. Porém, isto não altera o fato de que muitos grupos e indivíduos anticomunistas agiam movidos por convicções ideológicas e não de forma oportunista” (MOTTA, 2002, p. 280). Observa-se nessas circunstâncias que

o anticomunismo é o conjunto das atividades realizadas por grupos diversos, que constroem e se guiam por um conjunto de representações que tem sido chamado de imaginário anticomunista. Trata-se de atividades como produção de propaganda, controle e ação policial, estratégias educacionais, pregações religiosas, organização de grupos de ativistas e de manifestações públicas, atuação no legislativo, etc. (RODEGHERO, 2007, p. 45)

A ideologia do anticomunismo estava associada ao contexto da Guerra Fria. Moniz Bandeira (1997) coloca em evidência os fatores externos que levaram ao golpe<sup>13</sup>. Embora não descarte os motivos internos, ele evidencia os interesses norte-americanos. Bandeira acredita que a estratégia americana para inibir a expansão socialista, após a revolução cubana, foi a de criar todo um aparato político de apoio, tanto à democracia quanto às ditaduras. Rodrigo Patto Sá Motta (2002) indica que outros fatores influenciaram o golpe de 1964, como a crise econômica, com inflação descontrolada e redução das taxas de crescimento, e denúncias de corrupção contra o governo. Entretanto, a crença na “ameaça comunista” foi o tema mais importante na mobilização golpista, com destaque para as Marchas da Família com Deus pela Liberdade.

Os argumentos nesta direção uniram grupos que divergiam em outras questões, com a vantagem de expressar a crise em linguagem compreensível para amplos setores sociais, há muito acostumados a ouvir discursos sobre o “perigo vermelho”. Em entrevista realizada com

<sup>9</sup> Missionário Americano em Aracaju que trabalhou na Assembleia de Deus em 1964. Ver: Revista *Jubileu de Ouro das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe* (1982). 25p.

<sup>10</sup> Nesta ocasião, Reitor do Seminário Presbiteriano do Norte – foi missionário no Brasil nos anos 50 e 60 e escreveu o livro *A younger church in search of maturity* (Uma igreja mais jovem em busca da maturidade), sobre a IPB. (MATOS, 2009, p.249)

<sup>11</sup> Músico e membro do Seminário Presbiteriano do Norte; regeu durante a cruzada *Cristo Esperança Nossa* o coral com mais de duzentas vozes. *Brasil Presbiteriano* – outubro de 1964. 4p.

<sup>12</sup> Ver *Brasil Presbiteriano*. São Paulo, outubro de 1964. p.3.

<sup>13</sup> É importante levar em consideração o ambiente externo no qual o Brasil estava inserido em 1964, mas percebe-se também que os fatores externos por si só não explicam o golpe, mas toda a conjuntura.

o Pastor Virgínio de Carvalho<sup>14</sup>, concedida ao autor no dia 13 de junho de 2013, em Aracaju/SE, ele demonstra esta valorização do elemento externo como um dos fatores explicativos para a emergência do golpe, isto se confirma:

Já estava tudo preparado com muita antecedência. Os pastores se uniram, mas na verdade o potencial eram os americanos, e eu diria que foi um ato de coragem da parte deles porque se julgava que eles eram culpados por tudo o que estava acontecendo no Brasil<sup>15</sup>.

Percebe-se na informação do entrevistado que a cruzada *Cristo Esperança Nossa* foi um evento previamente planejado e organizado em torno de ampla estrutura religiosa “ecumênica”, visando o agrupamento de pastores sergipanos e, conseqüentemente, de suas comunidades, a fim de que este encontro de fiéis tivesse o maior envolvimento possível das igrejas. Sem dúvida, contou também com o apoio de membros do protestantismo norte-americano, de modo que houve a união de líderes em torno de objetivos comuns, como o combate ao “perigo vermelho”, difundir a fé cristã e conquistar novos adeptos, para isso o protagonismo norte-americano foi preponderante.

Com o propósito de analisar sua relação com o contexto social e político brasileiro daquele período e de que forma os evangélicos se posicionaram, explícita ou implicitamente, diante do novo regime, optou-se por delimitar esta pesquisa de 1962 a 1964 justamente pelo fato de 1962 ser o ano da Conferência do Nordeste, em Recife, um evento religioso de conotação social progressista e perceber até que ponto este evento inspirou e contribuiu para a organização da cruzada *Cristo Esperança Nossa*, em Aracaju, em 1964. Para compreender estes eventos religiosos deve-se levar em consideração o pré e pós-1964, não excluindo a possibilidade de se recorrer a outros momentos históricos para atender a necessidade de contextualização dos fatos.

A produção histórica do protestantismo cresceu significativamente a partir de 1950. Essa maior produção implica pensar os métodos neles utilizados e as diferentes teorias que os legitimaram (WATANABE, 2006, p. 32). O campo religioso protestante é bastante plural de maneira que atualmente esse universo não dá conta de antigas demandas e quer se enquadrar e se fazer entender em um mundo contemporâneo repleto de novas questões, problemas e necessidades do ser humano. Tradicionalmente o termo ‘protestantismo’ pode ser caracterizado

<sup>14</sup> Atualmente é pastor presidente da Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe (CONEADESE), e na época da cruzada *Cristo Esperança Nossa* era um jovem bem atuante na igreja.

<sup>15</sup> Entrevista concedida ao autor no dia 13 de junho de 2013, na cidade de Aracaju/SE. Grifo nosso.

como um dos três principais ramos do cristianismo, juntamente com o catolicismo romano e as igrejas ortodoxas.

Não é nosso propósito escrever sobre a historiografia do protestantismo, entretanto por se tratar de um conceito caro à pesquisa, importa-nos aprofundar algumas questões pertinentes. Para Antônio Gouveia Mendonça (2005, p. 51) é mais viável falar em protestantismo no Brasil, que em protestantismo brasileiro. Segundo Mendonça, o protestantismo que chegou ao Brasil nunca se identificou com a cultura brasileira, continua sendo norte-americano com suas matrizes denominacionais e de dependência teológica. O protestante é o homem que se sente liberto por Cristo, professa uma religião individual de consciência, segue exclusivamente e se inspira na interpretação direta da Bíblia, cultiva uma ética racional do trabalho para contribuir para a glória de Deus e vive segundo os padrões de uma moral burguesa. As igrejas são comunidades de fé e aprendizado religioso mútuo. Rubem Alves (2005) mostra que se converter ao protestantismo implica em ser “crente” ou “servo de Deus”. Na obra *Religião e Repressão*, Alves compreende como é o processo de readaptação do indivíduo supostamente perdido na vida e que necessita de ajuda para efetivar a nova adaptação à sociedade.

Já Tiago Watanabe (2006) chama a atenção para a ausência de problematização do protestantismo e o fato de não possuir uma definição consensual no que se refere ao termo. Ele aponta Rubem Alves (2005) como um dos poucos na historiografia brasileira a problematizar o tema. “O protestantismo foi um conceito em permanente mudança nos adjetivos, mas consolidado enquanto prática discursiva. É um nome agregador de cenários e interpretações variadas” (WATANABE, 2006, p. 79). Uma possibilidade eficiente foi apontar para as origens de cada denominação, não como princípio fundante, mas situar um grupo no tempo e no espaço, possibilitou a explicação para posteriores desenvolvimentos institucionais. Diferente de Alves, Antônio Mendonça (2005) optou pelo calvinismo inglês do século XVII e pela análise da religião civil norte-americana, para mostrar a distância com a cultura nacional. Essa análise foi importante estratégia na construção identitária de grupo.

Tiago Watanabe (2006 p. 110) sugere que para entendermos as diferenças especificidades dentro do protestantismo é preciso admitir a diferença e a historicidade do nome que um grupo carrega. O nome foi um elemento útil para pensadores definirem o termo “protestantismo”: “Presbiterianos, metodistas, assembleianos, não pertencem apenas a instituições com estruturas políticas e teológicas diferenciadas, carregaram um nome que possui

significados múltiplos de seu “sentido oficial” e usados como estratégias simbólicas”. O autor conclui que a historiografia protestante foi metodologicamente denominacional, ou seja, focada na matriz eclesiástica de cada igreja e suas características peculiares.

Convencionou-se na historiografia diferenciar os conceitos de protestantismo histórico para as igrejas tradicionais (Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional, Episcopal, etc.), pentecostais<sup>16</sup>, para denominações que surgiram no início do século XX com ênfase na doutrina do batismo no Espírito Santo, como a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã no Brasil e igrejas neopentecostais que são fruto de um movimento oriundo do pentecostalismo clássico na segunda metade do século passado, das quais destacam-se a Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal o Brasil Para Cristo e a Igreja Universal do Reino de Deus.

Estudos mais recentes têm apontado a nomenclatura “evangélico”<sup>17</sup> para abarcar as igrejas de origem reformada no Brasil. Mendonça afirma que:

(...) os próprios protestantes, desde o início de sua presença no Brasil, ainda no século XIX, preferiam o conceito “evangélico”. Bastam dois exemplos: o primeiro jornal protestante publicado no Brasil, que circulou de 1864 a 1892, chamou-se Imprensa Evangélica, como também a Confederação Evangélica do Brasil, fundada em 1934 e extinta nos primeiros anos da década de 60 do século passado. Desde os primeiros tempos os cristãos não-católicos no Brasil se identificam como evangélicos (MENDONÇA, 2005, p. 50).

A despeito do uso do termo, sobretudo por grupos não-evangélicos, como a Igreja Católica e a mídia, o autor desperta interesse e faz uma crítica para a confusão que o termo traz consigo ao colocar os grupos cristãos não católicos em uma mesma categoria. Apesar da ponderada colocação de Mendonça, parece-nos que a utilização do conceito “evangélico” é o mais cabível para a pesquisa, pois com vistas na campanha *Cristo Esperança* Nossa e a mescla de denominações participantes no evento, o termo é o que melhor atende às questões levantadas. Até porque o que está em evidência na cruzada são os pontos unificadores dessas denominações e não os que as diferenciam ou distanciam. Por conseguinte, no Brasil, em geral, antes do

<sup>16</sup> A doutrina pentecostal se caracteriza pela crença no Espírito Santo e na plenitude da vida moral. A sua primeira igreja no país foi instaurada em 1910, em Belém do Pará, pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Chamada de Missão da Fé Apostólica, mais tarde ganharia o nome com que alcançou todo o Brasil: Assembleia de Deus. Também em 1910, o italiano Luigi Francescon deu início à Congregação Cristã no Brasil, que teve forte presença ao Sul do país, a partir de São Paulo (ASSIS, 2012, p.27).

<sup>17</sup> Estudiosos da temática do protestantismo têm se dedicado em conceituar esse universo tão multiforme. Segundo Ricardo Mariano e Antônio Flávio Pierucci em *O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor* – publicado na revista *Novos Estudos* da CEBRAP – p. 92 nº 34; diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, no Brasil o termo *evangélico* designa e recobre tanto as denominações protestantes históricas, quanto as pentecostais e as neopentecostais (MARIANO; PIERUCCI, 1992, p. 92).

indivíduo ser presbiteriano, batista ou assembleiano, ele considera-se evangélico, as fontes revelam isso, tanto na imprensa cristã, ou não, da década de 1960 como nas entrevistas, é evidente o uso do termo. Isso não exime a importância da estruturação conceitual levantada a este respeito e a consolidação do protestantismo no Brasil por Júlio Andrade Ferreira, Rubem Alves, Paul Pierson, João Dias de Araújo, Antônio Gouveia Mendonça, Prócoro Velasques, Waldo César, etc., destacados pesquisadores da historiografia do protestantismo<sup>18</sup>. Acredita-se que nesse processo de consolidação o termo foi se popularizando no Brasil.

O avanço nas pesquisas historiográficas e a projeção desses estudos nas últimas décadas vêm permitindo um leque de possibilidades na apropriação das fontes históricas e na história do protestantismo e sua relação cultural, social e política. Nesse contexto, há uma constante renovação no estudo da História Política, esta não mais entendida como História dos “grandes homens” ou “grandes feitos”, e sim como o estudo das diferentes formas de articulação de atores políticos e sociais com os seus grupos de interesse.

Não há, nesse processo, como dispensar o papel da imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates da arena do poder. O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, segundo Maria Helena Rolim Capelato (1998), seja na condição de difusor da propaganda política favorável ao regime ou de espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo de projetos alternativos, tem encontrado eco nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político.

As principais fontes deste trabalho são atas de reuniões administrativas da Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Batista e Igreja Evangélica Assembleia de Deus, todas em Aracaju. Essas instituições foram selecionadas pela atuação e representação na campanha *Cristo Esperança Nossa* e também devido ao acesso às fontes, por fornecerem em seus anais informações singulares para pesquisa. Também foram utilizadas sete entrevistas concedidas por membros e líderes das igrejas mencionadas, contemporâneos à cruzada. Seguimos o método da entrevista temática. A escolha de entrevistas temáticas,

---

<sup>18</sup> Para maiores detalhes sobre os precursores da historiografia do protestantismo no Brasil, ver: WATANABE. Tiago Hideo Barbosa. *De pastores a feiticeiros: a historiografia do protestantismo brasileiro (1950-1990)*. Dissertação – (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2006.

é adequada para o caso de temas que tem estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos (ALBERTI, 2004, p. 38).

Foi utilizado como critério principal para escolha dos entrevistados o fato da participação na cruzada *Cristo Esperança Nossa*, independente de sexo, ocupação social ou financeira, posição eclesiástica ou mesmo profissão de fé, embora o objeto trate-se de um evento evangélico. Devido à complexidade do tema, buscou-se realizar essas entrevistas da forma mais espontânea possível, sem um roteiro formal preestabelecido, a fim de que o entrevistado não se sentisse limitado a um questionário.

De posse de um gravador, optou-se por iniciar sempre com a seguinte pergunta: “Quais suas lembranças sobre a cruzada *Cristo Esperança Nossa*?” À medida que o entrevistado sentia-se bem a vontade para expor suas lembranças, procurava-se instigar e conduzir a conversa para o campo político e o contexto mais social. Em alguns momentos foi preciso pausar, pois é um assunto que toca bastante o emocional dessas pessoas. Cada entrevistado assinou uma Carta de Cessão<sup>19</sup> devidamente autenticada na Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe.

O material jornalístico utilizado encontra-se em matérias relacionadas à temática proposta presente nos jornais *Gazeta de Sergipe*<sup>20</sup>, *A Defesa*<sup>21</sup>, *o Brasil Presbiteriano*<sup>22</sup>, *Diário*

---

<sup>19</sup> Documento assinado pela pessoa entrevistada, cedendo ao pesquisador pleno direito de utilizar as informações concedidas na pesquisa.

<sup>20</sup> Segundo Carla Darlem Silva dos Reis (2015, p. 44-46) A *Gazeta de Sergipe* foi um jornal de grande circulação em Sergipe, tendo sido comercializado ininterruptamente por quase cinco décadas (1958-2003). Era um periódico ligado inicialmente ao Partido Social Democrático (PSD), e também ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Para Reis a permanência da *Gazeta de Sergipe* como um importante veículo de imprensa na Ditadura Militar se deu por conta dessa facilidade de ingressar e dialogar com pessoas das mais diversas áreas e partidos. A oposição feita aos que estão na situação sempre foi algo pontual e servia aos interesses dele, do seu partido e dos seus correligionários.

<sup>21</sup> Órgão oficial da Diocese de Propriá.

<sup>22</sup> O jornal *Brasil Presbiteriano* – que era produzido no Estado de São Paulo – é o órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, fundado em 1958 após a fusão dos jornais *O Puritano*, fundado em 1889, e *O Norte Evangélico*, fundado em 1909. Segundo Márcio Ananias Ferreira Vilela (2014, p. 110) as reportagens e editoriais publicados quinzenalmente assumiram, a partir de maio de 1964, uma dimensão politicamente estratégica e bastante específica, sofrendo um processo de seletividade, escolha e negociação. Muito embora, antes mesmo das ações militares de 1964, já fosse possível localizar na documentação uma postura política que favorecia os setores contrários ao governo do presidente João Goulart.



*Oficial do Estado de Sergipe*<sup>23</sup>, *Informativo da Comissão Presbiteriana de Evangelização*<sup>24</sup> e *Revista Jubileu de Ouro das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe*<sup>25</sup>.

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere (CAPELATO; PRADO, 1980, p. 19).

Durante a pesquisa, o tratamento dessas fontes jornalísticas se deu de forma metodológica através da percepção dos embates internos e externos de cada jornal. Além de contextualizar cada periódico, cruzamos as informações jornalísticas com outras fontes disponíveis como entrevistas e atas administrativas, recursos já citados anteriormente. Essa investigação deu corpo e sentido a esse estudo, os detalhes serão apontados mais adiante de forma sistematizada nos capítulos que se seguem.

Este estudo analisa a ação e pensamento do grupo de evangélicos de Sergipe através de suas memórias do golpe e ditadura brasileira. Fiorin (1988, p.13) define a ideologia como o “conjunto de representações elaboradas a partir da aparência do real”. Isso significa que nenhum conhecimento é neutro, pois expressa sempre uma visão de mundo que não é senão o ponto de vista de uma classe social, seja de suas formas aparentes, seja de suas formas essenciais. Compreende-se que “a memória histórica, assim como a ideologia, pode ser manipulada de acordo com as correlações de forças e interesses das classes num determinado momento histórico” (CARDOSO, 2012, p. 17).

É imprescindível a toda pesquisa histórica dialogar com obras que sejam relevantes à proposta de estudo. Uma vez que, além do uso das fontes, faz-se necessário atentar para o que já foi produzido sobre a temática ou áreas afins. Nesta perspectiva, José Ferreira de Lima Júnior defendeu, em 2008, sua dissertação de mestrado, intitulada – “*Protestantismo e Golpe Militar de 1964 em Pernambuco: uma análise da Cruzada de Ação Básica Cristã*” (Universidade Federal de Pernambuco, UFPE). O autor analisa a “Marcha da Família com Deus pela

<sup>23</sup> A Lei número 104 de 5 de dezembro de 1894, assinada pelo presidente de Sergipe da época, Manoel Prisciliano de Oliveira Valadão, autoriza a fundação da Imprensa Oficial do Estado de Sergipe. Sancionada a lei, em 24 de agosto de 1895, entra em circulação o primeiro número do Diário Oficial do Estado de Sergipe, em 1º de setembro do mesmo ano. Além de noticiar os atos oficiais do Estado, o Diário sempre se destacou por suas notas de comércio e cultura, crônicas, poesias e coberturas de eventos importantes, além de propaganda de filmes, assuntos da sociedade e muitos outros. Através do *Diário* é que são legitimados os atos do Governo. Disponível em <<https://segrase.se.gov.br/canal/historia-segrase>>. Acesso em 08 de novembro de 2016.

<sup>24</sup> Periódico que informava as ações da Comissão Presbiteriana de Evangelização (CPE).

<sup>25</sup> Edição comemorativa aos 50 anos da instituição no Estado de Sergipe, publicada em 1982.

Liberdade”, no Recife, que significou o apoio de grupos religiosos, tanto protestantes, quanto católicos, ao golpe civil-militar de 1964 e o apoio dado em nome da preservação dos valores cristãos e democráticos que estariam sendo ameaçados.

Membros dirigentes de igrejas protestantes e da Igreja Católica se uniram contra um inimigo comum: o comunismo. Dentro desse contexto destacamos alguns eventos que, em certa medida, contribuíram para o processo de legitimação do regime iniciado em 1964, tais como: a Cruzada *Cristo a Única Esperança*<sup>26</sup> (1965), uma campanha lançada pela Convenção Batista Brasileira em âmbito nacional e a “Cruzada de Ação Básica Cristã<sup>27</sup>” (Cruzada ABC) de 1965 a 1971, inicialmente em Pernambuco e expandindo-se posteriormente para outros Estados brasileiros, como Sergipe, Alagoas e Paraíba. A cruzada ABC também foi um movimento também evangélico, ainda que objetivasse a educação de jovens e adultos, “projeto sustentado por um acordo entre a USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional), o Colégio Agnes Erskine<sup>28</sup>, de Recife (educação confessional), e a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)” (LIMA JUNIOR, 2008, p. 96); somando-se à cruzada *Cristo Esperança Nossa*, em setembro de 1964, na capital sergipana, objeto de estudo desse trabalho.

Antônio Gouvêa Mendonça publicou o artigo – “*O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*”, na Revista USP, em 2005. Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, ele analisa a inserção do protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas desde a conceituação do termo protestantismo e o que é ser um protestante. É preciso situar os evangélicos dentro do contexto do estudo da ciência das religiões. De igual modo, ressaltamos a análise feita por Mendonça em paralelo com algumas obras do Prof.º Dr. Rubem Alves, como “*Dogmatismo; Tolerância e Religião*” (1987) e “*Religião e Repressão*” (2005), pois ambos trabalham o protestantismo brasileiro, e este bem mais que aquele se aproxima da relação entre religião e ditadura militar; até porque Alves foi um presbiteriano considerado “subversivo”, por adotar uma teologia voltada para o social.

<sup>26</sup> SILVA, Elizete da. *Protestantismo em Feira de Santana, algumas considerações*. Disponível em <[http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_II/elizete\\_da\\_silva.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/elizete_da_silva.pdf)>. Acesso em 12 de agosto de 2016.

<sup>27</sup> Para maiores informações, ver LIMA JUNIOR, José Ferreira de. *Protestantismo e Golpe Militar de 1964 em Pernambuco: uma análise da Cruzada de Ação Básica Cristã*, UFPE, 2008.

<sup>28</sup> Colégio fundado em 1904, em Recife, sendo mantido pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e tendo entre seus objetivos fundamentais a evangelização (SCOCUGLIA, 2002, p. 2).

Segundo Alves (2005) antes os protestantes queriam salvar as almas do inferno e leva-las para o céu. Em 1964 era salvar o Brasil. Transformar o país. Fé metafísica se transformou em fé política. A transcendência que estava no céu, passou a transcendência que estava no futuro. Outro trabalho que merece nossa atenção intitula-se *Crônica da Conferência do Nordeste* (1962), que nasceu da atividade religiosa. O Encontro foi promovido pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja do Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Essa Conferência realizou-se em Recife, de 22 a 29 de julho de 1962, e teve como título “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”. A obra foi organizada por Waldo César (Secretário Executivo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja) e é estruturada em forma de diário. A crônica capta os principais acontecimentos da Conferência e leva o leitor a compreender as circunstâncias desta memorável reunião de estudos.

Observa-se que o presidente da Comissão Organizadora da Conferência, Almir dos Santos, deixa bem claro na interpretação da *Crônica* que o Nordeste foi escolhido intencionalmente para sediar as reuniões. Ele elenca alguns motivos para escolha dessa região: o Nordeste se tornou centro das preocupações da política nacional e internacional e o local apresentava o ponto mais crítico da crise brasileira, chamada de “Cuba brasileira” ou “estopim da revolução” (CÉSAR, 1962, p.13). A *Crônica* revela ainda que vários representantes das igrejas evangélicas de todo nordeste participaram do evento.

O Golpe, em 1964, caracteriza-se como um movimento conspiratório entre civis e militares, culminando num novo regime que começou a alterar a estrutura política do país através dos chamados Atos Institucionais (AI). Segundo Boris Fausto (2009, p. 258-259) os expurgos atingiram, em 1964, quarenta e nove juízes e no Congresso, cinquenta parlamentares tiveram seus mandatos cassados. Calcula-se, em números conservadores, que mais de 1400 pessoas foram afastadas da burocracia civil e em torno de 1200 das Forças Armadas. Célia Costa Cardoso (2011, p. 8) faz a análise dos mandatos de segurança impetrados contra a Assembleia Legislativa de Sergipe, que cassou mandatos de parlamentares. Discute, desta forma, a trajetória política de deputados estaduais cassados e observa que, além das lideranças sindicais e dos membros do Partido Comunista, “as perseguições aos civis no Estado atingiram todos os escalões da administração pública: o chefe do executivo estadual, políticos de carreira e funcionários públicos”.

O cerne desse trabalho está na abordagem do papel dessas marchas no golpe de 1964 e, mais precisamente, da *Cruzada Cristo Esperança Nossa*, que se caracteriza como

marcha evangélica. Ademais, foi necessário discutir o vasto campo da religiosidade brasileira, para situar os evangélicos e a sua participação no espaço político, como também os seus interesses religiosos. A Cruzada transcendeu o campo religioso e até mesmo cultural, alcançando temáticas políticas para difusão do ideário anticomunista. A análise dessas manifestações idealizadas por religiosos, em sua grande maioria conservadores, permite-nos enxergar uma nova sensibilidade política, com possibilidades de compreender a vitória e permanência dos militares no poder em 1964.

Percebe-se, ao fazer a análise da influência dessas marchas, que nas relações sociais presentes no campo político o Estado e seus elementos não estão simplesmente coordenando a malha do poder que se abate sobre a sociedade, mas existem no interior desse campo micro poderes descontínuos e dispersos representados por instituições. Porquanto, as ligações estabelecidas entre si precisam ser aprofundadas. Desse modo, o Estado é mais do que uma agência de poder, pois apresenta aspectos relacionais de dominação em todos os níveis.

O trabalho se apresenta estruturado em três seções, além de introdução e conclusão. Na primeira seção – IGREJAS, MARCHAS E O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 – contextualizou-se o golpe de 1964 no Brasil pontuando a participação da sociedade civil organizada, sobretudo de instituições e igrejas; e salientamos a importância e o papel de manifestações religiosas como marchas e cruzadas, em apoiar direta ou indiretamente o movimento político-militar a partir dos jornais já citados nessa introdução.

Na seção II – O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 E O ESTADO DE SERGIPE – apresentamos um breve histórico do estabelecimento do protestantismo em Sergipe e discutimos a organização e realização desta Cruzada religiosa no estado, para compreender o tipo de colaboração ao golpe de Estado e os focos de ideologia anticomunista<sup>29</sup>, além de seus desdobramentos no cenário político sergipano de 1964, com base nas fontes jornalísticas e

---

<sup>29</sup> "Anticomunismo", como o próprio nome diz, designa uma doutrina que se define por oposição ao comunismo. Nesse sentido, pode-se falar de anticomunismo desde que o comunismo existe. Ele ganha força, no entanto, a partir da revolução bolchevista de outubro de 1917, na Rússia, quando o comunismo se torna uma alternativa política real. Embora de fácil definição, o termo "anticomunismo" engloba um conjunto bastante heterogêneo de forças políticas e sociais. Católicos, liberais, militares, empresários, nacionalistas, fascistas e socialistas democráticos aparecem unidos por uma postura negativa, por se posicionarem contra um inimigo comum. Por isso, a convergência entre os diversos anticomunismos ocorre apenas em períodos percebidos como de aumento do "perigo comunista", geralmente de curta duração. Disponível em < [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/O\\_anticomunismo\\_nas\\_FFAA](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/O_anticomunismo_nas_FFAA)> Acesso em 15 de outubro de 2016.

entrevistas orais concedidas por participantes e contemporâneos à cruzada *Cristo Esperança Nossa*.

A seção III – DA DEMOCRACIA AO AUTORITARISMO: QUESTÃO SOCIAL, IGREJA E RESISTÊNCIA – busca, por sua vez, fazer uma análise dos grupos mais progressistas dentro de algumas igrejas evangélicas, com ênfase para a sua atuação no Nordeste. Também procurou desenvolver uma análise comparativa, que permitiu fornecer pontos semelhantes e diferentes entre os movimentos de resistência à ditadura, de protestantes e católicos, principalmente no trato da questão social, utilizando o Jornal *Brasil Presbiteriano*, o texto da *Crônica da Conferência do Nordeste*, o Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo – de 21 de novembro de 1964 e entrevistas orais.

O estudo das religiões e sua influência no campo social tem ganhado cada vez mais espaço na historiografia brasileira. Trabalhos como teses e dissertações têm sido publicadas problematizando o fenômeno do crescimento dos evangélicos no país, desde a segunda metade do século XX, sobretudo sua relação com o campo político. Esse trabalho vem justamente contribuir com os avanços nas pesquisas em torno da historiografia do protestantismo e também na história do Brasil contemporâneo.

## I. IGREJAS, MARCHAS E O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

*“Na verdade, em 1964 houve um golpe de Estado quando as forças armadas, apoiadas por setores da classe média alta, destituíram um governo legalmente constituído e impedido de realizar as reformas de base que pregava, por não contar com a maioria do parlamento” (ANDRADE, 1989, p. 13).*

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) trouxe drásticas consequências para humanidade. O número de vítimas foi sem precedentes. Politicamente, o fim do conflito marcou o declínio do poder da Europa Ocidental no mundo e abriu caminho para a ascensão dos Estados Unidos (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) como as duas únicas grandes potências econômicas, políticas e militares, em torno das quais o resto do mundo se alinhou. Iniciou-se uma acirrada disputa pela hegemonia mundial e formaram-se dois blocos de países. De um lado, liderado pela URSS, reuniam-se os países socialistas e do outro, sob o comando dos EUA, os capitalistas. As tensões resultantes dessa disputa ficaram conhecidas como “Guerra Fria” (1947-1991)<sup>1</sup>.

Entre os recursos utilizados pelas superpotências durante a Guerra Fria está o apoio a golpes de Estado durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, o governo estadunidense, por exemplo, colaborou com diversos golpes na América Latina. A situação agrava-se quando é implantado o regime socialista em Cuba, em 1961. O fato fez o governo norte-americano mudar de postura em relação à América Latina. Carlos Fico (2014, p.26) mostra que os EUA, a partir daí, buscariam apoiar economicamente os países latino-americanos, com a prerrogativa da diminuição da pobreza (causa das aspirações socialistas) e a melhoria de sua imagem, a fim de não permitir a implantação de uma “outra Cuba”. Fico deixa evidente que o fortalecimento de governos militares na região também seria visto como admissível e desejável, tendo em vista o combate ao comunismo.

Sobre esse contexto internacional, o Pr. Virgínio recorda as dificuldades vividas por ele, quando é enviado pela Assembleia de Deus sergipana, no início da década de 1970, para o trabalho missionário na África:

[...] não era muito fácil porque existia uma pressão muito grande, existia também uma falta de conhecimento das pessoas acerca dos evangélicos. Então, nesse período nós já enfrentávamos até no colégio quando jovem, na

---

<sup>1</sup> Para a Guerra Fria, ver: RODEGHERO, Carla Simone. *Capítulos da Guerra Fria - O Anticomunismo Brasileiro Sob o Olhar Norte-americano (1945-1964)*. Editora: UFRGS, 2007.

década de 60, e nós sabemos que podemos dizer que mais ou menos em 64<sup>2</sup> vem a revolução e nisso pra frente então, as coisas foram se complicando cada dia mais. Porém, na década de 70 o mais difícil não foi sair, o mais difícil foi ser recebido no exterior, porque naquele momento não se aceitava o brasileiro no exterior por duas razões: um de direita, eles então não aceitavam porque achavam que poderia ser comunista que estava refugiado. E os de esquerda que lá estavam, eles não acreditavam também no brasileiro, no patriota, porque achava que seria sempre para denunciá-los<sup>3</sup>.

É necessário destacar que antes da África, o missionário Viginio passa por um treinamento e adaptação na França – Europa. Na citação à cima, está clara a forma como a situação política do Brasil era vista no exterior. Ao refletir sobre o debate político e social em torno da sociedade brasileira da década de 1960, é urgente a necessidade de aprofundar e investigar os desdobramentos do golpe civil-militar<sup>4</sup> deflagrado no Brasil em 1º de abril de 1964. Ano no qual o país assistiu a um golpe civil-militar apoiado por parcelas da sociedade civil organizada, que depôs o presidente da república e gerou intensa onda de repressão.

Pensar a dura realidade da ditadura nos apresenta algumas questões: a tradição política do Brasil era intrinsecamente democrática ou autoritária? O golpe de 1964 encerrou a era democrática pós-Estado Novo em 1945? O que era corrente no Brasil? Percebe-se que “mesmo nos períodos democráticos os governos republicanos mantiveram algumas marcas do autoritarismo” (SKIDMORE, 1998, p. 247). O espectro autoritário que ronda a malha do poder se dilui nas relações entre Estado e sociedade, gerando um aparato de interdependência entre os mesmos, em que nessa relação, pensar que apenas torturas e repressões por si só, não traduzem e respondem a inquietações preponderantes na história dos governos militares no Brasil.

Dessa forma, observa-se desde a posse de João Goulart na Presidência da República, em 1961, que setores militares já vislumbravam sua queda, pois, para alguns deles, “Jango simbolizava tudo aquilo que havia de ‘negativo’ na vida política brasileira: demagogo, subversivo e implacável inimigo da ordem capitalista” (TOLEDO, 1982, p. 12). O golpe em

---

2

<sup>3</sup> Entrevista concedida ao autor em 23 de maio de 2013, na cidade de Aracaju/SE.

<sup>4</sup> A pesquisa trabalha com o conceito de Golpe Civil-Militar e Ditadura Civil-Militar, pelo fato das fontes revelarem que os militares golpistas se preocuparam de antemão em construir alianças políticas e conseguir apoio social antes do golpe, nesse caso, por exemplo, o apoio de grupos religiosos conservadores dentro da igreja católica e denominações protestantes como a Igreja Batista, a Igreja Presbiteriana e a Assembleia de Deus. Existem vários modelos para se compreender um golpe de estado. O golpe é por natureza subversivo, construído na clandestinidade, preparado com considerável antecedência. Não podemos, assim, estudar o golpe simplesmente a partir da tomada do poder. Sua preparação talvez diga mais sobre seus objetivos e componentes do que o golpe em si. Segundo Carlos Fico (2014) é patente a participação e o apoio civil ao golpe e ao regime.

1964, ainda, conquistou adeptos em outros setores, tendo sido possível graças à participação da sociedade civil: empresários, setores conservadores da igreja Católica e de igrejas protestantes, da imprensa, além da colaboração do governo estadunidense.

O movimento golpista contava com o apoio de governadores de Estados importantes como Magalhães Pinto, Governador de Minas Gerais; Adhemar de Barros, de São Paulo e Carlos Lacerda, do Estado da Guanabara. No Congresso Nacional, grande parte dos parlamentares deu aval ao golpe. O Supremo Tribunal Federal (STF) calou-se diante da crise política. Em março de 1964, segundo o depoimento do seu ex-ministro da Educação, Paulo de Tarso, João Goulart (Jango) percebeu que não foram grupos civis e militares minoritários que trabalhavam em prol do movimento golpista, mas era a ação conjunta das Forças Armadas com o apoio de empresários, de amplos setores das classes médias urbanas e dos meios de comunicação de massa.

A reação do Supremo Tribunal Federal (STF) diante do novo regime, como pontuou CARVALHO (2010), foi posicionar-se com a máscara da “neutralidade”. O Supremo calou-se diante do golpe militar de 1964. Seu presidente, Álvaro Moutinho Ribeiro da Costa, filho de general e irmão de coronéis, foi à posse de Ranieri Mazzilli na noite de 1º de abril, quando João Goulart ainda estava no Brasil. Em discurso no STF, o presidente da Casa estendia a mão ao novo governo revolucionário de 1964:

Seria farisaico negar a simpatia inicial de Ribeiro da Costa pela sublevação vitoriosa dos quartéis de 1964: ela se manifesta tanto na sua presença no palácio do planalto, na madrugada de 2 de abril (posse de Ranieri Mazzilli), quanto no discurso com o qual, em 17 de abril, recebe a visita ao Tribunal do Presidente Castello Branco (RODRIGUES, 2002, p. 334).

O golpe, seguido de uma ditadura civil-militar, deflagrou uma intensa repressão em todos os setores da sociedade (CARDOSO, 2012, p. 15). Nos primeiros dias após o golpe, um violento controle atingiu os setores politicamente mais mobilizados à esquerda no âmbito político, a exemplo da União Nacional dos Estudantes (UNE), a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), as Ligas Camponesas e grupos católicos, como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Ação Popular (AP). Surgiram, deste modo, várias formas de resistência à ação repressora da ditadura.



Do ponto de vista cultural, foram inúmeras as manifestações contrárias ao regime. A primeira ocorreu em dezembro de 1964, com o "*Opinião*"<sup>5</sup>, uma mistura de show musical e teatro movido por denúncias e músicas de protesto, com o propósito de sensibilizar o público a se engajar na luta contra os ditadores. Os festivais da canção organizados pela TV Excelsior de São Paulo, de 1965 a 1968, foram uma grande oportunidade para que cantores e compositores manifestassem sua oposição ao governo devido ao enorme alcance de suas apresentações, atingindo mais ao público jovem. Para neutralizar o avanço das ideias oposicionistas, cada vez mais crescente entre os jovens, foi difundido "em nome da Segurança Nacional a 'guerra à cultura', universidades foram invadidas e ocupadas, professores e alunos presos, editoras saqueadas, livros apreendidos, bibliotecas destruídas" (CARDOSO, 2012, p. 23).

Além do plano cultural, na política vários deputados e senadores<sup>6</sup> ao longo de alguns anos perderam os seus mandatos, por desferir críticas duras e corajosas ao regime. Grupos de oposição mais extremistas desistiram de combater o governo por meio de palavras e resolveram organizar grupos guerrilheiros para tirar os militares do poder pela força das armas, como é o caso da Ação Libertadora Nacional<sup>7</sup> (ALN), organização revolucionária criada em 1968 por Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira e Virgílio Gomes da Silva, dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Por semelhante modo, o movimento operário também tentou reagir às restrições das ações sindicais e ao arrocho salarial imposto pelos militares por meio de greves em 1968, em Contagem – MG e Osasco – SP.

Os militares na história do Brasil foram agentes políticos relevantes, mesmo em períodos democráticos. Daniel de Aarão Reis diz que é preciso recuperar a atmosfera da época, os tempos de Guerra Fria, de radical polarização. "Nesse momento demonizavam-se mutuamente, e não havia ali espaços para meios-termos ou posições intermediárias. A luta do Bem contra o Mal. Para muitos, Jango era o Mal, a Ditadura um Bem" (REIS, 2012, p. 33). A proclamação, por Fidel Castro, de uma Cuba socialista, logo aliada à União das Repúblicas

---

<sup>5</sup> "Opinião" foi um espetáculo escrito por Oduvaldo Vianna Filho e outros, dirigido por Augusto Boal e interpretado por Nara Leão, Zé Ketí e João do Vale, estreou em 11 de dezembro de 1964. (SÁ NELSON, 2014). Tornou-se uma referência na chamada "música de protesto" e é considerado um dos mais importantes da história da Música Popular Brasileira (MPB).

<sup>6</sup> Somente nos primeiros sessenta dias, o governo militar de Castelo Branco cassou e/ou suspendeu os direitos políticos de pelo menos 441 pessoas envolvidas mais diretamente com a militância política (SKIDMORE, 1988, p. 60).

<sup>7</sup> Ver <<http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-libertadora-nacional-aln>>. Acesso em 20 de junho de 2016.

Socialistas Soviéticas (URSS), abriu brecha em um continente que vivia submetido ao capital e a hegemonia político-militar dos Estados Unidos.

A partir do dia 29 de novembro de 1961, ano em que a presidência passou para as mãos de João Belchior Marques Goulart, “o Jango”, veio oficialmente a existir o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais<sup>8</sup> (IPES) e teve o coronel Golbery de Couto e Silva<sup>9</sup> como um dos principais dirigentes. Ostensivamente apregoava reunir homens de negócio e intelectuais civis e militares interessados em estudar as reformas básicas propostas por João Goulart e a esquerda, sob o ponto de vista de um técnico-empresário liberal. Coordenava operações contra o governo João Goulart, dispondo de amplos recursos financeiros, generosamente recebidos da embaixada dos Estados Unidos, então dirigida por Lincoln Gordon, que estimulou o funcionamento de organizações subsidiárias e paralelas (AQUINO, 2012, p. 29).

Uma das instituições mais ativas foi o *Instituto Brasileiro de Ação Democrática* (IBAD), criado a pretexto de defender a democracia. Seu coordenador era Ivan Hassloche, ex-integralista e notório anticomunista, apontado até como agente da Central Intelligence Agency (CIA): “Dispondo de polpudos recursos financeiros, financiou eleições de candidatos claramente vinculados a projetos conservadores e favoráveis a uma aliança incondicional com os EUA” (AQUINO, 2012, p. 30). Foi marcante a interferência dos dirigentes desta instituição no processo eleitoral de 1962 e seu apoio a candidatos contrários ao governo de João Goulart.

Do IBAD originou-se a *Ação Democrática Popular* (ADEP) e a *Incrementadora*, encarregadas de agilizar campanhas eleitorais contra o governo através dos meios de comunicação escrita, falada e televisada, sobretudo por meio dos *Diários Associados*<sup>10</sup> e *TV Record*<sup>11</sup>, como também através do IPES. Estes órgãos constantemente se posicionavam a favor da internacionalização da economia, inclusive com a produção de filmes para mobilizar a

---

<sup>8</sup> O Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) formavam uma estrutura presidida por empresários ligados ao capital multinacional e associados que conspirou ativamente contra o governo Goulart, financiando as principais ações políticas e ideológicas em nível nacional (DREIFUSS, 1981, p. 162-172).

<sup>9</sup> Golbery de Couto e Silva produziu vários estudos, inclusive defendendo o binômio segurança e desenvolvimento, que posteriormente veio a embasar a Doutrina de Segurança Nacional vigente na ditadura militar (AQUINO, 2012, p. 27).

<sup>10</sup> Vale lembrar que o poder relativo dos Diários Associados no início dos anos 60 era certamente muito maior do que o das Organizações Globo neste início de século XXI. O principal biógrafo de Assis Chateaubriand afirma que ele foi “infinitamente mais forte do que Roberto Marinho” e “construiu o maior império de comunicação que este continente já viu”. (*Idem, Ibidem*)

<sup>11</sup> A TV Record era uma das maiores emissoras do Brasil na década de 1960, foi fundada por Paulo Machado de Carvalho em 21 de setembro de 1952. Entrou em decadência nos anos 1980 e foi vendida ao pastor evangélico Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus.

opinião pública<sup>12</sup> contra o governo Goulart. Dreyfuss (2008) afirma que o IPES conseguiu estabelecer um sincronizado assalto à opinião pública.

Estava em curso a “Operação Brother Sam<sup>13</sup>”, planejada pelo governo dos Estados Unidos para ajudar os militares brasileiros no golpe. Lyndon Johnson, que assumira a presidência do país após o assassinato de John Kennedy, no final de 1963, deu ordem para que na manhã de 31 de março de 1964, seguisse para o Brasil uma esquadra equipada para prover munição extra aos conspiradores. Na realidade o plano todo vinha sendo arquitetado há bem mais tempo. Em 30 de julho de 1962, o bem informado embaixador dos Estados Unidos em Brasília, Lincoln Gordon, reuniu-se com Kennedy para avisar que os militares planejavam uma insurreição. Acredita-se que o papel dos EUA não foi fator decisivo para o golpe, como também não é possível explicar o processo de tomada do poder apenas pela preponderância do elemento externo, embora seja evidente que interessava muito a “Casa Branca” tirar do poder João Goulart e outros presidentes de linha mais esquerdista. De tal maneira que,

Toda movimentação em torno do golpe foi acompanhada de perto pelo Departamento de Estado norte-americano. Através de telegramas e relatórios semanais, os funcionários das embaixadas e dos consulados espalhados pelo Brasil forneciam a Washington relatos da situação política vivida pelo país. Na série de documentos disponibilizados pelo Departamento de Estado, através de projeto *Opening the Archives*, é possível encontrar alguns desses informes (MAYNARD, 2015, p. 117).

A afirmação de Maynard já havia sido observada também por Carlos Fico<sup>14</sup>, este indica que a relação dos Estados Unidos, na década de 1970, com a ditadura brasileira era tão boa que o sucessor de Lyndon Johnson, Richard Nixon, chegou a elogiar publicamente o

---

<sup>12</sup> Opinião pública é a opinião geral dos cidadãos em relação ao Estado, à sociedade e a outros temas ou questões. A opinião pública muitas vezes é revelada através de iniciativas privadas ou de meios de comunicação. Em várias ocasiões os órgãos que expressam a opinião pública se transformaram em órgãos que exercem a manipulação através de propaganda, através de governos ou empresas. Segundo Aurélio Buarque de Holanda (2000) a expressão ‘opinião pública’ faz parte da família de conceitos que podem ser considerados clássicos em algumas ciências. No caso da Ciência Política, por exemplo, a questão da opinião pública (a “lei da opinião ou reputação”) aparece nos escritos de J. Locke como uma espécie de substrato moral da sociedade. No Contrato Social, a opinião pública surge em estreita correlação com a soberania popular, as leis, os costumes e a moral. O fenômeno foi também estudado por pensadores importantes como Kant, Burke, Bentham e Benjamin Constant.

<sup>13</sup> Foi determinada a “Operação Brother Sam” para apoiar militarmente o golpe de 1964, bem como uma significativa ajuda financeira durante o governo de Castelo Branco. (FICO, 2014, p. 30)

<sup>14</sup> Para maiores informações ver FICO, Carlos. *O Grande Irmão - Da Operação Brother Sam aos Anos de Chumbo - O Governo dos Estados Unidos*. Civilização Brasileira, RJ, 2008.

governo Médici, no ápice da fase da tortura<sup>15</sup>. Segundo o *Jornal do Brasil*<sup>16</sup>, em 1973, ele garante prioridades para a América Latina e afirma estar impressionado com a crescente capacidade dos países do Hemisfério Sul de reunir recursos para o seu próprio desenvolvimento e contribuir para o crescimento de outras nações latino-americanas e que em seu novo governo a América Latina teria posição prioritária no plano de ação governamental.

A política colaboracionista entre Brasil e Estados Unidos predominou no período republicano, exceto em alguns momentos da gestão Jimmy Carter (1977-1981). A promoção dos direitos humanos foi uma das peças-chave do projeto de política externa do democrata Jimmy Carter nas eleições presidenciais americanas de 1976. Seu discurso contundente implicava numa alteração das relações com as ditaduras militares na América do Sul, especialmente com o Brasil. Carter, ainda em campanha, criticou a tortura no Brasil, causando espanto aos ditadores brasileiros. Na presidência, Carter fez da defesa dos direitos humanos peça central de sua política externa. Embora Thomas Skidmore (1998) expôs que, mesmo antes da era Carter, na primeira metade dos anos 1970, já existiam inquietações na Casa Branca e em setores da sociedade estadunidense com os níveis de violência do autoritarismo militar brasileiro

## 1.1 ENTRE COLABORAÇÕES E CUMPLICIDADES: O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964

A história política republicana foi marcada por duras investidas de militares e civis contra poderes instituídos e constitucionais. O golpe civil-militar, deflagrado nos anos sessenta, passou a mostrar seu caráter arbitrário com o lançamento dos Atos Institucionais (AI). Mas, da arena da luta por legitimidade dos governos militares pós-1964, emergiu um movimento de resistência atuante e significativo (CARDOSO, 2011, p. 7). A tomada do poder do Estado foi precedida da bem orquestrada política de desestabilização que envolveu corporações

---

<sup>15</sup> Em novembro de 1969, logo no início do governo Médici, o presidente norte-americano Richard Nixon fez um pronunciamento dirigido aos países latino-americanos, inclusive ao Brasil, cujos governos vinham desenvolvendo medidas contrárias à política econômica dos EUA em relação ao continente. Manifestando-se a respeito dos regimes políticos do continente, afirmou que, apesar de adepto da democracia, em “nível diplomático devemos lidar realisticamente com os governos dentro do sistema interamericano, tais como são”. Sua declaração foi interpretada como um sinal aberto aos governos autoritários e acolhida com entusiasmo por Médici – Biografia de Emílio Garrastazu Médici – Disponível em <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/medici-emilio-garrastazu>>. Acesso em 10 de março de 2016.

<sup>16</sup> *Jornal do Brasil*, nº 286, de 02 de fevereiro de 1973. Disponível em <[http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015\\_1973\\_00286.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1973_00286.pdf)>. Acesso em 10 de março de 2016.

multinacionais, o capital brasileiro associado – dependente, o governo dos Estados Unidos e os militares brasileiros – em especial um grupo de oficiais da Escola Superior de Guerra (ESG). “A Constituição de 1946 (artigos 66, 88 e 89) estipulava apenas três formas legais pelas quais um presidente vivo podia abandonar o cargo antes do fim do seu mandato: por renúncia, por impedimento votado pelo Congresso ou por se afastar do país sem aprovação legislativa” (SKIDMORE, 1998, p. 45).

Thomas Skidmore (1998) apresenta que em 31 de março e 1º de abril, unidades militares tomaram prédios governamentais importantes em Brasília e no Rio de Janeiro. Os militares e a polícia prenderam rapidamente figuras de destaque no governo deposto. Líderes sindicais foram os primeiros alvos. Em poucos dias o novo governo havia se consolidado no poder e não teve legitimidade pela lei constitucional existente no país naquele momento (SKIDMORE, 1998, p.216). Algumas questões permaneceriam sem resposta: quanta liberdade seria dada à oposição para se organizar? E como o governo militar iria tratar sua oposição?

Para o historiador e professor de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), Daniel de Aarão Reis, é preciso aprofundar o debate sobre as conexões civis do regime militar. Ele propõe a diferenciação entre ditadura e estado de direito autoritário<sup>17</sup>. É importante a discussão sobre os fundamentos sociais e históricos da ditadura. Entretanto, nota-se que a ditadura brasileira nunca se declarou como tal, mas se autodenominava uma "democracia relativa".

Observa-se que o golpe fora exaltado pelos principais meios de comunicação do país. Consagrou-se como um movimento em defesa da lei e da ordem e pela salvação da pátria. Matérias e manchetes de jornais, como da *Gazeta de Sergipe*, dão ideia do clima tenso que vivia o Brasil. Nesse período, a mídia impressa e falada (rádio e TV) foram os meios mais eficazes na disseminação das informações que envolviam o cenário político nacional. Jornais de grande circulação como a *Folha de São Paulo*, segundo Antônio Dias (2012, p. 28), buscavam legitimar o golpe, afirmando que Goulart governava com e para comunistas, que tentava fechar

---

<sup>17</sup> Em entrevista a Leonardo Cazes, publicada pelo jornal *O Globo*, 15 de fevereiro de 2014, Aarão Reis diz que tenta fixar um critério para conceituar um governo como ditatorial ou não. O critério que ele colocou é óbvio, o do estado de exceção. É quando o governo faz e desfaz leis a seu bel-prazer, não passando por nenhuma instância de controle nem sendo controlado por nenhuma instância. O governo inventa os meios legais como quer. A exemplo da figura jurídica do banimento, criada para permitir a libertação dos 15 presos trocados pelo embaixador americano em 1969. A república entre 1946 e 1964 era um estado de direito autoritário. Quase metade da população não votava porque era analfabeta. *O Globo* – Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/528372-daniel-aarao-reis-as-conexoes-civis-da-ditadura-brasileira->>. Acesso em 12 de abril de 2016.

o Congresso e estava atacando a Constituição; sendo assim, a intervenção militar teria sido uma ação justa. Conforme:

Tanto o *Estadão* quanto a *Folha* defenderam a deposição de um presidente eleito pelo povo e derrubado pelas forças armadas como defesa da lei e do regime. A imprensa paulistana, apresentando-se como porta-voz da opinião pública, saudou a instalação de um governo autoritário e ilegítimo como se fosse democrático e legal (DIAS, 2012, p. 30).

A participação dos amplos segmentos da população levou à instauração da ditadura. “Marchas foram organizadas por grupos civis de direita com ligações com outros grupos do mesmo segmento na América do Sul – alguns sem dúvidas apoiados secretamente pelo governo dos EUA” (SKIDMORE, 1998, p. 2015). Foram as Marchas da Família com Deus pela Liberdade que mobilizaram milhões de pessoas, de todas as classes sociais. Tratava-se de um impressionante movimento de massas de apoio ao golpe e contra o governo Goulart (REIS, 2012, p. 33). Estiveram com as Marchas lideranças empresariais, políticas e religiosas, além de instituições tradicionais da sociedade como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Esses acontecimentos configuram instrumentos de percepção por meio dos quais o indivíduo vai acessar e processar essa mesma realidade, é o que Pierre Bourdieu (1996) chama de *habitus*. Segundo ele,

O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas (BOURDIEU, 1996, p. 18).

Para Bourdieu (1996), ao utilizar o conceito de *habitus*,

a cultura não é só um código comum, nem mesmo um repertório comum de respostas a problemas comuns ou um grupo de esquemas de pensamento particulares e particularizados: é, sobretudo, um conjunto de esquemas fundamentais, precisamente assimilados, a partir dos quais se engendram, segundo a arte da invenção semelhante à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares (BOURDIEU, 1996, p. 342).

Nas ciências humanas o conceito de *habitus* tem uma longa história. Utilizado por Émile Durkheim, no livro *A evolução Pedagógica* (1995), o autor fez uso do conceito para designar um estado geral dos indivíduos, estado interior e profundo, que orienta suas ações de forma durável. Ele se apropria desse conceito com o propósito de observar duas situações singulares: as sociedades tradicionais e os internatos.

Maria da Graça Jacintho Setton (2002, p. 64) compreende que *habitus* é um instrumento conceitual que auxilia a apreender certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e preferências de grupos e/ou indivíduos produtos da mesma trajetória social. A autora reitera a necessidade de considerar o *habitus* como um sistema flexível de disposição, não apenas resultado da sedimentação de uma vivência nas instituições sociais tradicionais, mas um sistema em construção, em constante mutação e, portanto, adaptável aos estímulos do mundo moderno.

O conceito não expressa a ordem social, funcionando pela lógica pura da reprodução e da conservação; ao contrário, a ordem social constitui-se através de estratégias e de práticas nas quais e pelas quais os agentes reagem, adaptam-se e contribuem no fazer da história. “As noções, crenças, práticas, sistemas de valores, de comportamentos, de atitudes, de ideias, de costumes, de pensares, de sentimentos são parte constituinte da mentalidade, constituindo justamente o que o indivíduo tem em comum com outros homens de seu tempo” (LE GOFF, 1995, p. 68-93).

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, um título de uma série de eventos realizados em março de 1964 em todo país, como manifestação contrária ao governo Jango e a propaganda “ameaça comunista”, configurou-se no contexto da Guerra Fria. Essa iminente “ameaça” foi identificada no comício do presidente João Goulart, realizado em 13 de março de 1964, na Central do Brasil no Rio de Janeiro, em que se propunha as Reformas de Base: administrativa, jurídica, econômica, agrária para dar novo fôlego ao país. Conforme afirma Magali do Nascimento Cunha<sup>18</sup>, essas reformas se opunham aos interesses dos grupos dominantes, já que envolvia distribuição de bens e terras, o que em muito incomodava os setores sociais hegemônicos. A resposta ao “Comício da Central” se deu em 19 de março daquele ano, com a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade. O jornal *O Globo* noticiava meio milhão de participantes no evento, segundo seus organizadores. Percebe-se que o caráter anticomunista já estava implícito no próprio título escolhido e foi explicitado numa proclamação divulgada pelos idealizadores. A proclamação foi publicada no jornal *O Globo* de 20 março:

Povo do Brasil, A Pátria, imensa e maravilhosa, que Deus nos deu, está em extremo perigo. Deixaram infiltrar-se no corpo da Nação, na administração, nas Forças Armadas e até nas nossas igrejas os servidores do poder totalitário, estrangeiro e devorador. Não defendemos a nossa casa enquanto era tempo,

---

<sup>18</sup> Jornalista e professora da Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/520675-marcha-pela-familia-e-a-liberdade-quem-ja-viu-este-filme>>. Acesso em 22 de abril de 2016.

quando era fácil e, agora, as forças do mal, da mentira e da demagogia ameaçam a própria vida da família brasileira. Mas hoje, na praça pública, dia da família, essa multidão imensa veio, espontaneamente, responder ao chamado das mulheres brasileiras (...). Reformas sim, nós a faremos, a começar pela reforma da nossa atitude. De hoje em diante os comunistas e seus aliados encontrarão o povo de pé (...). Fiéis às nossas religiões, fiéis à nossa Constituição, fiéis à nossa pátria - construiremos o Brasil autêntico, livre, forte e feliz. Com Deus, pela Liberdade, marchemos para a salvação da Pátria! (*O Globo*, 20 de março de 1964, s/p).

Para Magali Nascimento (2013, p.26), essas marchas foram organizadas principalmente por clérigos católicos e por entidades femininas da sociedade civil e da igreja e congregou segmentos da classe média, temerosos do "perigo comunista", contrários às reformas e favoráveis à deposição do presidente João Goulart. Consistiu-se num ato organizado e realizado por alas reacionárias de extrema-direita, constituídas por dirigentes políticos conservadores, membros da classe média e grupos eclesiásticos simpatizantes, com o intento de reafirmar conviência a postura dos militares numa intervenção preventiva para assegurar os “princípios democráticos” do país, em meio à ameaça de uma ditadura comunista.

Em Sergipe não foi diferente. Manifestações foram realizadas, inicialmente no município de Propriá em 29 de março de 1964; ou seja, dois dias antes da deflagração do golpe e dez dias depois da primeira Marcha da Família com Deus em São Paulo. Não foi possível, entretanto, identificar os participantes da marcha no município sergipano e o percurso adotado pelos civis, eclesiásticos e políticos que se fizeram presentes na ocasião, devido a limitações nas informações da fonte<sup>19</sup>. O pesquisador Raphael Vladmir Costa Reis<sup>20</sup> fez um mapeamento da Marcha com Deus e pela Liberdade no Estado e, segundo a *Gazeta de Sergipe*, em 13 de abril de 1964, autoridades religiosas, civis, políticas e eclesiásticas capitanearam a realização da Marcha em Aracaju<sup>21</sup>. Na oportunidade, os populares se reuniram em frente à Assembleia Legislativa e seguiram, conforme a reportagem, para a rua Pacatuba, Avenida Barão de Maruim e rua Santa Luzia, aglutinando-se no Parque Teófilo Dantas. Foi celebrada, por conseguinte, uma missa em Ação de Graças para comemorar o “triunfo da revolução”.

A *Gazeta de Sergipe* noticiou em 28 de abril de 1964 a segunda Marcha da Família na capital. Segundo a fonte, “todas” as instituições aracajuanas de ensino participaram da manifestação, além das delegações de alguns municípios do interior, cujos nomes não foram mencionados. Após o desfile uma missa foi realizada na Praça Olímpio Campos, nas

<sup>19</sup> Jornal *A Defesa* – de 29 de março de 1964.

<sup>20</sup> Estudante do Curso de Museologia na Universidade Federal de Sergipe.

<sup>21</sup> *Gazeta de Sergipe* de 13 de abril de 1964 e 28 de abril de 1964, s/p.



imediações da Catedral Metropolitana, onde um expressivo número de fiéis rezou pela “libertação do Brasil”.

Após a ampla adesão do ato de solidariedade ao golpe militar na capital, a Marcha chegou aos municípios de Barra dos Coqueiros e Laranjeiras<sup>22</sup>. Na tarde do dia 13 de maio de 1964, REIS (2015, p.10) afirma que populares da Ilha de Santa Luzia (atual município de Barra dos Coqueiros) prepararam uma homenagem especial às Forças Armadas durante a realização da Marcha. Em Laranjeiras, a manifestação iniciaria às dezenove horas do mesmo dia, contando com a participação de diversas autoridades religiosas, civis e políticas, inclusive do governador recém-nomeado, Sebastião Celso de Carvalho.

Em setembro desse mesmo ano, os evangélicos também se organizaram em praça pública, com o propósito de fazer apologia à família, ao anticomunismo, à ordem e declarar que a esperança para o Brasil estava em Cristo Jesus. Esse evento sistematizado para um público mais aberto foi nominado “*Cruzada Cristo Esperança Nossa*” e aconteceu em Aracaju de 20 a 27 de setembro de 1964. Fruto da união das principais igrejas evangélicas de Aracaju, porém, produto de um projeto maior no âmbito nacional. Sobre esse projeto e a cruzada, aprofundaremos no próximo capítulo.

A partir do impacto produzido em várias esferas da sociedade brasileira no âmbito social e político, com o golpe civil-militar de 1964, que emerge como um regime antidemocrático, diversas foram as reações diante de tal acontecimento. A despeito dos antecedentes ao movimento golpista revelarem o arranjo político e social em prol da “Revolução de 1964”, visando à massificação ideológica de seus objetivos de tomada do poder. Houve em vários setores da sociedade grupos que apoiaram o golpe<sup>23</sup>, enquanto outros demonstraram repúdio, e “o campo religioso não ficou impune, muito menos omissor” (SILVA, 2015, p. 295). No que tange aos protestantes, o absenteísmo político e a desgastada retórica do distanciamento e da separação entre Igreja e Estado sofreu abalos e mudanças substanciais.

<sup>22</sup> *Gazeta de Sergipe* de 13 de maio de 1964, s/p.

<sup>23</sup> O golpe militar foi saudado por importantes setores da sociedade brasileira. Grande parte do empresariado, da imprensa, dos proprietários rurais, da Igreja Católica, e amplos setores de classe média pediram e estimularam a intervenção militar, como modo de pôr fim à ameaça de esquerdização do governo e de se controlar a crise econômica. *A conjuntura de radicalização ideológica e o golpe militar: O golpe de 1964*. Disponível em <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/O\\_golpe\\_de\\_1964](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/O_golpe_de_1964)>. Acesso em 12 de maio de 2016.

As igrejas evangélicas, em sua grande maioria, mantinham um discurso de instituição apolítica, mas esse posicionamento foi se alterando ao longo das décadas de 1950 e 1960. A “suposta ameaça comunista” daquele momento fez com que os evangélicos mostrassem seu poder de mobilização por todo Brasil. O comunismo era constituído por um sistema de crenças que “concorreria com a religião” à medida que se propusesse fornecer sentido ao mundo e aos valores humanos. A filosofia comunista se opunha aos princípios e postulados básicos da cristandade; negando a existência de Deus e, conseqüentemente, as doutrinas e dogmas religiosos, defendendo suas próprias doutrinas baseadas no ateísmo e no materialismo (MOTTA, 2002, p.20).

## 1.2 OS EVANGÉLICOS E O CAMPO POLÍTICO

Recentemente têm sido publicados vários trabalhos como livros, teses, dissertações de mestrado, artigos científicos que revelam a percepção de grupos evangélicos e seu envolvimento, direto ou indiretamente, no campo político brasileiro<sup>24</sup>. No interior do movimento civil-militar de 1964, essa abordagem se dá em diferentes ângulos, seja para mostrar posições conservadoras desses grupos, como pastores, líderes e membros de igrejas apoiando, explícita ou implicitamente, o Estado autoritário<sup>25</sup>. Alguns outros autores da chamada “esquerda evangélica”, que supostamente são “rebeldes” por possuírem uma visão de mundo mais progressista naquele contexto político.

O campo político gera produtos, problemas, programas, análises, conceitos e acontecimentos entre os quais cidadãos comuns estão reduzidos ao estatuto de “consumidores” e, nesse processo, tanto os mais próximos como os afastados estão no lugar de produção. Bourdieu (1996) vê a política como mercado. Os produtos são oferecidos pelo campo político como instrumentos de expressão e percepção do mundo social, logo, a distribuição de opiniões numa população depende do estado e do acesso que os grupos têm a esses mecanismos.

---

<sup>24</sup>Ver as obras de Elizete da Silva, José Ferreira de Lima Júnior, Márcio Ananias Vilela, Ricardo Mariano, Tiago Watanabe, Leandro Seawright e Joanildo Burity. E ainda dentro da historiografia do protestantismo brasileiro se destacaram os escritos de membros dessas congregações religiosas, como João Dias de Araújo, Rubem Alves e Antônio Gouvêa Mendonça, entre outros que têm se debruçado sobre essa temática.

<sup>25</sup>Segundo Ricardo Silva, o Estado autoritário teria como meta fundamental a organização da nação e, para a elaboração do programa adequado à realização desta meta, poderia contar com os recursos das ciências sociais, sobretudo da sociologia. Às elites depositárias deste estoque de conhecimentos “científicos”, tidas como indispensáveis à boa gestão estatal, caberia a importante tarefa de ocupar os postos-chave de um poder executivo estatal hipertrofiado. Ver: SILVA, Ricardo. *A ideologia do Estado autoritário no Brasil*. Chapecó: Editora Argos, 2004.

Pierre Bourdieu (1996, p. 37) aponta para a existência de tensões, de lutas por poder dentro de cada campo. Isso se manifesta, por exemplo, quando novas pessoas, novas ideias, buscam legitimar sua posição em relação a um grupo ou a uma normativa dominante que, por sua vez, tenta defender a sua posição excluindo a concorrência e não legitimando o novo. “O dominante num campo religioso é o conjunto de pessoas que detém o capital simbólico específico desse campo, composto por regras, crenças, técnicas, conhecimentos, história, hierarquia”. Ao fazer uso desse capital simbólico, o dominante busca manter-se no poder, fundamentando sua autoridade com base nesse capital simbólico e tendendo à defesa da ortodoxia e à busca pela exclusão dos recém-chegados que, então, adotam estratégias de subversão como as da heresia, para construir a sua legitimidade própria.

A religiosidade da população brasileira, entendida como “um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres humanos dentro de um universo histórico e cultural específico” (BELLOTTI, 2004, p. 99-100), foi representada de forma hegemônica pela Igreja Católica Apostólica Romana, outrora religião oficial do Estado como herança dos tempos coloniais. Apesar dessa hegemonia, os evangélicos já na década de 1960, sobretudo nos idos de 1970, vinham adquirindo uma notável representatividade na sociedade brasileira, mas ainda de forma sutil e sem grandes projeções como ocorrerá a partir da redemocratização, principalmente em meados de 1990<sup>26</sup>.

René Decol (1999, p. 123), com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresenta que em 1960, no Brasil, declaravam-se evangélicos cerca de 2.824.775 pessoas. Já em 1970, esse número subiu para 4.814.728 adeptos, e a década de 1990, apresenta um quantitativo de 13.189.285, ou seja, houve um crescimento de aproximadamente 48% no número de fiéis a cada dez anos. De modo que as novas denominações pentecostais ganharam espaço a partir do governo Médici, com as igrejas Deus é Amor, O Brasil para Cristo, Internacional da Graça e a Universal do Reino de Deus. Todas enfatizaram o batismo com o Espírito Santo, multiplicando, assim, seus fiéis e aumentando cada vez mais sua influência (ASSIS, 2012, p.26).

---

<sup>26</sup>Tendências demográficas no período de 1940/2000 – Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia\\_demografica/analise\\_populacao/1940\\_2000/comentarios.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf)>. Acesso em 05 de maio de 2016.

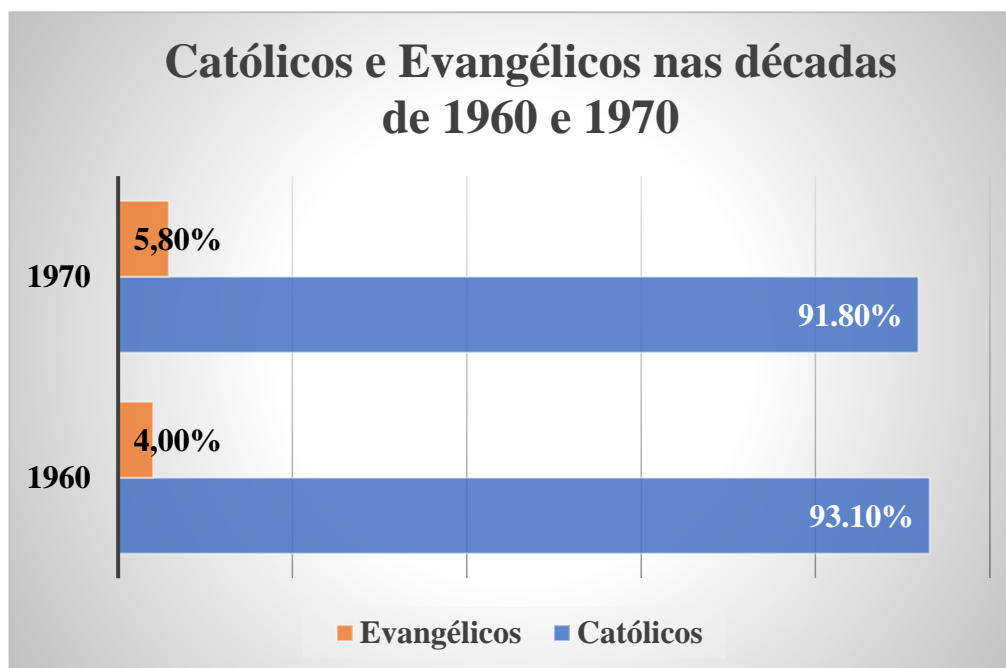


Gráfico 01 – Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

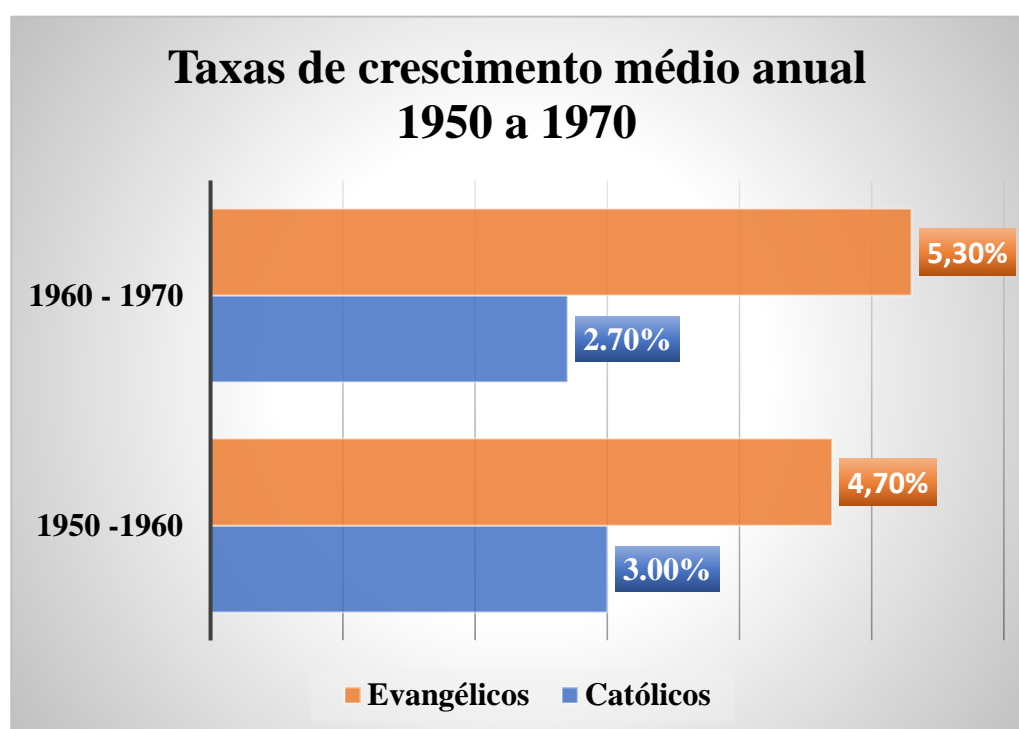


Gráfico 02 – Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

É perceptível a hegemonia católica em relação à população evangélica no Brasil no período analisado. Entretanto, deve-se considerar que os católicos têm registrado crescimento menor do ponto de vista da média nacional desde 1950 e também se comparado aos evangélicos, como mostra o gráfico 02. Este avanço estatístico entre os protestantes ocorreu, portanto, graças

ao impulso da evangelização pelos novos grupos e outros mais tradicionais, realizando-se por meio da difusão e expansão de suas ideias, originadas em tempos mais remotos, ainda no Brasil Monárquico, quando da chegada dos primeiros missionários protestantes e, sobretudo, do pentecostalismo na década de 1910.

A doutrina básica dos chamados “pentecostais” se caracteriza pela crença na experiência pessoal com o Espírito Santo e na plenitude da vida moral. A primeira igreja no país foi fundada em 1910, em Belém do Pará, pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Chamada de Missão da Fé Apostólica, mais tarde ganharia o nome com que alcançou todo o Brasil: Assembleia de Deus. Também em 1910, o italiano Luigi Francescon deu início à Congregação Cristã no Brasil, que teve forte presença no Sudeste e Sul do país, a partir de São Paulo (ASSIS, 2012, p. 27).

É relativamente “recente” a história da expansão e atuação política dos grupos protestantes no Brasil<sup>27</sup> e mais ainda como objeto de estudo. Esta pesquisa vem contribuir para o desenvolvimento da historiografia do protestantismo ao propor uma abordagem ligada à nova História Política<sup>28</sup> e por ser escrita por um dos membros de uma igreja pentecostal, que possui ativa participação na comunidade religiosa e a conhece por dentro. A formação e a vivência histórica afastam-no da abordagem limitada ao campo das Ciências da Religião ou mesmo do pensamento sociológico acadêmico, apesar de manter sempre em alerta o diálogo com estes campos do saber. As primeiras tentativas de evangelização datam ainda do Período Colonial<sup>29</sup>, mas somente com a chegada da Família Real no Brasil, na primeira metade do século XIX, os protestantes conseguiram se instalar e disseminar sua diversidade religiosa. Não é nossa pretensão a busca pelas origens, uma vez que estas implicariam em causas, mas sim na busca por começos para compreender as diferenças, e em nosso caso, de alguns postulados presentes na cruzada *Cristo Esperança Nossa*.

---

<sup>27</sup> Até o final do século XIX as principais denominações protestantes tradicionais ou históricas estavam estabelecidas no Brasil: congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas.

<sup>28</sup> Segundo Maria de Fátima Silva Golvêa (2009, p.33) a grande novidade da Nova História Política – se comparada a aquela história “tradicional” do século XIX – encontra-se situada em relação às fontes, ao padrão da narrativa dos acontecimentos e fundamentalmente, em termos de abordagem de seu objeto. Fato que demonstra a vitalidade da ciência política no interior da produção historiográfica.

<sup>29</sup> Nos séculos XVI e XVII, duas regiões do Brasil foram invadidas por nações europeias: a França e a Holanda. Muitos dos invasores eram protestantes como os franceses da Guanabara (1555-1567) e os holandeses do Nordeste (1630-1654). MATOS, Alderi de Souza. *Breve história do protestantismo no Brasil*. Disponível em <<http://www.mackenzie.br/6994.html>>. Acesso em 17 de janeiro de 2015.

É importante deixar claro que a transferência da família real portuguesa, em 1808, foi um marco para a entrada de estrangeiros e suas crenças, na nova sede do governo português (ASSIS, 2012, p. 24). O Tratado de Comércio e Navegação que permitiu a abertura dos portos brasileiros assegurava também a liberdade de consciência e culto. Os protestantes divulgaram sua mensagem nas cidades e nos campos, atendendo os mais diversos grupos sociais e distribuindo Bíblias. “Muitos viam no protestantismo sinais do progresso norte-americano e dos preceitos republicanos, enquanto que viam o atraso do Brasil e da monarquia como influência do catolicismo romano” (Idem, p. 25).

O princípio básico do protestantismo clássico (luteranismo e calvinismo) era a doutrina de que os homens eram justos pela fé e não pelas obras, contrário ao dogma da Igreja Católica, que definia a bondade dos homens pelas suas obras. Outrossim, a respeito da distinção do protestantismo com o catolicismo é que aqueles representavam uma tendência especial ao desenvolvimento de um racionalismo econômico<sup>30</sup>, que não é possível visualizar entre os católicos, em razão dos aspectos intrínsecos e permanentes de suas crenças religiosas e não exclusivamente em situações histórico-política, temporárias e externas.

O movimento pentecostal enfatiza muito mais a experiência pessoal, no que tange as coisas do “espírito”, em detrimento da base do estudo teológico evidenciado pelas igrejas protestantes históricas. Uma religião menos baseada no livro e mais no espírito<sup>31</sup>. O crente pentecostal tem como fundamento principal “o batismo especial do Espírito Santo, subsequente à regeneração, como os atos sobrenaturais do Espírito Santo, como o falar em línguas e realização de curas” (ERICKSON, 2011, p.151).

Apesar da escassez de recursos materiais e humanos, por consequência de um contexto histórico desfavorável na jovem República, a doutrina pentecostal se difundiu entre as camadas mais carentes do país, principalmente no Nordeste e Sudeste. Para Lima Júnior (2008, p.18), “as igrejas protestantes brasileiras, principalmente as de origem missionária, se nutrem

---

<sup>30</sup> Segundo Max Weber (2009, p.49) deve-se considerar o impacto que as forças religiosas tiveram no processo de desenvolvimento da moderna cultura secular, surgida de inúmeros fatores históricos, a partir de determinados aspectos da Reforma Protestante entre as bases materiais, as formas de organização e políticas de seus ideais.

<sup>31</sup> Léonard afirma existir três tipos de cristianismos: o do sacramento, o do livro e o do espírito. Sendo o protestantismo missionário pertencente ao segundo (2002, p.367). Ou seja, mais voltado para o exame da Bíblia. Dessa forma ele pressupõe a tipologia do protestante nacional: protestantismo étnico, de missão e pentecostalismo. Rubem Alves também usa o termo *Protestantismo do Espírito* para designar o pentecostalismo (ALVES, 1979, p. 35), mas vê a impossibilidade da definição do protestantismo seguindo o eixo denominacional.

do ideário da religião civil dos Estados Unidos, caracterizado pela exaltação do individualismo, do conversionismo e de uma postura política conservadora e anticomunista”.

Para Rubem Alves (2005, p. 64) “os missionários norte-americanos sempre foram representantes de uma cultura diferente, uma vez que, ao pregar o evangelho, difundiam os valores culturais de seu lugar de origem”. Entretanto, essa não é uma particularidade restrita aos grupos protestantes, haja vista que entre os missionários católicos houve, em momentos distintos, confusão entre evangelho e cultura. O próprio modelo político, econômico e cultural dos Estados Unidos se apresenta, conseqüentemente, como uma utopia implícita no protestantismo. Dessa forma, esse modelo individualista e conversionista, gerou uma ética extremamente isolacionista e, sobretudo, excludente.

Observa-se que “nas últimas décadas a religião deixou de ser instrumento para ser objeto de análise” (WATANABE, 2006, p. 17). Para o autor, não existe uma definição clara do termo “protestante”, entende-se que não se trata de um grupo de identidade única, mas construída historicamente a partir de seus conflitos, rearranjos e modificações sociais. Há uma diferença substancial entre protestantismo e outras religiões do campo religioso brasileiro. Além disso, é imprescindível delimitar as diferenças dentro do próprio protestantismo. Segundo Tiago Watanabe (2006, p. 79) “foi um conceito em permanente mudança nos adjetivos, mas consolidado enquanto prática discursiva. É um nome agregador de cenários e interpretações variadas [...]”, pois,

O denominacionismo foi uma das grandes heranças dos missionários protestantes estadunidenses, fazendo com que as igrejas se fortalecessem, em uma espécie de individualismo eclesial que rejeitava a união com outras instituições cristãs (LIMA JÚNIOR, 2008, p. 19).

As denominações são entendidas como instituições religiosas, com funções sociais definidas<sup>32</sup>. Como sugere Candido Procópio Camargo em *Católicos, Protestantes e Espíritas* (1973), a divisão do protestantismo em dois grandes grupos: o protestantismo de imigração (fechados) – religião trazida por colonos suíços, ingleses e, sobretudo, alemães herdeiros da reforma religiosa do século XVI; e o protestantismo de conversão (abertos), neste encontram-se os históricos, como sugere Watanabe (2006, p. 106) “são aqueles ligados a setores médios e urbanos, alguns de tendência conservadora, que dão ênfase à educação, à ética puritana de

<sup>32</sup> Candido Procópio Camargo (1973, p.14) discute as funções da religião na sociedade brasileira. A partir da interpretação marxista da religião, como *alienação e compensação psicológica*.

rigidez moral e pregam a leitura bíblica”, exemplo, batistas e presbiterianos. Os pentecostais, “religião de massa urbana e suburbana, conservadora na política e que defende o dualismo ético e a aplicação de curas mediúnicas” (*Idem*, p.107). O protestantismo foi pensado nos grupos que se autodefiniram assim, sem uma reflexão maior a respeito da questão, mas que legitimaram esse autoagrupamento. Foi pouco discutido enquanto termo e definido por uma prática. A busca pela diferenciação das denominações estava vinculada aos arranjos das forças religiosas no Brasil e a historiografia protestante foi metodologicamente denominacional.

Conceitualmente, o protestantismo brasileiro foi o termo dado a *religiões cristãs não católicas* (MENDONÇA; VELÁSQUES, 1990, p. 16). A negação do outro constituiu-se o senso de discernimento das identidades protestantes. “Muitas características do protestantismo nacional foram feitas quando pensado no confronto com o católico” (WATANABE, 2006, p. 116). Sociólogos mostraram o catolicismo mais integrado à cultura nacional, enquanto protestantes seriam sua contracultura<sup>33</sup>. “O protestantismo foi mostrado como religião minoritária, isolada socialmente, e restrita a setores médios da sociedade brasileira” (*Idem*, 2006, p. 123).

Nas primeiras décadas do século XX, o protestantismo brasileiro sofreu a influência de algumas correntes teológicas norte-americanas, como o evangelho social, o movimento ecumênico e o fundamentalismo. Inspirado em parte pelos dois primeiros, surgiu um notável esforço cooperativo entre as igrejas históricas, sob a liderança do Rev. Erasmo Braga<sup>34</sup>, secretário da Comissão Brasileira de Cooperação (1917).

Esta Comissão se uniu em 1934 à Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil e ao Conselho Nacional de Educação Religiosa para formar a *Confederação Evangélica do Brasil* (CEB). A CEB promovia a cooperação entre as igrejas nas áreas de ação social e também educação cristã. Ela reuniu algumas das principais correntes evangélicas do país representadas pelas igrejas Presbiteriana, Batista, Luterana, Metodista, Assembleia de Deus e Congregacional, e como instituições promotoras de eventos, ficando um deles conhecido como

---

<sup>33</sup> Mentalidade dos que rejeitam e questionam valores e práticas da cultura dominante da qual fazem parte (HOLANDA, 2000).

<sup>34</sup> O Reverendo Erasmo de Carvalho Braga foi um grande líder desse movimento cooperativo. Participou da criação da Sociedade para a Evangelização dos índios, mais tarde conhecida como Missão Evangélica Caiuá. Era poliglota, tradutor e escritor (MATOS, 2014).



*Conferência do Nordeste*, no Recife (PE), em 1962, com o tema “Cristo e o processo revolucionário”.

Em meados de 1950 e início da década de 1960, com o respaldo de um órgão ecumênico estruturado em 1948, denominado de Conselho Mundial de Igrejas (CMI), a CEB (Confederação Evangélica Brasileira) criou a Comissão de Igreja e Sociedade em 1955 com a proposta de intervenção na realidade brasileira através do Setor de Responsabilidade Social da Igreja. “De forma propositiva, o segmento ecumênico do protestantismo nacional refletia sobre os problemas sociais e políticos do país” (SILVA, 2015, p.294). Foram organizadas quatro conferências com ampla participação de protestantes – a primeira reunião de estudos foi realizada em 1955, a segunda em 1957, e a terceira em 1960 em São Paulo (CÉSAR, 1962, p.11).

A quarta reunião, conhecida como “Conferência do Nordeste”, um encontro considerado progressista<sup>35</sup>, realizada em Recife em 1962, teve como tema “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”. Seus líderes foram Carlos Cunha, Almir dos Santos e Waldo César, sendo preletores Sebastião Moreira, Joaquim Beato, João Dias de Araújo e o bispo Edmundo Sherill (MATOS, 2015). Segundo a Crônica da IV Conferência, por Waldo César, a proposta era estudar a vinculação dos cristãos com o processo revolucionário brasileiro, ambiente em que os protestantes tinham como iminente um golpe de estado.

No dia 22 de julho de 1962, dia da abertura da Conferência, o *Jornal do Commercio* publicou a seguinte matéria:

Com a finalidade de promover estudo e promover linhas gerais de ação para os evangélicos, em face da conturbada situação brasileira, a Confederação Evangélica do Brasil, através de seu Setor de Responsabilidade Social da Igreja, está promovendo reunião de caráter nacional no Recife. Líderes evangélicos de todas as Igrejas, pastores, teólogos, professores, sociólogos, estudantes, operários, através de prelações, grupos de trabalho e debates, procurarão durante a semana de 22 a 29 do corrente, invocar a intercessão divina para a hora presente (*Jornal do Commercio*, Recife, 22 de julho de 1962, s/p).<sup>36</sup>

De acordo com a *Crônica da Conferência do Nordeste* (1962), foi a primeira vez que os cristãos e os marxistas se encontraram para discutir a relação da igreja com a realidade

<sup>35</sup> Progressista pelo seu conteúdo social e a forma como foram abordados os temas durante a Conferência.

<sup>36</sup> Confederação Evangélica do Brasil Inicia Hoje Conferência do Nordeste. *Jornal do Commercio*, Recife, 22 de julho, 1962, s/p.

social e cultural brasileira. Um dos preletores foi o sociólogo Gilberto Freyre. Esta conferência reuniu 160 delegados de 16 denominações evangélicas e houve uma grande repercussão em todo Brasil. Nesse encontro, a CEB reunia os líderes para discutir como a Igreja Evangélica enfrentaria a nova realidade: o agravamento da crise econômica e social, da pobreza e da desigualdade social. Havia a necessidade de as igrejas evangélicas deixarem de lado divergências doutrinárias e se posicionarem diante da situação social do Brasil naquele momento.

Para Agemir de Carvalho Dias (2012, p. 113), por causa da *Conferência do Nordeste*, “o tom das críticas dos setores conservadores da CEB aumentou, e se estabeleceu a crise entre esses dois agrupamentos. A crise culminou com a decisão de encerrar as atividades do setor em 1963”. No início de 1964, logo após o Golpe civil-militar, as pessoas ligadas ao Setor de Responsabilidade Social, como também outros executivos envolvidos em outros departamentos que comungavam da mesma linha de pensamento, foram demitidos. Entre eles destacaram-se Waldo Cesar, Jether Ramalho, Carlos Cunha, Domício Pereira de Matos e Francisco Souza, que defendiam uma igreja mais voltada para questões sociais do Brasil. Quando o golpe se intensificou e as perseguições começaram a apertar o cerco sobre as igrejas, o movimento da *Conferência do Recife* se desfez.

O envolvimento e a colaboração de movimentos civis organizados com o golpe de 1964, entre eles as marchas políticas e religiosas, revela a necessidade dos golpistas de encontrar legitimidade na sociedade para fundamentar o novo regime. Desse modo, Marchas por todo país foram organizadas por alas conservadoras de igrejas cristãs no Brasil, chegando em alguns momentos a unir a Igreja Católica e Igrejas Evangélicas, como foi o caso da Marcha da Vitória<sup>37</sup> no Rio de Janeiro, em 02 de abril daquele ano. Esses eventos deram um tom de apoio popular ao projeto de poder idealizado pelos militares golpistas, a fim de manter o discurso de “salvação para a nação que marchava rumo ao abismo” e perpetuar a ideia de que o país vivenciava uma grande revolução.

Buscou-se nessa seção apresentar o contexto político e social brasileiro do início da década de 1960, levando em consideração o fato de que o golpe em curso não seria possível sem a parceria de parcelas importantes da sociedade brasileira. Embora algumas ações que deram sustentação ao golpe civil-militar de 1964, não tenham tido, a princípio, a finalidade de

---

<sup>37</sup> FREIRE, Américo. *Grandes Manifestações Políticas no Rio do Janeiro*. Acervo da Biblioteca Nacional. Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, p. 131.

“apoio explícito” aos militares, como no caso da *cruzada* evangélica em Aracaju e diferente da Marcha com Deus e pela Liberdade, pondera-se que houve certa apropriação desses eventos de massa por parte daqueles que intentavam a tomada do poder e queda do presidente João Goulart.

## II. O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 E O ESTADO DE SERGIPE

Em Aracaju, assim como em outras capitais brasileiras, a exemplo de Salvador, Recife, Maceió, Belo Horizonte, São Paulo, entre outras, as notícias imprecisas sobre a movimentação de tropas do Exército em 31 de março de 1964 inquietavam tanto os setores mais conservadores, que torciam pela intervenção militar, quanto aqueles resistentes a acreditar numa suposta mudança institucional. Outros não confiavam nas promessas de melhoria do país pelos militares e continuaram a defender as Reformas de Base do Presidente João Goulart.

O governador do Estado de Sergipe João de Seixas Dória, que era um dos aliados do presidente João Goulart, estava em viagem no dia 31 de março de 1964, ao regressar foi preso, em 02 de abril, na capital do Estado e levado para o quartel do 19º BC (Batalhão de Caçadores), em Salvador, no dia 04 de abril. Em seguida, no dia 12 do mesmo mês, foi transferido para a ilha de Fernando de Noronha, onde passaria 117 dias preso. Célia Costa Cardoso (2015, p.118) afirma que a intensa participação de Seixas Dória na campanha presidencial de 1960, como correligionário de Jânio Quadros (União Democrática Nacional), projetou mais ainda suas teses nacionalistas, constantes em seus discursos políticos.

De carreira política ascendente, iniciou-se na vida pública como deputado estadual udenista, para depois adquirir notabilidade no plano nacional durante o exercício dos seus dois mandatos no Congresso Nacional, atuando também como membro da Frente Parlamentar Nacionalista. Diante dos embates políticos, Dória servia-se da astúcia de bom orador, formado em direito, para defender a nacionalização da economia e as propostas de Jânio Quadros<sup>1</sup>. Com a renúncia de Quadros, em 25 de agosto de 1961, Dória foi afastando-se da UDN. Elegeu-se governador de Sergipe em 1962, pelo Partido Republicano, derrotando o udenista Leandro Maciel.

Em depoimento ao cientista político Ibarê Dantas (1997, p. 2), José Silvério Leite Fontes disse que “a grande questão que embarçou a todos naquele momento foi como reagir”. Em Sergipe, sindicalistas da construção civil e lideranças dos ferroviários foram detidos pelo Exército. “Houve uma aglomeração de pessoas, mas sem entender, de fato, o que estava acontecendo em frente ao Palácio do Governo. A Praça Fausto Cardoso e o Clube do Trabalhador foram palco de prisões civis, como a do Deputado Federal Euvaldo Diniz (UDN),

---

<sup>1</sup> Célia Costa Cardoso (2015, p.118).

que em meio à aglomeração humana começou a discursar, mas em seguida foi preso” (*Idem*). A sociedade ficou perplexa, noticiava o jornal *sergipano*:

Na noite de quarta-feira da semana passada, forças do 28º BC, em Aracaju, efetuaram a prisão de Seixas, investindo no governo o vice, Celso Carvalho. O Sr. Seixas Dória foi conduzido para Salvador, onde permanece preso e incomunicável no quartel do 19º BC<sup>2</sup>.

Após a deposição de Dória foi convocado pelo major do Exército Lário Lopes Serrano, comandante da 19ª Circunscrição do Serviço Militar, e empossado como novo chefe do Executivo o vice-governador, Sebastião Celso de Carvalho. Ele não era udenista e nem militar, mas ao identificar-se com o ideário da “revolução” recebeu qualificação decisiva para sua ascensão. Celso de Carvalho<sup>3</sup> nasceu em 1923, em Simão Dias-SE, descendente de uma elite tradicional de políticos daquela cidade, bacharelou-se em Direito. Sua trajetória política teve início quando se elegeu prefeito de sua cidade, em 1947, pelo PSD; deputado estadual em duas legislaturas (1954-58 e 1958-62) e vice-governador (1963-64), quando assumiu o governo 14 vezes em virtude das viagens de seu titular. Celso de Carvalho teve que conviver com os ditames da nova ordem com grande flexibilidade. Entretanto, encontrou dificuldades para manter autonomia política.

Segundo Ibarê Dantas (1997) essa primeira fase<sup>4</sup> do Estado autoritário<sup>5</sup>, compreendida pelo período de 1º de abril de 1964 (data da vitória do movimento) a 27 de outubro de 1965 (edição do Ato Institucional nº 2), foi marcada pela convivência entre o governo militar e o sistema pluripartidário nascido nos anos 1940. Convivência difícil, pontuada por contradições, pela presença das Forças Armadas que emergiam como agentes preponderantes no cenário político, governando como regulador do Estado e da sociedade.

<sup>2</sup> A *Semana* de 11 de abril de 1964. s/p.

<sup>3</sup> Sobre parte de sua trajetória política, ver CARVALHO, Sebastião Celso de. *O destino acontece*. Aracaju, Livraria Regina, s/d., discurso pronunciado em 1968.

<sup>4</sup> Levando-se em consideração que a proposta de Ibarê Dantas é focar sua análise nas eleições e partidos políticos, ele apresenta que o primeiro ano do Regime Militar, ou seja, da tomada do poder em 1964 pelos militares até 1965 com o AI 2, trata-se da primeira fase do Estado Autoritário e segue sua análise propondo a seguinte periodização: a) a instauração do bipartidarismo e as eleições de 1966, b) rearticulações políticas e mobilização estudantil (1967/68), c) a exacerbação do autoritarismo e as eleições de 1970, d) expansão das ideias autoritárias (1971/73), e) a distensão insegura e as eleições (1974/78), f) a volta do pluripartidarismo, as eleições de 1982 e o fim da tutela militar. Contrapartida o site “memórias da ditadura” – disponível em <<http://memoriasdaditadura.org.br/periodos-da-ditadura/>> Acesso em 15 de outubro de 2016, sugere três fases. São elas: A primeira foi de legalização do regime autoritário, por meio de decretos-lei e de uma nova constituição. A segunda, de recrudescimento da repressão e da violência estatal contra os opositores da ditadura. E a terceira, de reabertura política, com a Lei da Anistia e o movimento pelas eleições diretas para presidente.

<sup>5</sup> Maria Helena Alves propõe abordagem diferente de Ibarê Dantas sobre a questão da periodização do Estado Autoritário. Ver a respeito em: ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Vozes, 1984

Dilton Maynard (2015, p.122) aponta que o olhar sobre Sergipe acabou ampliado não só devido às escolhas políticas de Seixas Dória, mas também pelas diversas atividades de apoio às propostas de Goulart e, em tempos de severa crise econômica, pelo avanço de movimentos sociais que preocupavam tanto as elites locais como as estrangeiras. Para Maynard (*Idem*), na realidade:

Dória não foi deposto por instrução do comando nacional do Golpe, que não lhe retirou os direitos políticos nem o mandato, mas como explicou Nelson Hungria (2007), contra ele voltou-se, encarniçada e prepotente, a ação policial de autoridades militares do Nordeste. Caiu-lhe em cima, com mão de ferro, a ‘linha dura’ do IV Exército.

Maynard chama à atenção para outros agentes envolvidos na deposição do governo populista<sup>6</sup> de Seixas Dória. Afirmar ainda que,

Possivelmente é o envolvimento da sociedade civil que merece mais atenção dos historiadores quando futuramente se referirem ao Golpe de 1964 em Sergipe. [...] Mesmo a ideia de uma “tutela” parece tirar dos civis, dos nossos intelectuais, políticos, banqueiros, líderes religiosos, fazendeiros e comerciantes uma importante fração de responsabilidade nas mudanças sofridas com a ascensão da ditadura. (MAYNARD, 2015, p. 139)

Observa-se que o autor faz uma crítica ao pensamento do cientista político e historiador Ibarê Dantas (1997), que propõe em sua obra a abordagem totalizante e estrutural que vai desde a ascensão dos militares no poder, com o desmonte do domínio populista, até o fim da “tutela militar” em Sergipe. Entretanto, vale salientar, Ibarê, mesmo sem aprofundar essa problemática, já apontava que “parte da sociedade civil, por vezes estimulada pelo exército, expressava seu apoio ao regime militar” (DANTAS, 1997, p. 17). O resultado dessa situação foi a dispersão de atribuições dos militares, que passaram a arbitrar em intrigas entre os representantes da sociedade civil e o Legislativo Estadual.

---

<sup>6</sup> Ver a respeito em: FERREIRA, Jorge (Orgs). *O Populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. O populismo geralmente é compreendido como um fenômeno político que se baseia no carisma de governantes. Ideia não consensual na historiografia. Atualmente nas Ciências Sociais e Humanas é um conceito polêmico e se reveste de extrema complexidade, devido à multiplicidade do uso do termo. Ao fazer uma pesquisa focada no Brasil da década de 1940 percebe-se que o termo já era habitualmente utilizado. Porém, o seu sentido era bem diverso: na verdade, era utilizado como sinônimo de “popular” e tinha uma conotação positiva. Contrapartida, Jorge Ferreira (2001) mostra que nos anos 1950 e 1960, a teoria da modernização teve um grande impacto sobre a construção do conceito. Para Ângela de Castro Gomes (2002, p. 67) o “populismo” é um mito político marcado pela ‘desesperança e o ceticismo’, que ‘rebaixa a sociedade brasileira’, enquanto o trabalhismo pode ser definido como uma tradição política (que, inclusive precedeu o próprio conceito de “populismo”).

Ibarê (1997) mostra o apoio ao novo regime por parte de setores religiosos numa análise circunscrita à Igreja Católica, apontando a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, sem sequer citar o viés ecumênico dessas marchas, no sentido de aglutinar grupos da alta sociedade na defesa de valores cristãos. E os evangélicos nesse período? Entende-se ser inconsistente afirmar que os protestantes apenas se calaram ou ficaram inertes diante do golpe civil-militar de 1964 e posteriormente ao novo regime. É preciso aprofundar e ir às fontes para problematizar essa questão.

## 2.1 EVANGÉLICOS EM SERGIPE

Entre os protestantes que chegaram ao Brasil no início do século XX, estavam os episcopais ou anglicanos, vinculados à presença inglesa com a abertura dos portos em 1810 e, por conseguinte, os luteranos de origem alemã. Antônio Gouveia Mendonça (1990) classifica-os como o primeiro protestantismo nacional de imigração, trazido por colonos ingleses, suíços e alemães. Tem-se, ainda, o protestantismo de missão vinculado às missões norte-americanas com a tônica mais convercionista e menos étnica, soma-se a estes o advento pentecostal. Rubem Alves (1979) aponta que o protestantismo brasileiro se unificou sob um eixo comum explicativo: a Reforma Protestante do século XVI, em que a negação do outro constitui o senso de identidade, e a missão do protestantismo. Essa adaptação nacional foi construída no confronto com o católico. As denominações cristãs não católicas se enquadram num universo bastante diversificado e não podem ser compreendidas mediante generalizações.

A despeito da introdução desse trabalho já apontar para esta direção, reitera-se que esse estudo trabalha com três das principais igrejas ou denominações evangélicas que participaram da cruzada *Cristo Esperança Nossa*: Igreja Presbiteriana, Igreja Batista e Assembleia de Deus. Não se pode afirmar quem primeiro anunciou a doutrina protestante em Sergipe. Segundo Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (2004), sabe-se, porém, que em 1863 andou em Laranjeiras vendendo Bíblias, um presbiteriano chamado Pedro Nolasco de Andrade. Em 1868 visitou a província como colportor<sup>7</sup> da *British and Foreign Bible Society*<sup>8</sup>, o Sr. Torquato Martins Cardoso. Em 1878 e em anos subsequentes também andavam vendendo

---

<sup>7</sup> O colportor é uma pessoa que geralmente distribui literatura religiosa de porta em porta. Ficou conhecido, também, como o vendedor de livros.

<sup>8</sup> Sociedade Bíblica Britânica que tinha como objetivo traduzir e distribuir exemplares da Bíblia protestante. Disponível em < <https://www.biblesociety.org.uk/>>. Acesso em 15 de outubro de 2016.

Bíblias e livros evangélicos na Província os senhores Pedro Degiovanni, Cristiano Peixoto e Camilo Tito Rossi, colportores da *American Bible Society*<sup>9</sup>.

A primeira denominação protestante a se instalar em solo sergipano foi a Igreja Presbiteriana do Brasil no ano de 1884. Período em que “o Rev. Alexander Latimer Blackford, autorizado pelo Presbitério do Rio de Janeiro, instalou e organizou oficialmente a igreja na cidade de Laranjeiras” (NASCIMENTO, 2004, p. 121). Segundo Ester Fraga (2004) desde que se instalaram em Sergipe, no período provincial, os presbiterianos têm contribuído para o desenvolvimento cultural e religioso do Estado a exemplo da criação da Escola Americana<sup>10</sup> de Sergipe. Esses protestantes tinham a educação como estratégia missionária. O processo de conversão religiosa exigia uma estratégia global que atingisse a sociedade brasileira, pois o catolicismo era a religião tradicional no Brasil e sua influência estava no cotidiano da população. Percebe-se que devido à

[...] constatação do alto índice de analfabetismo [os presbiterianos] observaram que precisariam oferecer à população protestante um sistema educacional alternativo, para que o convertido fosse capaz de, pelo menos, ler a Bíblia, o livro de hinos (pois a música era um forte elemento conversionista) e outras leituras religiosas; ou ainda de escrever atas, registros de batismos ou casamentos, sendo indispensável que ele tivesse o mínimo de preparo intelectual para sua integração no grupo (NASCIMENTO, 2004, p.146)

Essa estratégia implicou na oferta do ensino primário através das escolas chamadas “paroquiais” e organização de grandes colégios nas principais cidades brasileiras. O objetivo era formar pastores para as igrejas, professores para suas escolas e também atingir, através da educação, os filhos da classe dominante que mesmo não sendo convertidos, podiam ser tolerantes à nova religião.

Infere-se que dentro do contexto da história da Igreja Presbiteriana em Sergipe<sup>11</sup> quem pregou o evangelho na capital pela primeira vez foi o Rev. Alexandre Latimer Blackford. Antes de vir ao Estado, ele conseguiu realizar um empreendimento que muito o preocupava, uma versão brasileira do Novo Testamento, apoiada no original grego. A Ata de fundação da Igreja Presbiteriana do Brasil em Aracaju revela que foi o Rev. Blackford quem abriu o caminho

<sup>9</sup> Sociedade Bíblica Americana, que tinha como objetivo traduzir e distribuir exemplares da Bíblia protestante. Disponível em < <http://www.americanbible.org/>>. Acesso em 15 de outubro de 2016.

<sup>10</sup> Para a Escola Americana em Sergipe, ver: A respeito da educação protestante em Sergipe, ver: NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. *A Escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2004.

<sup>11</sup> Disponível em <<http://www.iparacaju.org/iparacaju/>>. Acesso em 12 de janeiro de 2016.



da religião protestante no Estado, mas outros deram continuidade ao seu trabalho. No dia 13 de dezembro de 1901, uma comissão nomeada pelo Presbitério de Pernambuco, composta dos Reverendos George Chamberlain e Woodward Edmund Finley, organizou o rol da Igreja Presbiteriana de Aracaju.

Afirma o Rev. Alan Kleber Rocha (2013) que nessa ocasião foram *admitidos 33 membros maiores e 12 menores que faziam parte da Igreja Presbiteriana de Laranjeiras. Naquela mesma noite solene houve culto público, sendo declarada organizada a igreja. O Rev. Chamberlain leu a Escritura, o Rev. Finley narrou o histórico da Igreja e os esforços feitos para conseguir a sua organização, salientando a ação do Presbitério de Pernambuco e da comissão nomeada.* A igreja quando organizada, em 1903, funcionou em casa alugada na antiga rua da Aurora, hoje Avenida Barão do Rio Branco, junto ao velho Trapiche Aurora, depois mudou-se de lugar, na mesma rua, ocupando a esquina da Rua Estância, lado do Norte. Mais tarde, em 1904, ficou situada na rua de São Cristóvão, esquina do Beco do Açúcar. E, finalmente, em 25 de janeiro de 1915, foi lançada a pedra fundamental do novo templo à rua Laranjeiras, esquina com Capela, onde permanece até o dia de hoje.



Figura 01 – Fachada do primeiro templo da Igreja Presbiteriana do Brasil em Laranjeiras. A fachada permanece original desde 1884. Fonte: Acervo do autor. Foto do dia 12 de maio de 2016.



Figura 02 – Fachada do primeiro templo da Igreja Presbiteriana em Aracaju, localizada na rua Laranjeiras, na década de 1920. Fonte: Disponível em <<http://www.iparacaju.org/iparacaju/>>. Acesso em 12 de janeiro de 2016.



Figura 03 – Fachada atual da Igreja Presbiteriana em Aracaju, situada na rua Laranjeiras. Fonte: Disponível em <<http://www.iparacaju.org/iparacaju/>>. Acesso em 12 de janeiro de 2016.

Ainda no início do século XX, a denominação Batista chegou ao Estado quando se instalou Primeira Igreja Batista de Aracaju (PIBA), em 1913: os pastores contavam tão somente com a providência de Deus enviando os missionários da *Junta Richmond*<sup>12</sup>, que aceitavam o convite de um campo ainda imberbe: “Os avanços são creditados ao ardor missionários dos pioneiros, ministrando estudos bíblicos, ação fraternal através da beneficência, séries de conferências e os mutirões pró-cidadania” (NATIVIDADE, 2013, p.9). A evangelização desenvolvida pelos batistas começou exatamente na capital, fruto do propósito dos “religiosos” alagoanos que chegaram a Aracaju nesse período:

Os batistas instalaram-se em Sergipe a partir de um pequeno grupo que chegou com propósitos definidos, visando um único objetivo: propagar o Evangelho de Jesus Cristo aos quatro cantos de um Estado que precisava urgentemente anunciar que só Cristo salva (NATIVIDADE, 2013, p.27).

A Igreja Batista se expandiu por todo o território de Sergipe. Organizou sua Convenção, a União Feminina Missionária Batista de Sergipe, Juventude Batista Sergipana; além de cultivar a música sacra e implantar o Seminário Teológico Batista. Para Natividade (2013), o fato da oficialização da denominação Batista em Sergipe ter ocorrido no início do século XX, pressupondo um atraso em relação às outras igrejas, não impediu a sua expansão, de modo que as unidades foram se multiplicando. De acordo com a Convenção Batista Sergipana<sup>13</sup>, não havendo nenhum poder que possa constranger a igreja local, os batistas, baseados nesse princípio da cooperação voluntária das igrejas, realizam uma obra geral de missões, em que foram pioneiros entre os evangélicos nos tempos modernos: de evangelização, de educação teológica, religiosa e secular; de ação social e de beneficência. Para a execução desses fins, organizam associações regionais e convenções estaduais e nacionais, não tendo estas, no entanto, autoridade sobre as igrejas, devendo suas resoluções ser entendidas como sugestões ou apelos.

Pode-se considerar a importância religiosa, social e política desse povo que se organizou em Sergipe no fim do século XIX e início do XX. Os estudos afirmaram que na década de 1960 essas igrejas já estavam presentes em mais de 60% do Estado (NATIVIDADE, 2013, p. 154-157). Nesse período, os batistas possuíam templos espalhados na capital e no interior, colégios como o Educandário Americano Batista, Seminário, Centro da Amizade,

<sup>12</sup> Trata-se de um Conselho de Missões Exteriores organizado juntamente com a Convenção Batista do Sul dos EUA em 10 de maio de 1845, com sede em Richmond na Virgínia que tinha por finalidade espalhar missionários batistas pelo mundo.

<sup>13</sup> Disponível em < <http://www.batistasdesergipe.com.br/#!blank/xge80>>. Acesso em 10 de abril de 2016.



escolas anexas e outros; executavam vários trabalhos sociais através das igrejas. As igrejas tradicionais (Presbiteriana e Batista) desenvolviam seus trabalhos nas principais cidades, enquanto as Assembleias de Deus, segundo Hermenegildo Vieira de Santana<sup>14</sup>, em entrevista concedida ao autor, cresciam em casas de farinha, fazendas e povoados, ou seja, entre as classes menos favorecidas.



Figura 04 – Um dos primeiros registros fotográficos da Primeira Igreja Batista de Aracaju, com sua membresia em frente ao templo em 1921 Fonte Jabes Nogueira Filho. Disponível em <<http://jnescrevinhando.blogspot.com.br/2016/03/aracaju-anotacoes-historicas.html>> Acesso em 10 de abril de 2016.

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida ao autor em 28 de julho de 2013, na cidade de Aracaju/SE.



Figura 05 – Imagem da atual fachada da Primeira Igreja Batista de Aracaju. Fonte: <[http://photos.wikimapia.org/p/00/02/43/48/70\\_full.jpeg](http://photos.wikimapia.org/p/00/02/43/48/70_full.jpeg)> Acesso em 10 de abril de 2016.

A Assembleia de Deus, por sua vez, tem sua gênese com a chegada de um sargento, chamado Ormínio, oriundo desta igreja no estado do Pará, em 1927 ele foi o primeiro pregador pentecostal. Conforme a Revista *Jubileu de Ouro da Assembleia de Deus no Estado de Sergipe* (1982), o sargento iniciou um trabalho evangelístico e logo conseguiu agregar mais pessoas à sua fé, mas ele ainda não era obreiro, e com isso, não podia fazer batismos nas águas e fez contato com a igreja de Maceió/AL, e de lá, enviaram o Pr. João Pedro da Silva que realizou vários batismos. Logo após, o obreiro retorna para Alagoas e por isso o trabalho em Sergipe não alcançou o êxito que era esperado. Em 1932, a convite dos fiéis locais o missionário Otto Nelson batizou seis novos membros e ainda organizou oficialmente a igreja na capital sergipana, no dia 18 de fevereiro de 1932.

Começou com seis irmãos que haviam sido batizados e cinco irmãos que se desligaram da igreja Batista, pois eles criam no batismo do Espírito Santo. Neste mesmo dia foi

celebrada a primeira Santa Ceia do Senhor<sup>15</sup>. A Igreja achou por bem ficar sob a jurisdição da igreja em Salvador. Tal jurisdição durou até o ano de 1949, quando a convenção nacional decretou a autonomia da igreja em Sergipe. A Assembleia de Deus em Aracaju realizou seus primeiros cultos na Avenida Maranhão, número 343, onde também foi a sede. Em 1935, transferiu-se para a Rua Bahia, número 836, sob a direção do Pr. Jorge Monteiro da Silva.

A Revista *Jubileu de Ouro da Assembleia de Deus no Estado de Sergipe* (1982, p.12) informa que a partir de 1955 e até 1979 foi construído mais nove templos na capital, sendo eles nos bairros: Santo Antônio, América, Lamarão, Santos Dumont, Jardim Centenário, Atalaia, Ponto Novo e 18 do Forte. Neste mesmo período foram também construídos templos em alguns interiores, dentre eles estão os municípios de Maruim e Carmópolis (Pr. Euclides Arlindo Silva), em Propriá (Pr. João Jaime Mota), Brejo Grande (Pr. Antônio Fernandes Neto), Ilha das Flores (Pr. José Agripino dos Santos), Neópolis (Pr. Jorge José dos Santos), Monte Alegre (Pr. Manoel Avelino de Lima), Nova Vida e Nossa Senhora das Dores (Pr. Antônio José dos Santos), Santa Rosa de Lima (Pr. José Calixto Franco), Malhador (Pr. Antônio Rodrigues Lima), Ribeirópolis (Pr. Manoel Oliveira dos Santos), Itabaiana (Pr. Álvaro Marques Correa), Carira, Campo do Brito, Mariquita e Lagarto (Pr. Aniator Nery dos Santos)<sup>16</sup>.

Outro marco da história da igreja Assembleia de Deus foi a criação da banda de música. Ela teve início no dia sete de setembro de 1958. Tudo começou quando o Pr. Euclides Arlindo Silva<sup>17</sup> criou uma pequena escola de música, com isso surgiram alguns músicos que em seguida formaram uma pequena orquestra. Ingressou nesse grupo Manoel Oliveira de Menezes, que com pouco tempo se tornou maestro da banda e depois do coral da igreja. O coral teve seu início no ano de 1946, com o Pr. Aristóteles Bispo de Santana e seu primeiro Maestro foi Santinho, maestro da Igreja Batista, depois foi o Pr. José Calixto Franco, na época ainda presbítero, e poucos anos depois passou para o Maestro Manoel Oliveira de Menezes<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> Prática sacramental de comer pão e beber vinho (ou suco de uva) em celebração à morte de Jesus. Segue o padrão da Última Ceia com os discípulos na véspera da crucificação (ERICKSON, 2011, p. 32).

<sup>16</sup> A revista *Jubileu de Ouro das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe* (1982) mostra a expansão do trabalho da Assembleia de Deus no Estado de Sergipe e elenca as principais cidades com seus respectivos pastores fundadores naquele período.

<sup>17</sup> Pastor presidente da instituição em 1958.

<sup>18</sup> Ver: revista *Jubileu de Ouro das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe* (1982).





Figura 06 – Primeiro templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Fonte: Revista *Jubileu de Ouro das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe* (1982, p. 03).



Figura 07 – Primeiro templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em sua primeira ampliação. Fonte: Revista *Jubileu de Ouro das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe* (1982, p.03).



Figura 08 – Templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus na década de 1950. Fonte: Revista *Jubileu de Ouro das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe* (1982, p.03).



Figura 09 – Atual templo sede das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe. Fonte: Acervo do autor, fotografia do dia 20 de janeiro de 2015.



Para José Ferreira Lima Junior (2008, p. 18) os “crentes”, codinome comumente utilizado por não evangélicos num sentido pejorativo para os protestantes, sobretudo na década de 1960, difundiram sua pregação entre as camadas mais carentes do país, principalmente no nordeste e sudeste. Oriundos em sua maioria de um trabalho missionário estadunidense, caracterizado pela exaltação do individualismo, do conversionismo e de uma postura política conservadora e anticomunista. Percebe-se que essas igrejas também acompanharam o processo de desenvolvimento e expansão territorial da cidade de Aracaju no início do século XX, evangelizando, agregando novos fiéis e fixando templos em vários bairros da capital e no interior do Estado.

Apesar das notáveis diferenças institucionais, teológicas, eclesiásticas e até conceituais, entre os próprios evangélicos, esses grupos derivam da doutrina reformada do século XVI, creem na Bíblia como regra de fé e prática e, independente do *modus operandi*, professam a salvação pela graça por meio de Jesus Cristo como única forma do homem chegar a Deus. Ao buscar mais pontos convergentes que divergentes, nasceu a proposta da cruzada *Cristo Esperança Nossa*, com um discurso ecumênico baseado na unidade em favor de um bem comum para a nação brasileira.

## 2.2 CRUZADA CRISTO ESPERANÇA NOSSA (1964)

*A hora é revolucionária, precisamos ajudar a revolução com o evangelho e dentro da democracia, antes que a revolução seja feita sem o evangelho e sem democracia (Brasil Presbiteriano, agosto de 1963. p.1).*

O jornal *Brasil Presbiteriano*, principal veículo de comunicação da Igreja Presbiteriana no Brasil à época, evidenciava em suas notícias os embates e dilemas em que a igreja se encontrava naquele momento. Esse jornal paulistano também noticiou a cruzada *Cristo Esperança Nossa*, foi a matéria de capa da edição nº 13 de outubro de 1964. Márcio Ananias Ferreira Vilela (2014) analisa que logo nos primeiros dias que se sucederam ao golpe, a própria Igreja Presbiteriana passou a operar com certos critérios de vigilância, visando controlar suas publicações contra um discurso considerado “ideologicamente perigoso”. Fortaleceu-se no jornal intenso processo de repúdio e crítica a qualquer referência ao *Evangelho Social*<sup>19</sup> e ao

---

<sup>19</sup> O Evangelho Social representa um movimento protestante que se liga diretamente ao pastor batista norte-americano Walter Rauschenbusch (1861-1918). Com traços do marxismo, Rauschenbusch entrou num debate sobre os direitos das classes trabalhadoras e abandonou, como os liberais, toda teologia metafísica em favor de

próprio *Pronunciamento Social da Igreja*<sup>20</sup>. Vilela afirma que na nova política editorial não existia praticamente espaço para produções consideradas polêmicas do ponto de vista político-teológico. O jornal buscava apresentar a sociedade qual era a posição política e religiosa da Igreja Presbiteriana do Brasil naquele momento<sup>21</sup>.

Para compreender os desdobramentos políticos que giram em torno dessa cruzada, atenta-se para o contexto sócio religioso das igrejas participantes nesse evento, suas particularidades, convergências e divergências entre si para então fazer a análise mais profunda acerca da campanha. É opção nossa focar nas denominações já citadas nesse trabalho, esta escolha se dá não pelo grau de importância ou preferência aleatória por essas instituições, mas por uma questão de fontes, até porque não é interesse da pesquisa escrever a história dessas igrejas e, muito menos são elas, objeto primeiro desse estudo, mas sim a cruzada *Cristo Esperança Nossa*. Ressalta-se também a participação de outras igrejas evangélicas nessa cruzada, como Igreja Presbiteriana Independente e Igreja Congregacional.

Pressupõe-se que não seja possível enquadrar as complexas relações sociais que se estabelecem em um determinado momento histórico. Entretanto, pode-se entender a sociedade a partir da ideia de “sistema social”, pois para que ela exista é preciso haver certas relações que a definam. Assim, “o sistema social se encontra sempre modificado pelo acontecimento, sujeito à invenção e relacionado com o meio” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 270). Na busca pela compreensão desse “sistema”, cabe a análise da temporalidade de fatos históricos ou acontecimentos. O tempo abarca uma série de fenômenos e problemas que são intrínsecos à compreensão da natureza do histórico, dessa maneira o tempo histórico pode ser observado a partir da determinação da delimitação historiográfica.

A descrição de determinada situação histórica se depara sempre em dificuldades para assinalar momentos de rupturas e permanências dentro de um sistema social. Segundo Júlio Aróstegui (2006) a definição de “espaço de inteligibilidade” está determinada pela boa

---

uma teologia dedicada ao Reino de Deus neste mundo em lugar de uma meta ultraterrena. O Evangelho Social, enquanto corrente teológica, foi bloqueado no Brasil (MENDONÇA, 2005, p.57-58).

<sup>20</sup> Documento doutrinário expedido em setembro de 1962 pelo Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, que expunha qual deveria ser a posição da Igreja diante dos problemas políticos e sociais enfrentados pelo Brasil naquele momento. Para maiores informações, ver: SOUZA, Silas Luiz de. *Pensamento social e político no protestantismo brasileiro*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2005.

<sup>21</sup> Para a mudança de postura no jornal *Brasil Presbiteriano* em 1964, ver: VILELA, Márcio Ananias Ferreira. *Discursos e práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política*. – Recife: O autor, 2014.

observação dos fatores presentes, de seu aparecimento ou desaparecimento e da presença de outros novos. Nesta pesquisa, o “espaço ou momento de inteligibilidade” é a cruzada *Cristo Esperança Nossa*, que foi uma campanha evangélica, ocorrida na capital sergipana em setembro de 1964, cujo planejamento pela Comissão de Evangelização da Igreja Presbiteriana do Brasil deu-se no início daquele ano. A cruzada foi um movimento protestante de cunho interdenominacional<sup>22</sup>, que trouxe em sua essência aspectos da ideologia e do pragmatismo que norteavam os protestantes no contexto pré e pós-1964. O evento aconteceu durante uma semana ininterrupta, além de programações extras que ocorreram pelo interior do Estado.

De forma sistematizada, as manifestações religiosas ocorreram em forma de uma série de palestras e trabalhos evangélicos, tanto nas igrejas como em praças públicas com a participação de vários líderes religiosos preferencialmente convidados<sup>23</sup>, tendo como principal finalidade a apologia à fé cristã, seus valores e o amor à pátria. “O que faz o poder da palavra e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subvertê-la, é a crença na legitimidade daqueles que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, 1998, p. 15). O campo religioso e o campo político mantiveram estreitas vinculações na sociedade brasileira no período da ditadura civil-militar, não apenas atuou com a Igreja Católica, mas também agiram com entidades protestantes.

Era manhã de segunda-feira em Aracaju.

O governador do Estado de Sergipe, Sebastião Celso de Carvalho, recebe no dia 14 de setembro de 1964, em seu gabinete, a visita de quatro pastores evangélicos. Trata-se dos Reverendos Jaime Lawley - presidente da Comissão Executiva da Campanha “*Cristo Esperança Nossa*”, Orlando de Moraes - presidente da Comissão de Evangelização da Igreja Presbiteriana do Brasil, Eduward Bryce Trot - Pastor da Primeira Igreja Batista de Aracaju e Walter Reis Donald - pastor da Igreja Presbiteriana de Aracaju. Esses líderes estavam acompanhados do Dr. Rosalvo Vieira de Melo, Consultor Jurídico do Departamento de Segurança Pública<sup>24</sup>.

O motivo do encontro – segundo as fontes, “agradecer ao Chefe do Executivo o apoio que vem dando à campanha *Cristo Esperança Nossa* quer cedendo o Estádio de Aracaju para suas próximas concentrações, de 20 a 27 de setembro vindouro, quer atendendo a outras

<sup>22</sup> O prefixo ‘inter’ dá um sentido à palavra em que está sendo empregada de ‘entre’. Por exemplo, segundo Aurélio Buarque de Holanda (2000) a palavra denominação é a ação de denominar ou o resultado desta ação. Enquanto o verbo denominar é por um nome ou chamar por um nome. Então entende-se como denominação àquele ramo do protestantismo, que formou um considerável grupo de fiéis e se identifica por um determinado nome. Sendo assim, o termo interdenominacional é usado para designar “entre denominações ou igrejas”.

<sup>23</sup> *Informativo da Comissão Presbiteriana de Evangelização*. Setembro de 1964, p. 4.

<sup>24</sup> *Diário Oficial do Estado de Sergipe* de 14 de setembro de 1964, nº 14994, p. 04.

solicitações dos evangélicos”<sup>25</sup>. O encontro entre esses líderes religiosos e o governador do Estado representa o apoio, por parte do governo, concedido à campanha e a outras demandas não explicitadas no documento.

Diante dos fatos, questionamos: qual a relevância desse encontro, o que ele representou para os evangélicos naquele momento e quais os seus desdobramentos? Até onde vai a relação entre líderes religiosos e o novo regime político em vigor no Brasil desde abril daquele ano? Em que consiste a repercussão da campanha *Cristo Esperança Nossa*? Essa cruzada se restringe exclusivamente ao campo religioso? Ou existe um viés político para esse ajuntamento de protestantes na capital sergipana? Mesmo que não de forma explícita

Acredita-se que o objetivo desses líderes também era a busca de apoio financeiro e logístico para o evento. Infere-se ainda a apropriação por parte do governo golpista do discurso presente na cruzada. Era uma retórica fundamentada no conservadorismo cristão e valores bíblicos. Os evangélicos estavam ali apresentando uma resposta à sociedade pós-golpe de 1964, ano de consolidação do Regime, eram civis proclamando que a fé no Cristo apresentado pela “igreja protestante” era a solução para os males do país, e somente em Jesus o Brasil poderia vislumbrar a esperança. Nesse processo caberia ao Estado militarizado, enquanto autoridade constituída, neste caso “constituída por Deus”, a missão de contribuir para que essa mensagem fosse disseminada. Ou talvez, os evangélicos contribuíssem com o Governo militar.

Atenta-se que ainda em 1960 foi criado o Órgão Informativo da Comissão Presbiteriana de Evangelização (CPE) dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil, com a finalidade de cuidar do desenvolvimento do trabalho evangelístico da instituição. Esse informativo fez a cobertura jornalística da cruzada *Cristo Esperança Nossa*. Sobre a cruzada foi noticiado,

Nos dias 20 a 27 de setembro a cidade de Aracaju estará sendo sacudida com o desfecho da campanha “Cristo Esperança Nossa” que está sendo realizada desde os primeiros meses do corrente ano. Os resultados obtidos até o presente momento são os mais animadores possíveis, pois mais de novecentas pessoas já se renderam aos pés do Senhor, numa atitude decisiva ao lado de Cristo. Louvado seja o seu nome. Na preparação dessa campanha estão à frente os Revs. Orlando de Moraes e Pierre Du Bose ajudados pelo missionário Gerson Barbosa de Menezes. Têm sido realizadas reuniões de evangelização nas praças, igrejas evangélicas, no Instituto Histórico e Geográfico e em domicílio. Agora, aguarda-se o desfecho da campanha ocasião quando estará

---

<sup>25</sup> *Idem. Ibidem.*

presente o evangelista Rev. Antônio Elias, o qual pregará nas grandes reuniões no Estádio de Aracaju<sup>26</sup>.

Nota-se que a campanha já vinha sendo preparada e que o evento de setembro foi a culminância de um trabalho que estava em andamento. Segundo a CPE dois tipos de campanhas de evangelização eram realizados naquele ano: Campanhas “Padrão”, em que tomam parte mais de uma denominação, como no caso de Aracaju, e campanhas locais ou presbiterais, ou seja, restritas apenas à participação de Igrejas Presbiterianas. As campanhas “padrão” eram realizadas obedecendo a diversas fases, dentre elas, reuniões com líderes evangélicos da cidade e posteriormente visita a todas as igrejas possíveis para apresentar o projeto e convidando a comunidade cristã para uma grande reunião conjunta, ocasião em que foi estabelecido o início da Campanha propriamente dita. Escolhem-se nesse momento, os representantes das igrejas os quais deverão compor a primeira comissão de exercícios espirituais que elaborará o plano para oração nos templos e em domicílio.

A segunda fase é de instrução e preparação das equipes para o intensivo trabalho de visita domiciliar, quando deveriam ser visitadas todas as casas tanto residenciais, como comerciais, industriais, de ensino, etc. Seguia-se então a terceira fase, constando de preparação de equipes para realização de pequenos trabalhos de evangelização em massa em todos os bairros da cidade. Durante essas fases de trabalho as igrejas eram movimentadas com a presença e pregação de evangelistas especialmente convidados, para então partir para a fase final que deveria durar no mínimo cinco noites de evangelização em massa em local “neutro”: campo de futebol, teatro, colégio, etc., reunindo nessa ocasião todas as igrejas locais com a presença de um evangelista devidamente escolhido pela comissão central.

Ao lado de toda essa preparação, havia um grande trabalho de propaganda externa, quando eram usados todos os meios e recursos possíveis: folhetos especiais, evangelhos, rádio, televisão, cartazes, faixas, convites, etc. Promoviam-se também trabalhos especiais com bancários, comerciários, advogados, engenheiros, banqueiros, industriais, “senhoras da mais alta sociedade”, estudantes e outros, fazendo-se o possível para que todas as classes fossem atingidas pela mensagem direta do evangelho de Cristo. Já no desfecho da Campanha geralmente entravam em ação os Conselheiros que foram previamente preparados, os quais,

---

<sup>26</sup> *Informativo da Comissão Presbiteriana de Evangelização*. Setembro de 1964, p. 4.

após a campanha, continuaram juntamente com os demais membros das igrejas. O *Brasil Presbiteriano*, de circulação nacional, trouxe as seguintes informações sobre a Campanha,

A Campanha custou Cr\$ 2.500.000,00. Esse dinheiro foi todo ofertado pelos evangélicos de Aracaju. Número exato de decisões: durante os meses iniciais: 1.045. Na semana final, 626. Total: 1.671. Estiveram pastores e missionários de diversas partes do Brasil. Compareceu uma caravana do vizinho Estado da Bahia, e várias do interior de Sergipe. O Missionário Gerson Barbosa trouxe um carro especialmente equipado para o serviço de propaganda. Cerca de 20 seminaristas do Seminário Presbiteriano do Norte, tendo à frente o Reitor, fizeram, auxiliados por irmãos desta cidade, o serviço de visitação aos que se decidiam o que ocorria no dia imediato à decisão. Estiveram presentes às reuniões de abertura e de encerramento as mais altas autoridades do Estado. Todas as atividades das igrejas locais se entrosaram na campanha<sup>27</sup>.

Os evangélicos sergipanos participaram efetivamente desse evento, tanto em apoio espiritual, como humano e material. Ao confirmar a informação do *Brasil Presbiteriano*, a Ata da Igreja Presbiteriana do Brasil em Aracaju nº 274, do dia 13 de setembro de 1964, “delibera confecção de cartazes a serem espalhados nas principais ruas de Aracaju em prol da campanha *Cristo Esperança Nossa* [a grande campanha]”. O jornal informa que a campanha agregou 1.671<sup>28</sup> novos adeptos a fé protestante. Esses números são dados apresentados pelo *Brasil Presbiteriano* – órgão principal de informação da Igreja Presbiteriana do Brasil que deu toda cobertura ao evento. A Ata da Igreja Presbiteriana do Brasil em Aracaju nº 273 também confirma a informação do *Brasil Presbiteriano* no que se refere a ofertas levantadas pelos evangélicos para apoio financeiro à campanha.

As fontes apontam para diversas caravanas presentes no evento e da presença das “altas autoridades do Estado”, ou seja, o governo militar se fez presente mostrando sua “mão amiga” à cruzada *Cristo Esperança Nossa* através de seus representantes civis e militares, em âmbito estadual. O *Diário Oficial de Estado de Sergipe* confirma essa informação ao noticiar: “o senhor governador, em atenção de uma comissão de pastores evangélicos, fez-se representar

<sup>27</sup> *Brasil Presbiteriano*. São Paulo – Outubro de 1964, – pág. 1. Convertido em reais, esse valor hoje, equivale a R\$ 909.09 (novecentos e nove reais e nove centavos reais). Fazendo-se a projeção matemática desse cálculo com base no custo benefício e salário mínimo em 1964, essa contribuição seria equivalente a aproximadamente R\$ 27.500,00 (vinte e sete mil e quinhentos reais).

<sup>28</sup> É importante observar o perfil da população do Estado nesse período. Segundo Ricardo Lacerda de Melo, Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de Sergipe, a urbanização se expandiu rapidamente em Sergipe nos anos sessenta e setenta. Em 1960, a população de Aracaju era de 115.716 habitantes. Disponível em <<http://cenariosdesenvolvimento.blogspot.com.br/2013/05/a-economia-de-servicos-de-sergipe-em.html>>. Acesso em 05 de novembro de 2016. De acordo com os dados do IBGE, o censo demográfico de 1960 revela que a população sergipana era de 760.273 habitantes. Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=28&dados=4>>. Acesso em 05 de novembro de 2016.

pelo Dr. João Marques Guimarães, secretário de imprensa, na abertura da campanha *Cristo Esperança Nossa*<sup>29</sup>”.

Ainda sobre a presença militar no evento, a *Gazeta de Sergipe*<sup>30</sup> destaca a as presenças do Major Francisco Silveira, comandante da Guarnição Federal e sua esposa. Maria de Lourdes Santos, hoje batista. Ela foi uma das entrevistadas e pontuou em sua fala que participou desse evento, não como “evangélica”, mas apenas comerciante e destacou a forte presença do exército naqueles dias de festividade<sup>31</sup>. Outro entrevistado, Gerinaldo Messias, foi questionado sobre o envolvimento dos evangélicos e a política naquele momento,

Bem, eu não sou assim, muito ligado a política, não entendo muito de política, mas não deixa de ter havido um certo interesse pelo campo político, porque realmente a campanha *Cristo Esperança Nossa* trouxe uma certa influência no lado político porque nós mostramos em parte o que somos, então a igreja se envolveu mais ainda, até então não era tanto. Esse movimento envolveu o Estado. Com essa campanha evangelística houve assim um interesse maior, tanto da política como da igreja, no envolvimento político<sup>32</sup>.

Houve um despertar político e a força evangélica aglutinou massas populares. O novo regime encontrou nos protestantes um parceiro para legitimar o uso do poder através da sacralização do discurso conservador, natural do protestantismo, imbuído na campanha evangelística. De acordo com Eliezer Bernardes da Silva<sup>33</sup>, “trata-se de um momento histórico, no que pese os militares terem tomado o poder, e naquele período o povo brasileiro estava ansioso pela transformação, por uma renovação, um conforto, uma novidade, e a população ansiava a esperança de algo melhor”. E foi justamente quando surgiu a campanha *Cristo Esperança Nossa*. Ele destaca ainda que o lema da campanha procurou satisfazer a esse desejo mostrando a aspiração por um Brasil mais honesto, mais cristão, com políticos de preferência cristãos e homens sérios.

---

<sup>29</sup> *Diário Oficial do Estado de Sergipe* de 20 de setembro de 1964, nº 15012. p. 04.

<sup>30</sup> *Gazeta de Sergipe* de 23 de setembro de 1964, nº 2512, s/p.

<sup>31</sup> Entrevista concedida ao autor em 17 de junho de 2016. Na cidade de Aracaju/SE.

<sup>32</sup> Entrevista concedida ao autor em 13 de novembro de 2012. Na cidade de Aracaju/SE.

<sup>33</sup> Entrevista concedida ao autor em 12 de agosto de 2015. Na cidade de São Paulo/SP. O Rev. Eliezer Bernardes é atualmente um dos responsáveis pelo Arquivo Histórico Presbiteriano em São Paulo.

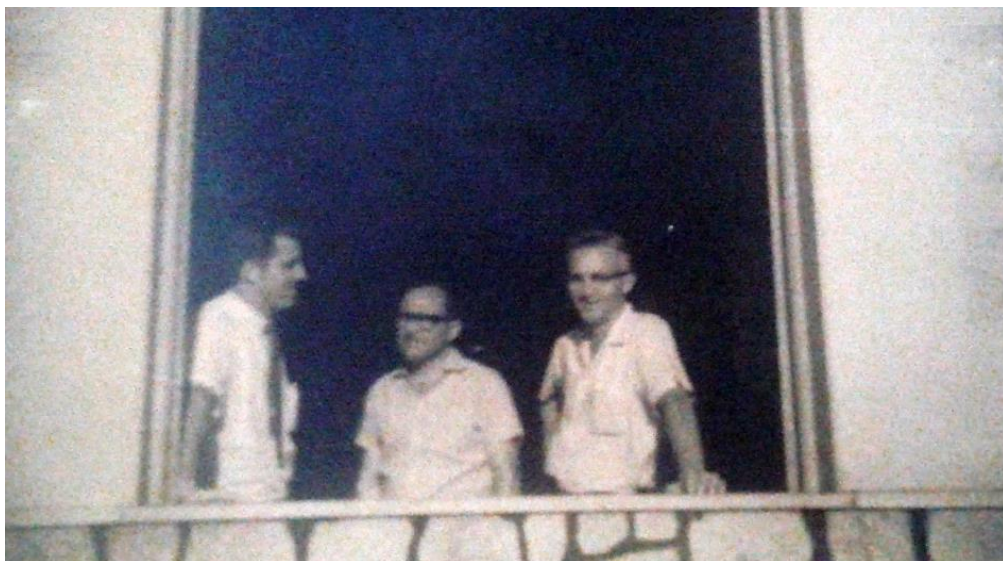


Figura 10 – Pierre Dubose, Gerson Barbosa e Prof. Spach (Organizadores da Cristo Esperança Nossa).  
Fonte: Acervo pessoal de Silvana Maria de Melo Souza Mendonça.

Estava em curso em 1964 o avanço da mudança político-institucional que buscava naquele momento inicial legitimidade na sociedade civil. Os eventos religiosos pré e pós-golpe se confluíram com os interesses militares. Presume-se que o novo governo percebeu a importância do poder que a religião cristã exercia sobre a sociedade brasileira, os números revelam isso. Sobre a projeção de católicos e evangélicos no Estado de Sergipe, com base nos censos demográficos de 1960 e 1970, temos:

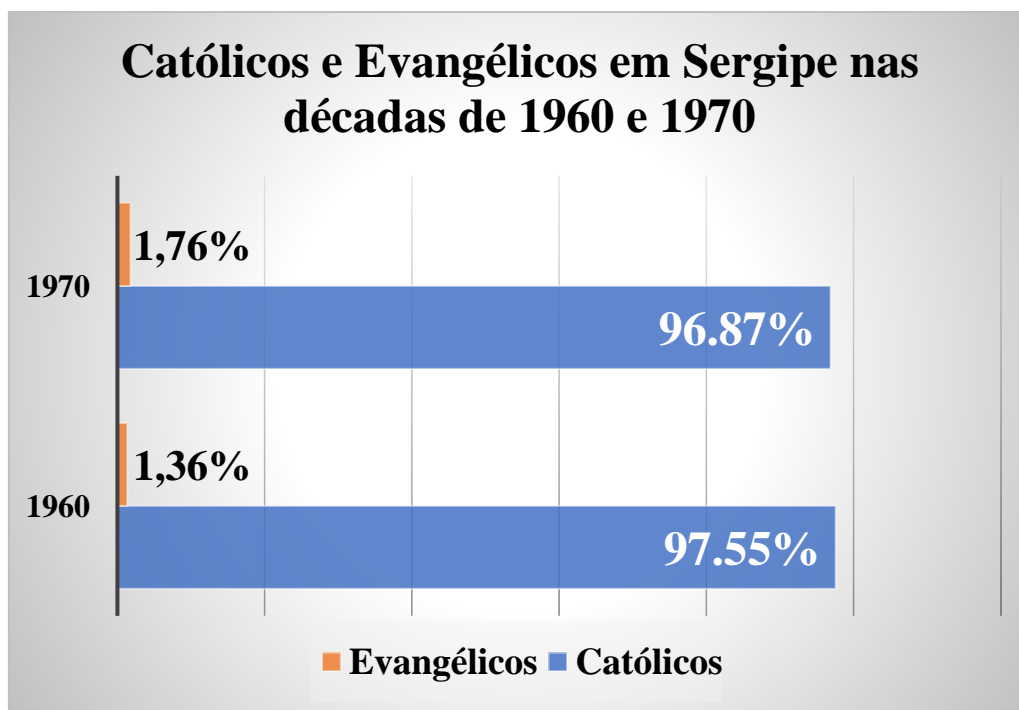


Gráfico 03 – Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Censo Demográfico brasileiro de 1960 e 1970.



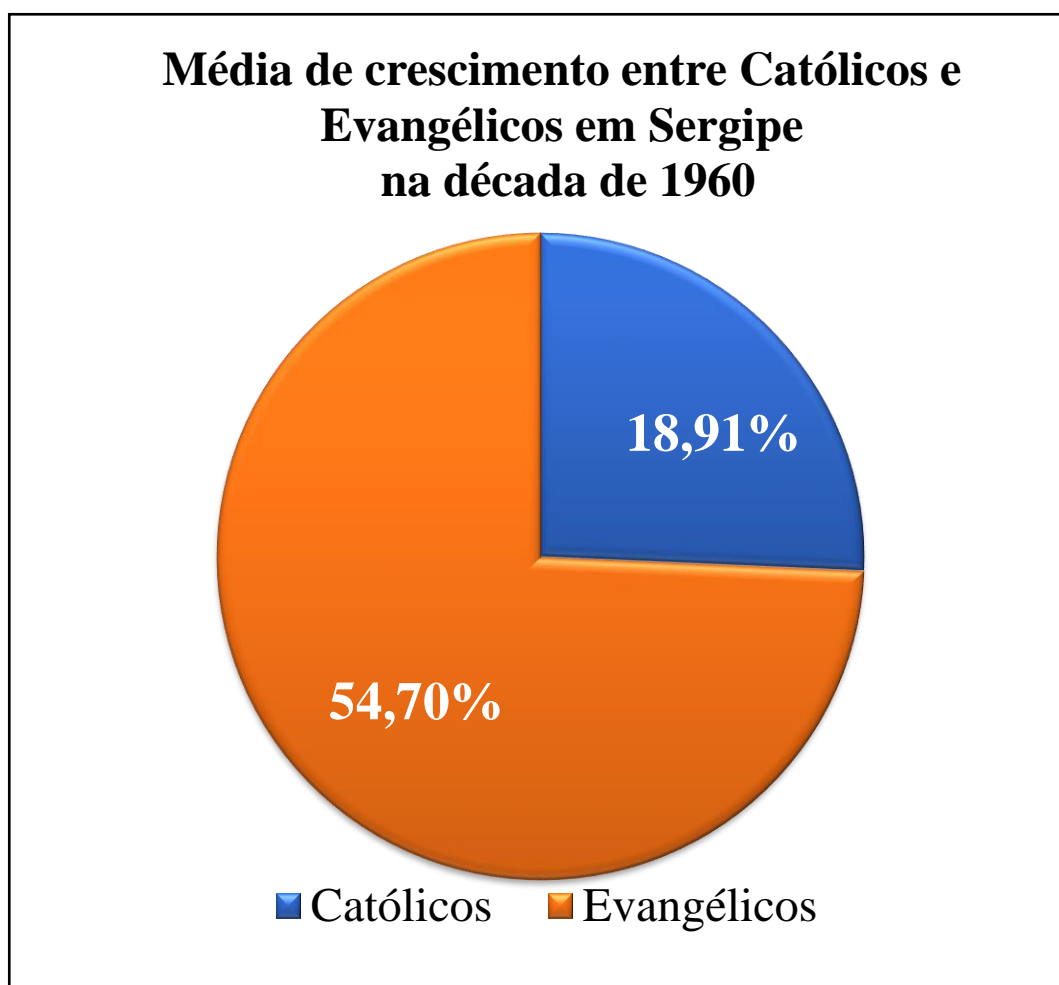


Gráfico 4 – Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – censo demográfico brasileiro de 1960 e 1970.

Semelhante à projeção nacional, no mesmo período, como mostra a Gráfico 03, em Sergipe predomina a religião católica em comparação à evangélica. Observa-se ainda que a população católica no Estado supera, no mesmo período, a projeção nacional. Mas ao comparar a média de crescimento desses dois segmentos cristãos, observa-se que os evangélicos cresceram relativamente mais em relação aos católicos no Estado de Sergipe na década de 1960. Esses dados levam a pensar os números apresentados pelo *Brasil Presbiteriano* no que tange a quantidade de novos adeptos alcançados na cruzada *Cristo Esperança Nossa* e, neste caso, particularmente, serve apenas como amostragem diante de outros trabalhos e eventos realizados pelos protestantes nessa década, objetivando o crescimento desse segmento religioso.



Figura 11 – Divulgação da cruzada *Cristo Esperança Nossa* nas ruas de Aracaju. Pequenos grupos em bairros distantes. Fonte: *Brasil Presbiteriano*. Ano VII. São Paulo, outubro de 1964, p.4.



Figura 12 – Evangelismo pessoal nas prévias da cruzada *Cristo Esperança Nossa* nas ruas de Aracaju. Fonte: *Brasil Presbiteriano*. Ano VII de 44 de novembro de 1964, p.4.

O Rev. Antônio Elias Sobrinho<sup>34</sup> foi o principal conferencista da campanha, conforme notícia da *Gazeta de Sergipe*<sup>35</sup>. Era considerado o Billy Graham<sup>36</sup> da América Latina e pregou na cruzada com muita emoção e entusiasmo. Em suas memórias, Eliezer Bernardes revela que Antônio Elias foi um ministro presbiteriano, um notável evangelista vocacionado por Deus para o trabalho de evangelização. Ele foi pastor de algumas igrejas, inclusive de Niterói. Mas o reverendo se notabilizou pelas conferências pelo Brasil, inclusive Aracaju.

Para Bernardes,

[...] o reverendo Elias era bem quisto pelas igrejas presbiterianas e seus líderes. Na verdade, eu o conheci, eu o vi pregar várias vezes, ele tinha tendência pentecostal, ele era presbiteriano, nunca se desviou, calvinista, mas a pregação dele, era uma pregação que se assemelhava a pregações pentecostais. Eu nunca presenciei o reverendo falando línguas estranhas, e nem conheci perfeitamente o que ele pensava sobre o batismo com o espírito santo, mas entendo que ele tinha certa tendência pentecostal.



Figura 13 – Reverendo Antônio Elias Sobrinho. Fonte: *Gazeta de Sergipe* nº 2508, de 18 de setembro de 1964, s/p.

<sup>34</sup> Ver a respeito – SOBRINHO, Antônio Elias. *Água feita vinho*. Belo Horizonte - MG, Canaã, 1977. 19-20 p.

<sup>35</sup> *Gazeta de Sergipe* de 23 de setembro de 1964, nº 2512, s/p

<sup>36</sup> William Franklin Billy Graham é um pregador batista norte americano. Foi conselheiro espiritual de vários presidentes americanos. Foi ainda o mais proeminente membro da Convenção Batista Sulista dos EUA. Graham já pregou pessoalmente para mais pessoas do que qualquer pregador da história ao redor do mundo. De acordo com a sua equipe, a partir de 1993, mais de 2,5 milhões de pessoas tinham "*Um passo à frente em suas cruzadas para aceitar Jesus Cristo como seu Salvador pessoal*". Ver a respeito - *The Billy Graham Museum* (em Português, "O Museu Billy Graham"). Disponível em < [https://pensador.uol.com.br/autor/billy\\_graham/biografia/](https://pensador.uol.com.br/autor/billy_graham/biografia/) > Acesso em 04 de Agosto de 2016.

O Brasil das décadas de 1950 e início de 1960 foi conhecido pelos movimentos de contestações sociais. Concomitante a esse cenário político houve significativas transformações no cenário religioso. O temor ao comunismo e a emergência de uma nação atea gerou tumulto entre grande parte das comunidades evangélicas. Tiago Watanabe (2006) chama à atenção para os movimentos fundamentalistas – importante arma ideológica norte-americana para conter o avanço socialista – contribuíram para o aumento desse temor. Com a nova ordem política no Brasil de 1964, ideias progressistas foram facilmente aproximadas da ideia de comunismo, e isso representava um perigo para as instituições. Ao ser entrevistado Virgínio de Carvalho<sup>37</sup> questionou a posição dos protestantes com relação ao golpe,

Os protestantes não eram contra, porque os protestantes não pensavam sobre o comunista, mas eles pensavam sobre o comunismo, então, por isso eles não eram contra os militares, entendeu, eles eram a favor da direita, então a igreja sempre foi do lado da direita. Por que? Porque sempre se pensou que a esquerda, ou o comunismo só iriam trazer sofrimento. Entendeu? Então, nunca se pensou de outra forma porque é o que o Brasil inteiro conhecia, especialmente na época não existia a internet, não existia a evolução que existe hoje, então era somente que sem o capitalismo não poderia sobreviver, então mesmo vivendo na miséria, se acreditava que era rico, e tinha medo de sair daquela riqueza, que entre aspas, achávamos que vivíamos, não tínhamos a experiência de uma mudança, e toda mudança causa esses impactos, então os evangélicos tinham o medo pelo fato de sabermos que o comunismo prega sua ideologia e que não haveria mais liberdade para que nós pudéssemos ter a nossa ideologia. Então esse era o medo.

A fala de Virgínio corrobora com aquele fundamentalismo pontuado por Watanabe. Desde a Revolução Russa de 1917, os reformadores caracterizaram o comunismo como ideologia diabólica (SILVA, 1998, p.139). A condenação era, sobretudo, religiosa, na medida em que condenavam o “ateísmo materialista” pregado pelos países e pelos líderes comunistas. Sobre esse perigo comunista, o *Brasil Presbiteriano* de maio de 1964, p. 7, dizia que

todos os verdadeiros cristãos se regozijam e estão se regozijando, com os resultados da gloriosa revolução de março-abril: o expurgo dos comunistas e seus simpatizantes – a raiz da erva daninha, porém, será difícil de ser extirpada. Em todos setores está infiltrada, inclusive nas igrejas, tanto na católica romana, como infelizmente nas evangélicas.

Sobre essa questão do terror ao comunismo Virgínio comenta de sua passagem pela África e faz uma comparação com o Brasil,

Eu lembro que quando o comunismo entrou na África e que ele se apoderou da ilha de Madagascar, eu lá estava, então tinha muito barulho, muita, muita conversa, e dizia que tantas coisas iam acontecer e nada daquilo aconteceu,

<sup>37</sup> Entrevista concedida ao autor em 23 de maio de 2013, na cidade de Aracaju/SE.



então as pessoas ficavam confinadas dentro de casa, com medo dos navios que iam chegar no porto e tal, os aviões bombardearem. Na verdade, houve sim guerra, houve sim revolução, mas não era o comunista que estava trazendo toda aquela desgraça, eram os próprios nacionais brigando uns contra os outros, vamos supor que uns eram a favor e outros contra. Mais ou menos o que aconteceu no Brasil, os soviéticos não vieram para aqui trazer nenhuma desgraça, mas ficou entre os brasileiros, um de direita e um de esquerda cada um defendendo a sua própria causa<sup>38</sup>.

Está claro que os embates travados nesse campo de divergências e projetos políticos diferentes, muitas vezes precedido pelo discurso anticomunista, residia muito mais numa questão interna do que externa. Não se anula, com isso, o poder de influência do elemento externo – como, por exemplo, a disputa de poder bem mais ampla como foi a Guerra Fria – sobre questões pontuais. Outra entrevistada, Ivete Teles<sup>39</sup>, que já era evangélica (batista) em 1964, vivenciou uma situação diferente daquilo que era propagado em seu convívio cristão, ela diz:

O meu sogro, sendo comunista como dizia ser, era uma pessoa muito boa, melhor do que as pessoas da situação, muito melhor. Ele servia mais ao pessoal brasileiro do que ao pessoal da situação. Porque como diz assim “comunista é mal”, eles não são. Principalmente o meu sogro, o meu sogro era muito bom!

Observa-se que há a desconstrução do imaginário presente no “perigo vermelho” pela experiência pessoal e o contato com o “outro”. O sogro de dona Ivete não era evangélico, era major do exército, comunista e tinha uma fazenda no interior do Estado, onde refugiava muitos outros ameaçados pelo Regime. Questionada se ele havia sido preso, ela afirma que havia sido preso tanto em 1924<sup>40</sup> como em 1964. Em entrevista ao autor, Silvana Maria também se recorda desse anticomunismo na igreja, no contexto, e afirma:

Eram ideias que eram rejeitadas, não só pelos evangélicos, pelos católicos, pela sociedade de um modo geral, pelo medo que as pessoas tinham do que o comunismo traria. Era divulgado, era muito citado aquele dizer de Karl Marx, que a religião era o ópio do povo. Então, o que é que dizia? Bem, se um camarado diz que a religião é o ópio, tá comparando Cristo, tá comparando a Igreja ao ópio? Então, as pessoas não queriam conhecer, na sua ciência, o que era o comunismo. Então, havia sempre aquela contradição, que eu lembro que alguns levantavam e diziam, mas tanto Karl Marx era de uma família judaica, como o comunismo é o princípio que está lá na Bíblia, comunismo é tudo em comum. Mas havia um grande medo, pela incógnita: “O que seria? Vai fechar a igreja. Vai tirar a liberdade religiosa. Vai perder a liberdade de expressão”. Quando vieram... aquele medo do PT, do ex-presidente, não é? “Não votem”.

<sup>38</sup> Entrevista concedida ao autor em 23 de maio de 2013, na cidade de Aracaju/SE.

<sup>39</sup> Entrevista concedida ao autor em 17 de junho de 2016, na cidade de Aracaju/SE.

<sup>40</sup> No estado de Sergipe, especificamente na antiga “Praia Formosa”, no ano de 1924 ocorreu a primeira revolta militar do estado, que durou aproximadamente três anos, a “Revolta Tenentista”.

Realmente isso acontecia pelo medo do que seria desencadeado com a subida deles, a chegada deles ao poder. De muita revolta, de muita tensão, porque se achava alienado, era Tio Sam (risos), United States of America...o Brasil os estudantes mais esclarecidos, mais politizados, que não aceitavam as coisas que vinham de fora...Eu me lembro que tinha um movimento – Aliança pra o Progresso, que o/ os estudantes diziam assim: Aliança que para, vírgula, o progresso<sup>41</sup>.

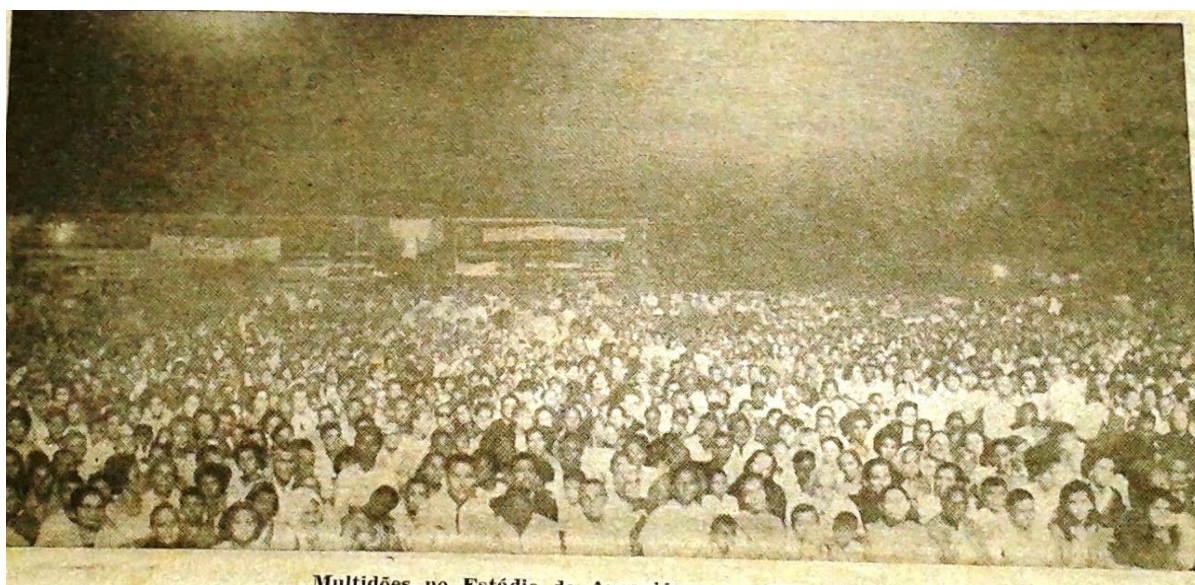


Figura 14 – Cruzada *Cristo Esperança Nossa* – Turno vespertino (Estádio de Aracaju - 1964). Fonte: *Brasil Presbiteriano*. Ano VII. São Paulo, outubro de 1964, p.1.



Figura 15 – Banda Sons de Júbilo. Banda de música da Assembleia de Deus em Aracaju que sob a direção do Maestro Manoel Oliveira de Menezes parte da cruzada *Cristo Esperança Nossa* em 1964. Fonte: Arquivo da Assembleia de Deus.

<sup>41</sup> Entrevista concedida ao autor em 20 de dezembro de 2016. Aracaju/SE



Multidões no Estádio de Aracaju

Figura 16 – Cruzada *Cristo Esperança Nossa* – à noite (Estádio de Aracaju - 1964). Fonte: *Brasil Presbiteriano*. Ano VII. São Paulo, outubro de 1964, p.4.

O Brasil, na década de 1960, presenciou eventos de grande mobilização de massas como marchas, cruzadas e campanhas dessa natureza. Movimentos civilmente organizados por instituições religiosas, sobretudo por setores conservadores das igrejas católica e evangélicas. Esses eventos muitas vezes abriram espaço para o diálogo ecumênico, não em torno do debate social como havia sido proposto pela Conferência do Nordeste de 1962, por exemplo, mas visando a unidade cristã em torno do discurso anticomunista. Entre essas marchas, porém, uma diferença há de ser considerada. Nas cruzadas evangélicas foram marcantes a coordenação de pastores e líderes dessas instituições. Embora a importância da presença feminina seja destacada entre os protestantes, foram nas marchas com Deus e pela Liberdade, organizadas pela Igreja Católica, que fica mais evidente o envolvimento das mulheres na linha de frente, geralmente apresentadas como idealizadoras das marchas. O clero, propriamente dito, aparece apenas de forma secundária para referendar o evento.

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade constituiu-se na série de manifestações políticas revestidas do discurso religioso. Sérgio Lamarão<sup>42</sup> afirma que “essas ‘marchas’ foram organizadas principalmente por setores do clero e por entidades femininas em resposta ao comício realizado na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, em 13 de março de 1964,

<sup>42</sup> LAMARÃO. Sérgio, *A Marcha da Família com Deus pela Liberdade*. CPDOC. s/d. Disponível em <[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A\\_marcha\\_da\\_familia\\_com\\_Deus](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marcha_da_familia_com_Deus)>. Acesso em 10 de abril de 2016.

onde o presidente João Goulart anunciou seu programa de reformas de base”. Essas marchas congregaram segmentos da classe média, temerosos do "perigo comunista" e favoráveis à deposição do presidente da República.

Ainda segundo Sérgio Lamarão, a primeira dessas manifestações ocorreu no dia 19 de março, em São Paulo (dia de São José, padroeiro da família). O principal articulador da marcha foi o deputado Antônio Sílvio da Cunha Bueno (PSD), apoiado pelo governador Adhemar de Barros (PSP), que se fez representar no trabalho de convocação por sua mulher, Leonor de Barros. A iniciativa da Marcha da Família repetiu-se em outras capitais, como no caso de Aracaju, mas já após a derrubada de Goulart pelos militares em 31 de março, o que as tornou conhecidas como "marchas da vitória". Lamarão afirma que a marcha do Rio de Janeiro levou às ruas cerca de um milhão de pessoas no dia 2 de abril de 1964. Sobre a Marcha da Família com Deus em Aracaju, informa o *Diário Oficial do Estado de Sergipe*:

Como se anunciara, logrou pleno e absoluto êxito a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada à noite de terça-feira última, por iniciativa das senhoras católicas de Aracaju, a qual contou com a participação da primeira dama do Estado, D. Bertilde de Carvalho. Presentes os representantes do senhor Governador Celso de Carvalho e Desembargador Hunald Santaflor Cardoso, Governador em exercício, Secretários de Estado, autoridades civis, militares e eclesiásticas, estudantes, trabalhadores e grande massa popular<sup>43</sup>.

Observe o protagonismo feminino presente nessas marchas. Tanto nos exemplos citados no eixo Rio – São Paulo, como em Sergipe, Bahia e Pernambuco. São senhoras da classe média, católicas, e sintetizam o ideário da família presente no lema da marcha. Ibarê Dantas (1997) informa que na capital sergipana e em algumas cidades como Laranjeiras, Propriá, Itabaiana, entre outras, foram realizadas marchas, geralmente com grande acompanhamento, sensibilizando as massas. Tudo tinha como objetivo impor um novo padrão ideológico à sociedade. De acordo com o *Diário Oficial do Estado de Sergipe*<sup>44</sup>, em 13 de abril de 1964, os populares reuniram-se em frente à Assembleia Legislativa e seguiram pela Rua Pacatuba, Avenida Barão de Maruim e Rua Santa Luzia, aglutinando-se no Parque Teófilo Dantas. Foi celebrada, por conseguinte, uma missa em Ação de Graças para comemorar o “triunfo da revolução”. Era a primeira marcha em Aracaju.

<sup>43</sup> *Diário Oficial do Estado de Sergipe*. Ano XLV II, nº 149212, 13 de abril de 1964, p. 2.

<sup>44</sup> *Diário Oficial do Estado de Sergipe*. Ano XLV II, nº 14921 de 23 de abril de 1964, p. 4



A segunda Marcha da Família na capital ocorreu a 28 de abril daquele mesmo ano<sup>45</sup>. Todas as instituições aracajuanas de ensino participaram da manifestação, além de delegações de alguns municípios do interior, segundo a *Gazeta de Sergipe*, cujos nomes não foram mencionados. Após o desfile, houve uma missa realizada na Praça Olímpio Campos, localizada nas imediações da catedral metropolitana, onde um expressivo número de fiéis rezou pela “libertação do Brasil”. Em maio de 1964, a mesma edição da marcha chegou à Barra dos Coqueiros, depois Laranjeiras e por fim, Aquidabã. E em setembro foi a vez dos evangélicos.



Figura 17 – Marcha da Família por Deus e pela Liberdade em Aracaju. Fonte: *Gazeta de Sergipe*, 13 de abril de 1964, s/p.

É necessário deixar claro que o objeto central desse estudo não são as marchas católicas. Mas é importante apresentar as convergências desses eventos ligados a igrejas cristãs para a consolidação do Golpe civil-militar no Brasil e também ao regime que se seguiu. Foram festividades religiosas ou políticas, ou mesmo político-religiosas que mobilizaram a sociedade brasileira influenciando consideravelmente o mundo político nos idos de 1964.

<sup>45</sup> *Gazeta de Sergipe*, 28 de abril de 1964. s/p.

Nesta seção apresentamos o cenário político e religioso sergipano de 1964, para compreender os desdobramentos da cruzada *Cristo Esperança Nossa* e o posicionamento de líderes evangélicos diante do novo regime. Contamos com fontes escritas e orais, consideradas significativas para esse estudo. Pesquisamos em Atas da Igreja Presbiteriana do Brasil em Aracaju e Laranjeiras, e foi feita a análise de jornais como a *Gazeta de Sergipe*, o *Diário Oficial do Estado de Sergipe* e o *Brasil Presbiteriano*, além de utilizar depoimentos pessoais produzidos durante a pesquisa, norteados por questões pertinentes à cruzada e ao campo político. As entrevistas foram realizadas com religiosos que vivenciaram aquele momento histórico, como por exemplo: Eliezer Bernardes da Silva, Virgínio de Carvalho Neto, Gerinaldo Messias, Carlos Alberto Oliveira, Maria de Lourdes Santos e Ivete Teles. A próxima seção abordará o campo religioso voltado para as ações mais progressistas dessas igrejas, principalmente as de conteúdo social e de resistência ao regime ditatorial.

### III. DA DEMOCRACIA AO AUTORITARISMO: QUESTÃO SOCIAL, IGREJA E RESISTÊNCIA

A década de 1960 é bastante emblemática. O Brasil vivenciava um momento de grandes contestações sociais, sobretudo no Nordeste, que sofria com a seca, a fome, a miséria e o analfabetismo, por este motivo, as atenções voltavam-se para essa região brasileira. Percebe-se também um fortalecimento das Ligas Camponesas e do sindicalismo operário nos grandes centros urbanos, o clima era de ampla mobilização social. Ações reivindicativas estavam presentes no campo das esquerdas comunistas, socialistas, trabalhistas, nacionalistas e até mesmo, entre católicos e evangélicos progressistas. Se organizavam numa pluralidade de associações, partidos, sindicatos e federações camponesas ou mesmo operárias<sup>1</sup>.

Além da situação econômica e social do país, tem-se a questão dos conflitos externos relacionados a Guerra Fria que teve início em 1947. Ocasão em que os Estados Unidos tinham (e assim permanecem) uma economia capitalista baseada na propriedade privada dos meios de produção e na circulação das riquezas, e um sistema político fundamentado em eleições diretas. Seu principal rival, a União Soviética, ao contrário, possuía uma economia baseada na propriedade estatal dos meios de produção e na planificação econômica. O sistema de governo tinha por base o partido único e não havia liberdade de oposição. O governo censurava a produção cultural, a imprensa era rigidamente controlada e notícias desfavoráveis ao regime não podiam ser divulgadas. No plano econômico, o governo decidia o que as fábricas deviam produzir, a quantidade de artigos a ser fabricada, o preço das mercadorias, os locais de venda, o salário dos trabalhadores, etc., ou seja, liberdade de mercado restrita ou nenhuma.

A Guerra Fria<sup>2</sup> reconfigurou a geopolítica mundial. O historiador Eric Hobsbawm (1995) insere esse contexto no que chamou de “o breve século XX”. Segundo ele, o período teria iniciado em 1914 quando teve início a Primeira Guerra Mundial e terminado em 1991 com a desintegração da União Soviética. Para Hobsbawm, outra característica do “breve século XX” foram as disputas entre capitalistas e comunistas. Por muito tempo, o mundo ficou dividido entre dois blocos antagônicos liderados, respectivamente, pelos Estados Unidos (capitalista) e

---

<sup>1</sup> Para a pluralidade do campo das esquerdas, ver: Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis (Orgs.), *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 2.

<sup>2</sup> Para a Guerra Fria, ver: RODEGHERO, Carla Simone. *Capítulos da Guerra Fria - O Anticomunismo Brasileiro Sob o Olhar Norte-americano (1945-1964)*. Editora: UFRGS. 2007.

pela União Soviética (comunista). Foi a época da Guerra Fria. Muito do que aconteceu no Brasil e no mundo durante esse período esteve relacionado às disputas entre as duas nações, por exemplo, o terror nuclear, a corrida armamentista, a corrida espacial e a expansão do comunismo no mundo.

Outro fato paralelo à Guerra Fria foi a Revolução Cubana de 1959. O ex-sargento Fulgêncio Batista chegou ao poder em Cuba, em 1952, por meio de um golpe de Estado. O governo de Batista protegia negociatas e práticas corruptas dos oficiais do exército, das poucas famílias ricas e dos estadunidenses que mantinham negócios no país. A questão é que grande parte do povo permanecia na pobreza. O advogado Fidel Castro estava entre os críticos ao regime e liderou um movimento de resistência que representava efetivamente uma perspectiva de mudança para a maioria dos pobres cubanos. Os revolucionários iam aumentando em número e recebiam apoio da população, pois as propostas de Castro atraíam operários e camponeses que sofriam com baixos salários, desemprego, doenças, falta de terra e analfabetismo<sup>3</sup>.

Quando os guerrilheiros chegaram a capital cubana – Havana – em janeiro de 1959, Batista fugiu para os Estados Unidos e Fidel Castro assumiu o poder. Promoveu a reforma agrária com a expropriação de grandes propriedades, estabeleceu a reforma do ensino para acabar com o analfabetismo, nacionalizou bancos e empresas estrangeiras e reestruturou a saúde pública. As medidas adotadas pelo novo governo não agradaram em nada o governo norte-americano que em 1961 rompeu relações com Cuba. A tensão foi ainda maior quando nesse mesmo ano, em plena Guerra Fria, o governo cubano anunciou sua opção pelo socialismo. As reformas promovidas pela revolução Cubana realmente mudaram o país, entretanto observa-se que o embargo econômico imposto pelo governo dos Estados Unidos sufocou o desenvolvimento econômico da ilha. Com a desintegração da União Soviética em 1991, a economia cubana sofreu um retrocesso ainda maior, mas mesmo assim prevaleceu o regime socialista<sup>4</sup>.

A decisão de se alinhar a União Soviética e consequentemente ao socialismo, levou Cuba a tornar-se um país combatido pelos Estados Unidos durante todo governo de Fidel Castro. Aos oitenta anos de idade e apresentando sérios problemas de saúde, em junho de 2006,

---

<sup>3</sup> Para a Revolução Cubana, ver: FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

<sup>4</sup> Sobre a implantação do sistema socialista em Cuba, ver: SADER, Emir. *Cuba: um socialismo em construção*. Petrópolis: Vozes, 2001.

Castro afastou-se do governo e mais tarde, em 2008, renunciou o poder, mas o parlamento elegeu seu irmão Raúl Castro para sucessão. Dez anos após seu afastamento, o líder cubano chega a óbito no dia 25 de novembro de 2016 causando as mais distintas reações entre personalidades e líderes mundiais. Vale ressaltar, Moniz Bandeira afirma que a Revolução Cubana

(...) não foi uma operação da URSS na Guerra Fria, uma consequência da confrontação Leste-Oeste, mas uma das primeiras – e a mais poderosa – das manifestações do conflito Norte-Sul na região, principalmente das contradições não resolvidas entre os EUA e os países da América Latina (BANDEIRA, 1997, p.5).

Bandeira (1997) traz ao debate a questão de que a “revolução” não se explica apenas como um fenômeno meramente ligado à União Soviética, mas também é produto dos embates interamericanos. Todavia, os acontecimentos ligados à Guerra Fria influenciaram decisivamente nos rumos do Brasil nos idos de 1960. “Havia certo temor que o nordeste brasileiro se transformasse numa Cuba socialista, tamanhas eram as mazelas sociais ali presentes” (*Idem*, p.12). Também merece atenção o fato do socialismo burocrático de Estado, baseado no “modelo” stalinista soviético, ter avançado apenas em países economicamente atrasados, em que a maioria da população rural (camponeses) predominava sobre o proletariado, contrariando as previsões de Marx, pois acreditava que a revolução socialista deveria ocorrer primeiro em países onde a força sindical da classe trabalhadora urbana (proletariado) era muito grande.

Esse cenário, propício para uma profunda revolução social, afetou muito de perto, o quadro religioso da história do Brasil, destacando-se nele o protestantismo, que apresentou progressiva politização da juventude protestante. O Setor de Responsabilidade Social da Igreja<sup>5</sup> avançou na direção da sua quarta reunião que viria a ser conhecida por Conferência do Nordeste, realizada de 22 a 29 de julho de 1962, na cidade do Recife. Para seus idealizadores, o Brasil encontrava-se num processo revolucionário diante do qual as igrejas não poderiam se omitir.

---

<sup>5</sup> Sobre o Setor de Responsabilidade Social da Igreja, ver: MATOS, Alderi Souza de. *Uma igreja peregrina: história da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 a 2009*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

### 3.1 A CONFERÊNCIA DO NORDESTE DE 1962

A Conferência do Nordeste: *Cristo e o processo revolucionário brasileiro*, na interpretação de Almir dos Santos<sup>6</sup> significou a tomada de consciência pelas igrejas (católicas e protestantes) representadas na reunião, da realidade presente no Brasil, sobre qual seria a resposta da Igreja<sup>7</sup>, como intérpretes da vontade de Deus para a vida em comunidade (CÉSAR, 1962, p.13). Sugere ainda que a Conferência foi uma tentativa de tomar contato com a realidade brasileira, interpretá-la a luz da revelação cristã, e buscar as soluções evangélicas para os problemas do momento. Na noite do dia 23 de julho de 1962 o encontro teve como orador o professor e sociólogo Gilberto Freyre e em sua fala inicial afirma: “o cristianismo evangélico no Brasil já está na vez de se fazer sentir, como cristianismo por excelência bíblico, na cultura brasileira. É tempo do cristianismo evangélico ir além” (*Idem*, p. 32). Foi de fato, uma provocação e um desafio aos evangélicos. As afirmações de Freyre, publicadas depois nos jornais de vários Estados, gerou uma grande repercussão. Além de Gilberto Freyre, nesse mesmo dia palestrou o economista Celso Furtado<sup>8</sup>, revelando a diversidade ideológica no encontro.

Não foi em vão a escolha do Recife, em Pernambuco, para sediar a IV Conferência do Nordeste em 1962. A Crônica da conferência revela que o local de realização deste evento religioso foi escolhido intencionalmente. Mas por que o Nordeste?

Em primeiro lugar, porque o Nordeste se tornou centro das preocupações da política nacional e internacional. O próprio presidente Kennedy enviou o seu irmão para estudar os problemas daquela região. Outros grupos, inclusive bispos católicos, lá estiveram reunidos e fizeram pronunciamentos públicos sobre a situação nordestina dentro da situação brasileira. Em segundo lugar porque o Nordeste apresenta o ponto mais crítico da crise brasileira. Podemos citar, para lembrar os diletos irmãos que Recife, capital do Nordeste e local eleito para a realização da Conferência, é chamada de “Moscouzinha brasileira”, a pequena Moscou brasileira; o Nordeste tem sido chamado “a Cuba brasileira” ou “estopim da revolução”; e um irmão do Recife me disse textualmente: “Reverendo, estamos fazendo pic-nic em cima de um vulcão”. Em terceiro lugar pelo desejo de integração das igrejas do Nordeste à Confederação Evangélica do Brasil. (CÉSAR, 1962, p.13)

<sup>6</sup> Pastor Metodista e presidente da Comissão Organizadora Nacional da Conferência do Nordeste.

<sup>7</sup> O termo “Igreja” é empregado num sentido mais universal e não para indicar uma denominação religiosa específica. Entre os evangélicos o conceito é usado para designar o “povo de Deus” na terra que é formado por todos os cristãos, independente de corrente teológica.

<sup>8</sup> Furtado é apresentado na Conferência como técnico, administrador e economista. Nasceu no Nordeste e para lá voltou já na qualidade de Superintendente da SUDENE, organismo criado pelo governo Juscelino Kubitschek, mantido durante os sete meses do governo Jânio Quadros, tendo ele continuado no cargo neste período. Sua atuação tem sido discutida. O fato é que Celso Furtado deixa os críticos e “trabalha” (CÉSAR, 1962, p.30).

Observa-se que havia uma agenda entre os evangélicos pautada na discussão e no debate sobre a realidade social brasileira em 1962. O trecho revela o que estava no centro dessa pauta, a situação política, econômica e social do Nordeste vinculado ao ambiente externo. A vigilância norte-americana sobre as nações capitalistas e suas políticas de contenção do avanço das ideias socialistas, defendidas pelos governos da União Soviética e de Cuba e respaldadas pelas efervescentes contradições sociais dessas regiões.

Salienta-se que assim como a Igreja Católica, igrejas evangélicas em geral, sentiram a necessidade de uma relação mais vital com a sociedade, de forma que o Evangelho de Jesus Cristo pudesse permear os acontecimentos e contribuir para o estabelecimento de novas formas de vida para o povo brasileiro. Essa conferência, portanto, apresenta-se como um dos esforços mais amplos nesse campo, dado seu caráter nacional e a participação diversificada de denominações protestantes. Os assuntos debatidos por esses religiosos refletem a preocupação social daquele momento. Entre os temas abordados durante a conferência, estavam: “As resistências à mudança social”, “O teatro como forma de comunicação”, “Operários e camponeses presentes”.

Sobre o envolvimento entre vida cristã e esse contexto social do início da década de 1960, Silvana Maria de Melo Souza Mendonça<sup>9</sup>, comenta:

Olhe, eu era muito jovem, estava me preparando para entrar no mundo universitário e pessoalmente eu era uma pessoa engajada em alguns movimentos, estava me preparando para a universidade e como era uma pessoa que lia muito, sempre fui muito estimulada pelos meus pais a ler, a ter a mente bem aberta para receber as coisas...eu não via, assim, não havia uma preocupação das igrejas em preparar politicamente os jovens. Os pastores, pelo menos na minha igreja, não havia essa preocupação de política, mas havia jovens engajados, havia jovens que/ que movimentavam, eu mesma depois que entrei na/ na faculdade, que não era universidade ainda, eram faculdades isoladas, era uma militante estudantil, participávamos assim numa/ num projeto, assim, de querer uma sociedade melhor e juntavam o/ a essa proposta, jovens que eram socialistas, jovens que se diziam comunista, jovens como eu que se dizia “revolucionária de Cristo”, como trabalhávamos nas comunidades tentando mostrar que não era aquilo, que existia aquilo que poderia ser o melhor para as pessoas. E então, havia jovens engajados e jovens que eram descompromissados. Contudo, quando você tem Jesus, você sabe que você não pode se acomodar, você é um jovem que tem que provocar mudanças. Mudanças de estrutura mesmo, na estrutura do coração, na estrutura da vida, pra se alcançar o melhor, o bem-estar, a paz e a justiça social.

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida ao autor em 20 de dezembro de 2016, na cidade de Aracaju/SE.

Silvana representa uma parcela da juventude cristã, engajada em movimentos sociais, politizada e que tinha uma leitura diferenciada do mundo em sua volta, buscando mudanças não somente no plano espiritual como também no social. Evidentemente que esta não é a regra, talvez uma dentre tantas outras exceções como é o caso de Silvana, mas o seu exemplo deixa-nos claro que juventude era esse presente nas entrelinhas dessas instituições religiosas tradicionais.

Para Antônio Gouvêa Mendonça (2005) a Conferência do Nordeste, com repercussão nacional e internacional, causou grande impacto dentro das igrejas evangélicas. Porém a situação agravou-se com a intensificação do conflito entre fundamentalismo e ecumenismo e o golpe civil-militar de 1964. Para Mendonça, a década de 1960 foi uma época revolucionária com o impacto de mudanças sociais e o surgimento do tema “esperança” nos vários setores da vida intelectual.

Em Sergipe apresenta-se a cruzada *Cristo Esperança Nossa*, um evento evangélico, já abordado nesse trabalho, que expressou os anseios por mudanças sociais. Traz consigo uma mensagem de amor, fé e esperança para o ser humano afastado de Deus, buscando com este lema atrair as massas populares para Cristo e ao mesmo tempo, se apresentar como a única esperança para o Brasil. Entretanto, não encontramos nas bases dessa cruzada um pensamento claro voltado para uma mudança no *status quo*, mas sim no sentido massivamente espiritual. Silvana Maria se recorda do desfecho da campanha:

O grande desfecho da campanha foi no mês de setembro, o ano da campanha foi sessenta e quatro. O grande desfecho foi no estádio Estadual...de Aracaju, hoje o Lourival Batista, o Batistão. Veio o. além de toda a liderança da campanha de Recife, a liderança dos pastores...o...o coral, a essa época, foi regido pelo missionário, Thomas Foley. Eram mais de duzentas vozes...veio o pastor Antônio Elias, e todas as noites acontecia um grande culto lá no estádio. Convergiam caravanas de todo o interior, o estádio ficava totalmente lotado e ao som daquele grande coral e da mensagem poderosa muitas almas foram...rendidas aos pés de Jesus. Todos os evangélicos eram identificados por uma flâmula que nos identificava no/ na multidão e na cidade. O que eu achei muito importante é que muitas barreiras foram quebradas, aquela indiferença, aquele gelo, e foi um tempo, assim, de muito calor cristão, de muito calor humano, que as pessoas se cumprimentavam, se identificavam. O cristão, a gente podia dizer que saiu do anonimato. E foi um/ um/ uma alegria muito grande, os jovens se confraternizavam, os jovens eram responsáveis por todo/ todo sistema de/ de comunicação, de, de distribuição de folhetos, de preparação de folhetos, de visitas...e outra consequência da/ dessa campanha foi a AJES, a Associação dos Jovens Evangélicos de Sergipe. Fez um trabalho muito bom e era muito bonito ver... naqueles dias, aquela coisa que vai acontecer no final dos tempos, uma só igreja. Ninguém se preocupava. “Eu



sou Batista, eu sou Independente, eu sou Presbiteriano.” Todos eram cristãos, todos buscando a concretização do reino de Deus. Muitas almas foram alcançadas, muita vida, dos próprios cristãos, transformada...porque houve uma renovação muito grande, um despertar espiritual muito grande e houve até uma aproximação com a igreja católica, Dom Luciano nos chamavam “os nossos irmãos do outro lado”, porque foi um trabalho muito/muito bem coordenado, muito bem dirigido, sem ofensas, procurando apenas testemunhar o amor de Jesus, falar do amor de Jesus e que era divulgado até mesmo nas igrejas, nas rádios católicas, na rádio Cultura, todo canto a campanha Cristo Esperança Nossa, que tinha um hino oficial, foi bem aceita, foi bem divulgada e acredito que todos os resultados, todos os objetivos que foram propostos foram alcançados<sup>10</sup>.

Tratava-se de um momento de comunhão antes jamais visto entre as igrejas evangélicas de Aracaju. A convergência se deu inclusive também com a Igreja Católica. Silvana cita o bom relacionamento sob o bispado de Dom Luciano Cabral Duarte, mas no momento da Cruzada o Arcebispo Metropolitano de Aracaju era Dom José Vicente Távora (1958-1970)<sup>11</sup>. Percebe-se que outras motivações estavam por traz dessa cruzada, talvez não por parte dos evangélicos participantes, mas de seus líderes e apoiadores. Ao ser questionada sobre os resultados concretos que essa cruzada apresentou, Silvana Maria de Melo Souza Mendonça<sup>12</sup> responde:

a Cruzada Cristo Esperança Nossa foi um primeiro momento, um momento de/ da evangelização das massas, mas havia uma segunda proposta a desencadear, que era, digamos, a prática do amor que foi justamente o desejo de levar as pessoas que não eram alfabetizadas a aprender a ler. Então, o segundo momento, o desdobramento da Cristo Esperança Nossa foi a Cruzada ABC, que era a Ação Básica Cristã. E usando a metodologia de Paulo Freire, a proposta era que em três meses o cidadão estaria alfabetizado, através dessa metodologia, a cidade foi dividida novamente em áreas, em cada comunidade havia uma coordenação e nessa coordenação havia um núcleo onde acontecia a alfabetização. Acontecia também a reflexão pela própria metodologia, pela própria cartilha que era usada e ao lado da/ daquilo que era proposto junto com a alfabetização, era levado também para a melhoria da alimentação, uma cota de alimentação. E tudo naquele objetivo de fazer as pessoas repensarem as suas próprias realidades, né? Não se acomodar, porque quem é analfabeto, quem não é alfabetizado, é um prisioneiro do próprio sistema, mas à medida que você aprende a ler você descobre um mundo novo, você amplia seus horizontes. No dizer de Dom Hélder: “ Cria o seu filho no amor, aos largos horizontes, mesmo que a vida tenha dado um nesguinha de céu.” Mas você

<sup>10</sup> *Idem*.

<sup>11</sup> Na igreja reinava a divisão. Uma ala mais ligada ao Bispo Auxiliar, D. Luciano Cabral Duarte, zeloso cooperador do Estado Autoritário, revelou-se simpatizante da nova ordem. Dentro dela incluem-se alguns sacerdotes e até mesmo o Bispo de Propriá/SE, D. José Brandão de Castro, que posteriormente se manifestaria intrépido defensor das causas dos trabalhadores rurais e dos índios. A outra ala, vinculada ao arcebispo de D. José Vicente Távora, recebeu o movimento como um grande retrocesso político. O próprio arcebispo, promotor do Movimento de Educação de Base, foi ameaçado de prisão. (DANTAS, 1997, p. 12-13).

<sup>12</sup> Entrevista concedida ao autor em 20 de dezembro de 2016, na cidade de Aracaju/SE.

lendo, você abre um, um mundo novo pra você. Então, nesse mundo vem todas as coisas renovadas, inclusive o pensamento, a ação...política.

Agora, ao término da campanha e os resultados obtidos em questão de “decisões para Cristo”<sup>13</sup> (questão também já pontuada nesse trabalho – Capítulo II) percebe-se que a cruzada *Cristo Esperança Nossa* (1964) é a porta para um projeto mais amplo que objetivava a educação de jovens e adultos associada a distribuição de alimentos – até porque o protestantismo é uma religião mais voltada para o “livro”<sup>14</sup> e portanto, a ferramenta do uso da leitura é imprescindível<sup>15</sup>, diferente do catolicismo romano mais voltado para o aspecto icnográfico.

Começa a aparecer um viés mais social voltado para a educação. Entretanto, este projeto ligado a cruzada do ABC (Ação Básica Cristã) diferencia-se da cruzada, também evangélica, ligada a Igreja Presbiteriana do Brasil, em Pernambuco, que contou com a participação de outros cristãos (católicos e protestantes) – com sede no Recife, expandindo-se depois para outros estados brasileiros. Este movimento religioso já era ligado ao governo militar e seguia na contramão das propostas defendidas pela Conferência do Nordeste, além de ter recebido fortes oposições por parte dos setores da esquerda política<sup>16</sup>. Um dos tentáculos deste movimento foi a cruzada *Cristo Esperança Nossa*, em Sergipe.

José Ferreira de Lima Júnior (2008) propõe uma análise da Cruzada do ABC de Pernambuco. Segundo o autor “na relação de sócios fundadores, aparecem dois missionários estrangeiros, ambos norte-americanos, casados, missionários evangélicos, então residentes à Avenida Beira Mar, Piedade, no município de Jaboatão. O primeiro Pierre Wilds Dubose Júnior, residia no nº 1400 e o segundo, Jule Christian Spach, no nº 1420” (LIMA JÚNIOR, 2008, p. 75). Curiosamente esses dois missionários são aqueles que trouxeram a *Cristo Esperança Nossa* para Aracaju (ver a Figura 10), e como coloca Silvana Maria de Melo Souza Mendonça<sup>17</sup>, havia uma pretensão mais ambiciosa de levar a cruzada para o interior do Estado. Observa-se mais uma vez a ligação entre as duas cruzadas – *Cristo Esperança Nossa* e ABC. Salienta-se ainda

<sup>13</sup> “Decidir-se para Cristo” ou “aceitar a Jesus”, entre os protestantes, é sinônimo de abraçar a fé evangélica e filiar-se a uma denominação cristã evangélica.

<sup>14</sup> Neste caso o exame e o estudo sistemático da Bíblia, inclusive por cristãos leigos e não somente teólogos.

<sup>15</sup> A respeito da educação protestante em Sergipe, ver: NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. *A Escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)*. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2004.

<sup>16</sup> Sobre a Cruzada do ABC, ver: LIMA JÚNIOR, José Ferreira de. *Protestantismo e Golpe Militar de 1964 em Pernambuco: uma análise da Cruzada de Ação Básica Cristã*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pró-reitoria Acadêmica. Universidade Católica de Pernambuco, 2008.

<sup>17</sup> Entrevista concedida ao autor em 20 de dezembro de 2016, na cidade de Aracaju/SE.

que são duas cruzadas de caráter conservador e cristão enquadradas dentro das propostas defendidas pelo novo Regime. ABC voltada para a alfabetização e CCEN para a conversão de novos fieis.

Afonso Celso Caldeira Scocuglia (2002, p.3) também fez um estudo sobre a Cruzada do ABC e com foco na Paraíba, o autor afirma que essa cruzada “pretendia contestar política e pedagogicamente os programas anteriores de alfabetização de adultos, particularmente o "Sistema Paulo Freire", adotado oficialmente pelo governo deposto” (*Idem*). Ainda segundo Scocuglia, os projetos dos missionários protestantes norte-americanos de interferir na educação básica no Brasil e especialmente na alfabetização dos adultos foram adiados, assim como a "Promoção Agnes<sup>18</sup>", sendo retomados e fortalecidos após o golpe de Estado de 1964.

Imediatamente depois da revolução de 31 de março de 1964, os mesmos líderes reuniram-se no Colégio Agnes Erskine e fizeram o planejamento de um programa extensivo de educação de base de adultos. Esta promoção foi sujeita a uma experiência laboratório de um plano piloto utilizando os bairros de Pina e Brasília Teimosa na cidade do Recife. Em virtude da avaliação positiva deste plano piloto, foi lançado um grande programa em janeiro de 1966 nos três estados de Paraíba, Pernambuco e Sergipe (SCOCUGLIA, 2002, p.4 apud OBJETIVOS DA CRUZADA ABC, 1965).

Perceba que a gênese da Cruzada do ABC estava na cidade do Recife e diretamente ligada a ação dos protestantes presbiterianos, e Sergipe estava inserido em seu projeto de expansão. Este plano também foi destacado por José Ferreira de Lima Júnior (2008), como também mencionado por Silvana Maria de Melo Souza Mendonça em seu depoimento. A cruzada *Cristo Esperança Nossa* convergiu para a Cruzada do ABC no Estado de Sergipe, no entanto, ainda há uma necessidade de investigação e problematização. William Smith (1965, p.105) tratou de evidenciar esta aliança entre o plano espiritual e a missão alfabetizadora.

Cruzada é a palavra do dia no Brasil. Nós da Igreja Evangélica estamos engajados em grandes cruzadas para o evangelismo, alfabetização e o desenvolvimento do homem de acordo como Deus deseja que ele seja. No Norte Nordeste do Brasil, com, 23 milhões de habitantes, problema de massa como doença, pobreza e analfabetismo, todas as forças devem se unir para combater. (SMITH, 1965, p.105)

---

<sup>18</sup> A "Promoção Agnes", embrião da ABC, foi um programa de educação primária liderado pelo Departamento de Extensão Cultural do Colégio Evangélico Agnes Erskine e que ganhou o apoio do governo estadual para atuar em bairros pobres de Recife. Esse colégio foi fundado em 1904, em Recife, sendo mantido pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e tendo entre seus objetivos fundamentais a evangelização (SCOCUGLIA, 2002, p. 2).

O trecho acima, presente no Relatório Anual do Conselho da Missão Mundial da Igreja Presbiteriana<sup>19</sup> emitido em 1965, reflete esse tom “combativo” típico dos projetos de missões protestantes e de sua ideologia, que prega a “marcha da igreja com o Evangelho (a espada da justiça) nas mãos e contra as trevas (tudo aquilo que se opõe ao ideal cristão)”. No caso de Sergipe, que teve em 1964 como ponto máximo a cruzada *Cristo Esperança Nossa*, com repercussões nos principais meios de comunicação dentro e fora do estado, ocupando espaço significativo no jornal de circulação nacional *Brasil Presbiteriano*, observou-se que a preocupação dos organizadores, principalmente dos presbiterianos, estava em afirmar que “em Cristo o Brasil teria a solução de todos os problemas”. Para Márcio Ananias Ferreira Vilela (2014, p.97), “o jornal *Brasil Presbiteriano* projetava a missão da Igreja como sendo essencialmente de evangelização e de conversão dos infiéis, ao mesmo tempo em que criticavam o fato de líderes evangélicos se reunirem para estudar e encontrar possíveis soluções para os problemas nacionais”.



Figura 18 – Manchete da primeira página do jornal *Brasil Presbiteriano*, de outubro de 1964. Fonte: *Brasil Presbiteriano*. Ano VII. São Paulo, outubro de 1964, p.1.

<sup>19</sup> Ver: SMITH, William et al. *Annual Report of de Board of World Mission of Presbuterian Church*. Nashville, Estados Unidos, 1965. 105/108 pp.

Se o *Brasil Presbiteriano* traz na matéria de capa a cruzada em Aracaju, é sinal que o evento atendia aos interesses da direção do jornal naquele momento. Infere-se que *Cristo Esperança Nossa* e a própria Cruzada do ABC contradizem-se do ideal discutido democraticamente na Conferência do Nordeste – esta a priori, em virtude do golpe civil-militar de 1964 foi associada a um evento comunista. “Seus participantes demonstravam amplo conhecimento e articulação com as transformações que vinham sendo encaminhadas no cenário político, social, econômico e cultural” (VILELA, 2014, p. 13). Segundo Vilela (2014) pastores e líderes que trabalhavam e defendiam uma teologia associada ao *Evangelho Social* e também participaram da Conferência, foram perseguidos com o advento do golpe civil-militar e com isso foram perdendo força dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil.

A cerca de evangélicos perseguidos dentro ou fora da igreja em Sergipe nesse período, talvez por adotarem uma postura voltada para o social, Silvana Maria de Melo<sup>20</sup> relembra que,

Um evangélico que se destacasse não lembra, existia aquelas “formiguinhas” como eu, que estava engajada no projeto, trabalhando mas...tinha as pessoas mais em/ mais em evidência, né? Os grupos de sindicatos das sociedades dos ferroviários, teve Agnaldo Pacheco e tantos outros estudantes que tiveram que fugir, que foram presos... mas evangélico, assim, não. Bosco.... o Bosco era um menino que fazia os outros pensarem, sempre dizia: “Bosco, você é um guru, eu devo muito a você, que você me fez pensar, refletir.” É...um menino que com uma aparência tímida mas que despertou toda a turma de Serviço Social a refletir, aprender a pensar, e aprender a desejar horizontes maiores. Devo muito da minha reflexão...política...e como cidadã a Bosco Rolemberg<sup>21</sup>.

Silvana Maria fala ainda, em alguns agrupamentos organizados, como o sindicalismo operário e estudantes universitários, e em seu caso relembra a sua vivência na Faculdade de Serviço Social da UFS (turma de 1970). A pesquisa identificou dois evangélicos perseguidos no Estado que inclusive foram interrogados no 28 BC em Aracaju, sendo um deles até torturado. Não há como aprofundar essa questão devido a escassez e impedimento de acesso às fontes. É um tema que toca no âmago daqueles que sentiram na pele as agruras da ditadura civil-militar. Por este motivo esse trabalho não está autorizado a citar esses entrevistados que inclusive não puderam participar da cruzada *Cristo Esperança Nossa*, pois, mesmo nos primeiros meses do Regime, já estavam na mira dos militares e temiam retaliação por ter sido um evento aberto e com forte presença militar. Por todo o Brasil muitos evangélicos foram

<sup>20</sup> Entrevista concedida ao autor em 20 de dezembro de 2016, na cidade de Aracaju/SE.

<sup>21</sup> *Idem*.

perseguidos, torturados e até mesmo mortos pelo Regime Militar, muitas vezes denunciados pelos seus próprios “irmãos” dentro de suas denominações<sup>22</sup>. Mas salientamos ainda, que esta temática de estudo carece de uma investigação mais cuidadosa, não atendida completamente pelos limites e propósitos desta pesquisa.

### 3.2 O CONCÍLIO VATICANO II: INFLUÊNCIA E RELACIONAMENTO COM A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E O PROTESTANTISMO

Outros dois acontecimentos desse período que merecem destaque são o Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, e a Teologia da Libertação na década de 1970, considerados por muitos estudiosos das Ciências da Religião como os dois maiores eventos religiosos do século XX. O XXI Concílio Ecumênico<sup>23</sup> da Igreja Católica Apostólica Romana foi anunciado em 1959 e convocado em 1961 por meio da Constituição Apostólica *Humanae Salutis*<sup>24</sup>, tendo iniciado mesmo em 1962 por ordem do Papa João XXIII. O Papa João XXIII veio a falecer em 1963, mas o Papa Paulo VI, seu sucessor, deu prosseguimento com as reuniões conciliares. O Concílio resultou em 16 documentos norteadores dos rumos da Igreja.

O desapego à tradição religiosa e ao conservadorismo, apresentado pelo “mundo moderno”, concorria contra os pilares da Igreja Católica que via a família nuclear se desestruturar gradativamente e o abandono da fé católica, pois muitos fiéis aderiram a outras

<sup>22</sup> Sobre evangélicos perseguidos durante o Regime Militar, ver: CARDOSO, Rodrigo. *Evangélicos e a ditadura militar*. São Paulo. *Isto É*, ed. 2170, 2011.

<sup>23</sup> Para algumas informações gerais sobre os Concílios Ecumênicos, consultar CURTIS A., Kenneth; LANG J., Stephen; PETERSEN, Randy. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo*: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. Tradução Emerson Justino. São Paulo: Editora Vida, 2003.

<sup>24</sup> Os 16 documentos elaborados pelo Vaticano II foram os seguintes: “A constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja e sua missão. A constituição dogmática *Dei Verbum* abordou como Deus se revela ao mundo. A constituição pastoral *Gaudium et Spes* o diálogo da Igreja com o mundo. A constituição *Sacrosanctum Concilium* promoveu uma reforma e incremento na Liturgia. O decreto *Unitatis Redintegratio* discutiu e propôs caminhos para a restauração da unidade da Igreja. O decreto *Orientalium Ecclesiarum* trouxe propostas para a missão das Igrejas Católicas Orientais. O decreto *Ad Gentes* debateu sobre a atividade missionária. O decreto *Christus Dominus* analisou o Múnus pastoral dos Bispos. O decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre os Presbíteros. O decreto *Perfectae Caritatis* apresentou normas para uma atualização da vida nos institutos religiosos. O decreto *Optatam Totius* tratou os aspectos fundamentais da formação sacerdotal. O decreto *Apostolicam Actuositatem* orientou a prática dos trabalhos pastorais desenvolvidos pelos leigos. O decreto *Inter Mirifica* abordou a relação da Igreja com os meios de comunicações modernos. A declaração *Gravissimum Educationis* comentou os princípios da educação dos cristãos. A declaração *Dignitatis Humanae* expôs a problemática da liberdade religiosa. E a declaração *Nostra Aetate* problematizou a relação entre a Igreja Católica e as religiões não-cristãs a fim de promover a unidade e a caridade entre os povos”. Sobre o documento que convoca o XXI Concílio Ecumênico, conhecido também como Concílio Vaticano II, ver: <  
<http://paroquiasantoantoniopatos.com.br/admin/documentos/Constitui%C3%A7%C3%A3o-Apostolica-HUMANA-SALUTIS-sobre-o-Concilio-Ecumenico-Vaticano-II-.pdf>>. Acesso em 16 de dezembro de 2016.

religiões e valores, como o protestantismo ou mesmo o ateísmo, e sobretudo aos ideais marxistas e comunistas. Soma-se a isso a secularização ou dessacralização dos costumes católicos nos anos 1950. “Tornavam-se agora permissíveis coisas até então proibidas, não só pela lei e religião, mas também pela moral consuetudinária, a convenção e a opinião da vizinhança” (HOBBSAWM, 1995, p. 317). Para “um grupo mais progressista” dentro da Igreja, punir para converter não surtiria mais efeito em um mundo que dava cada vez mais liberdade às pessoas, era imprescindível um diálogo mais intenso com sociedade e os problemas e demandas sociais, além de maior aproximação do clero com os fiéis leigos, voltando-se dessa forma para a redação de textos que fossem de melhor compreensão para o mundo contemporâneo do século XX e novas metodologias para aplicar sua doutrina a vida das pessoas.

O Concílio Vaticano II abriu espaço para outras discussões dentro da Igreja Católica, pois havia um anseio por parte dessa instituição em desvelar sua doutrina das complicações teóricas para que o homem comum pudesse compreendê-la, assim como algumas correntes literárias fizeram, e a partir daí pudesse optar por seguir ou não a doutrina católica. Segundo Eduardo Augusto Santos Silva (2012, p. 29) o “novo mundo”, descrito por Eric Hobsbawm

obrigava a Igreja a escolher quais rumos seguir: se manter apegada ao passado ou se abrir a modernidade? Era fundamental repensar sua “redação” tradicional. Punir para converter não surtiria mais efeito em mundo que cada vez mais dava liberdade às pessoas. Junto com esse “mundo novo” surgiu à possibilidade, ou até de fato uma necessidade, de a Igreja Católica trilhar um caminho diferente daquele escolhido no Concílio de Trento quando se fechou para o nascente Mundo Moderno. A partir do Concílio Vaticano II uma das principais falas da Igreja passa a ser a “salvação” e ocorre uma releitura e reinterpretação do evangelho de acordo com aquela nova realidade. Enfim, a Igreja Católica optou por se encontrar com o novo e buscou novos meios para aplicar a sua doutrina as condições de vida das pessoas.

Eduardo Silva (2012, p. 37) considera que partir do Vaticano II “a Igreja Católica do Brasil, junto com as demais Igrejas Católicas da América Latina e do mundo, deixou um espaço de “marginalização” no meio das divisões de Igrejas espalhadas pelos diversos países e passou a atuar mais decisivamente ao lado de Roma”. Para Silva (2012) os bispos católicos a partir do Vaticano II também conquistaram mais autonomia para responder em nome de suas igrejas locais e enfatizou-se o princípio da corresponsabilidade entre o papa e os bispos.

Sobre essa questão da autonomia eclesial, diferentemente da Igreja Católica que delega ao Bispo de Roma (papa) a autoridade central da instituição, na estrutura eclesiástica das igrejas evangélicas “geralmente” o que se apresenta é uma organização mais descentralizada. Considera-se que diferenças doutrinárias conduzem a práticas eclesiásticas também diferenciadas. “Ao contrário da tradição católica, o protestantismo que surgiu na Reforma do século XVI, desde cedo revelou-se incapaz de conserva-se unido” (MENDONÇA, 1997, p. 17). Cada denominação possui uma estrutura própria e não há uma interdependência entre as distintas igrejas cristãs evangélicas, nesse sentido, as instituições mais tradicionais organizam-se em sínodos, conselhos, convenções e etc., e atualmente há igrejas que se organizam em pequenas comunidades independentes.

A falta de um poder centralizador dentro do protestantismo permite a facilidade da multiplicação da fé evangélica que se vê nos dias atuais, ascensão e participação de fiéis leigos na política eclesiástica. Entretanto Silvana Patuzzi (2012, p. 20) deixa claro que “para além das definições dogmáticas e as mais variadas confissões de fé (produto da fragmentação religiosa da cristandade ocidental), todas essas igrejas têm o mesmo ponto de partida: o núcleo doutrinal luterano da justificação pela fé”.

Não é objetivo dessa pesquisa aprofundar uma análise ou interpretação sobre o Concílio Vaticano II em sua totalidade. Entretanto, é importante atentar para o decreto *Unitatis Redintegratio*<sup>25</sup> que discutiu e propôs caminhos para a restauração da unidade da Igreja. Esse decreto vai reposicionar a Igreja Católica no tocante aos “cristãos não católicos”, que a partir desse documento são chamados de “irmãos separados”. Foi de fato um esforço de aproximação entre diferentes confissões cristãs.

Por “irmãos separados” a Igreja Católica entende os cristãos provenientes dos cismas ou divisões no seio da Igreja ao longo dos séculos. O Concílio declara,

Temos diante dos olhos as duas principais categorias de cisões que ferem a túnica inconsútil de Cristo. As primeiras divisões sobrevieram no Oriente, já por contestação das fórmulas dogmáticas dos Concílios de Éfeso e Calcedónia, já em tempo posterior, pela ruptura da comunhão eclesiástica entre os Patriarcados orientais e a Sé Romana. As outras, após mais de quatro séculos, originaram-se no Ocidente, provocadas pelos acontecimentos comumente conhecidos com o nome de Reforma. Desde então, muitas Comunhões, nacionais ou confessionais, se separaram da Sé Romana. Entre

---

<sup>25</sup> O decreto *Unitatis Redintegratio*, do Papa Paulo VI, está disponível na íntegra em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19641121\\_unitatis-redintegratio\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html)>. Acesso em 22 de dezembro de 2015.> Acesso em em 16 de dezembro de 2016.



aquelas nas quais continuam parcialmente as tradições e as estruturas católicas, ocupa um lugar especial a Comunhão anglicana. Estas diversas divisões, todavia, diferem muito entre si, não apenas em razão da origem, lugar e tempo, mas principalmente pela natureza e gravidade das questões relativas à fé e à estrutura eclesiástica. Por isso, sem querer minimizar as diferenças entre os vários grupos cristãos e sem desconhecer os laços que, não obstante a divisão, entre eles existem, este sagrado Concílio determina propor as seguintes considerações para levar a cabo uma prudente acção ecuménica<sup>26</sup>.

Observa-se que o cisma do ocidente encontra-se justamente na Reforma Protestante do século XVI. Dessa cisão surgiram as igrejas protestantes e também o Anglicanismo na Inglaterra. A Igreja Católica através do Vaticano II propõe uma reconciliação com essas igrejas e comunidades eclesiais separadas por meio do Movimento Ecumênico. O decreto *Unitatis Redintegratio* interpreta o ecumenismo, como sendo

as actividades e iniciativas, que são suscitadas e ordenadas, segundo as várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de favorecer a unidade dos cristãos. Tais são: primeiro, todos os esforços para eliminar palavras, juízos e acções que, segundo a equidade e a verdade, não correspondem à condição dos irmãos separados e, por isso, tornam mais difíceis as relações com eles; depois, o «diálogo» estabelecido entre peritos competentes, em reuniões de cristãos das diversas Igrejas em Comunidades, organizadas em espírito religioso, em que cada qual explica mais profundamente a doutrina da sua Comunhão e apresenta com clareza as suas características. Com este diálogo, todos adquirem um conhecimento mais verdadeiro e um apreço mais justo da doutrina e da vida de cada Comunhão. Então estas Comunhões conseguem também uma mais ampla colaboração em certas obrigações que a consciência cristã exige em vista do bem comum. E onde for possível, reúnem-se em oração unânime. Enfim, todos examinam a sua fidelidade à vontade de Cristo acerca da Igreja e, na medida da necessidade, levam vigorosamente por diante o trabalho de renovação e de reforma. (...) é, sem dúvida, necessário que os fiéis católicos na empresa ecuménica se preocupem com os irmãos separados, rezando por eles, comunicando com eles sobre assuntos da Igreja, dando os primeiros passos em direcção a eles. Sobretudo, porém, examinam com espírito sincero e atento aquelas coisas que na própria família católica devem ser renovadas e realizadas para que a sua vida dê um testemunho mais fiel e luminoso da doutrina e dos ensinamentos recebidos de Cristo, através dos Apóstolos<sup>27</sup>.

Sobre os protestantes, o Movimento Ecumênico Católico propõe a busca pelos pontos de convergência e unificadores das doutrinas cristãs, tais quais: a) as condições próprias dessas comunidades, b) a confissão de Cristo, c) o Estudo da Sagrada Escritura, d) a vida sacramental: o Batismo e a Santa Ceia, e) a vida com Cristo: Liturgia e Moral. “Esses acontecimentos foram saudados pelos protestantes ecumênicos, especialmente por aqueles

<sup>26</sup> Cf. Decreto *Unitatis Redintegratio* do Papa Paulo VI.

<sup>27</sup> *Idem. Ibidem*

ligados ao CMI. Ao mesmo tempo causaram alarme em igrejas essencialmente conservadoras, como a IPB” (MATOS, 2009, p.50).

Na interpretação de Exequiel Gutierrez (1995) as maiores contribuições do Concílio Vaticano II em matéria social, concentram-se em um espírito de “solidariedade universal”; numa consciência renovada de que a Igreja Católica pode iluminar com seu ensino social a convivência humana e empreender as ações de serviço que os sinais dos tempos reclamam; o reconhecimento da legítima autonomia das realidades temporais que acabou de forma definitiva com os últimos germes de clericalismo; através de uma reflexão acerca da dignidade da pessoa humana, a Igreja proclama o direito de toda criatura racional à liberdade religiosa; por fim, o destaque aos meios de comunicação social – considerado uma das maravilhas modernas, especialmente o rádio e a televisão - que constituem um instrumento maravilhoso para que a Igreja pudesse propagar a sua missão na terra.

No Brasil, as propostas debatidas no Vaticano II como a prática do ecumenismo, foram recebidas de diferentes formas tanto pelos pastores como pelos leigos. Percebe-se, por exemplo, o embate teológico em torno do tema do “ecumenismo” nas publicações do *Brasil Presbiteriano* antes e depois do golpe civil-militar de 1964, e que durante o regime militar “a IPB assumiu a posição de investigar e vigiar seus membros comuns, pastores e seminaristas” (VILELA, 2014, p. 195), o que não foi diferente em outras denominações evangélicas tradicionais. Para Márcio Ananias Ferreira Vilela o objetivo era manter distante da IPB um inimigo em potencial: as práticas ecumênicas. “Os seguidores dessas práticas muitas vezes foram rotulados de serem adeptos e seguidores do comunismo ateu e de defenderem uma excessiva aproximação da IPB com a Igreja Católica Romana, sobretudo após o Concílio Vaticano II realizado entre 1962 e 1965” (*Idem*).

O Concílio Vaticano II e os debates em torno do ecumenismo foram objeto de grande discussão e controvérsias entre os teólogos e a própria cúpula das igrejas. Era uma proposta relativamente nova e até certo ponto, inusitada, dentro da história cristandade e a tradição da Igreja.

Também foram muitos os artigos voltados especialmente para a questão do ecumenismo, vários deles questionando as iniciativas de João XXIII. Por outro lado, algumas vozes defenderam uma mudança de atitude em relação a Igreja Romana. Causou espécie um artigo do seminarista Jovelino Pereira Ramos em que se referia a Igreja Católica como “religião irmã”. Campanhas de evangelização e avivamento realizadas no Nordeste foram descritas como

exemplos de um “bendito ecumenismo” ou “santo ecumenismo”. (MATOS, 2009, p.50)

*Cristo Esperança Nossa* em Aracaju tipifica esse tipo de campanha de evangelização e avivamento em torno do discurso do “santo ecumenismo”<sup>28</sup> e da unidade de uma Igreja militante contra as forças do inimigo – o comunismo. Porém, considera-se que há um conflito interno e bem mais amplo dentro do protestantismo em torno do ecumenismo. Trata-se das divergências entre a Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) que deliberava em favor da aproximação de outras religiões, para compreendê-las melhor e tomar conhecimento dos problemas econômicos e políticos decorrentes das rápidas mudanças sociais, e o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs, expressão do fundamentalismo protestante, que acusava o CMI de tentar aproximar-se da Igreja Católica e de abrir espaço para o comunismo.

Segundo Tiago Watanabe (2006, p. 115) “para a América Latina a expressão Vaticano II efetivou-se na “Teologia da Libertação” e as reformas propostas no Concílio não alteram somente a resolução sobre o Estado, mas para as religiões “fora” da Igreja”. Em resumo, “a massa da produção teológica desse período, tanto protestante quanto católica, procura mostrar que num mundo secularizado e aberto a mudanças, vez que destruído pela guerra, era necessário buscar novas formas de religião ou até mesmo superar a religião” (MENDONÇA, 2005, p. 63). Dessa forma o que estava em questão era a estrutura e poder das igrejas.

A Teologia da Libertação<sup>29</sup> (1970) surge depois do Concílio Vaticano II como reflexo de uma situação pastoral comum e original na América Latina: a situação dos pobres e, acentua sua pregação na reflexão teológica sobre o sentido do compromisso da Igreja e dos cristãos na justiça, na defesa da dignidade humana, na libertação dos pobres e oprimidos, em ordem à evangelização. É uma teologia de fé que age, por isso os teólogos da libertação dizem que ela é um conjunto de práticas destinadas a mudar a realidade, a transformar as relações de dependência e de dominação.

Em março de 1970 é realizado, em Bogotá, o primeiro Congresso da Teologia da Libertação. Nos anos seguintes, Gutierrez publica o livro *Teologia da Libertação*, Hugo Assmann publica *Opresión-Liberción: desafío de los Cristianos* e Leonardo Boff publica *Jesus Cristo Libertador*. No Brasil, além de Leonardo Boff, Clodovis Boff, Frei Betto, João Batista Libânio e Carlos Mesters ganham destaque (MENEZES NETO, 2006, p 2).

<sup>28</sup> Ver *Brasil Presbiteriano* – Ano VII – Nº 13 (outubro de 1964). 6 p.

<sup>29</sup> Para Teologia da Libertação, ver VILELA, Daniel Marques. *Utopias esquecidas* - Origens da Teologia da Libertação. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

Segundo Leonardo Boff (1980, p. 102), a Teologia da Libertação na América Latina fez com que "*a religião passasse a ser um fator de mobilização e não do freio*". Pode-se então afirmar que a Teologia da Libertação tem um *plano sócio-político* (libertação dos oprimidos): classes exploradas, etnias marginalizadas, culturas desprezadas. O *plano antropológico*: libertação para uma sociedade qualitativamente diferente, de dimensão humana. E por último o *plano teológico*: libertação do pecado, raiz última de toda injustiça e opressão, para uma vida de comunhão e participação.

Para os teólogos da Teologia da Libertação a libertação social não consiste apenas em mudar as consciências ou meramente transformar os homens egoístas em altruístas; também não consiste apenas em mudar as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais e não consiste numa revolução social. Mas a proposta cristã da Teologia da Libertação é que a mudança ocorra nos dois âmbitos, isto é, tanto na consciência como na estrutura. Dialeticamente, uma ajuda a outra simultaneamente, pois o ser humano influi nas estruturas e estas nele. Dessa forma a tarefa da Teologia da Libertação é global, interior e pessoal, e ao mesmo tempo sócio-política, econômica e cultural.

A Reunião do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) em Medellín – Colômbia, em 1968, foi a “válvula” propulsora da Igreja popular na América Latina. Começou com uma tentativa inspirada no Vaticano II, para compreender o papel da Igreja nas mudanças das sociedades pelo continente. Porém, essa tentativa de adequar a realidade do Vaticano II à América Latina terminou chegando a conclusões que muito ultrapassaram as do Concílio.

Foram analisadas as explosões demográficas, o analfabetismo, a má distribuição de riquezas – como a concentração da propriedade das terras nas mãos de uma minoria –, a dependência ao capital estrangeiro e as tensões entre as classes e os países latino-americanos, bem como as tensões internacionais. (MAINWARING, 2004). Apontou-se para a necessidade de promover uma radical modificação nas estruturas políticas, econômicas e sociais, devendo a Igreja comprometer-se nesse processo: assinalou a marginalização política do povo e as formas de opressão de grupos dominantes. Insistiu em que a Igreja devia se engajar na promoção de uma educação libertadora, na instauração de uma justiça e paz, na ajuda aos oprimidos para conhecer e lutar pelos seus direitos, e no estímulo a todas as iniciativas que contribuíssem para a formação do homem. Há a opção preferencial pelos pobres – ponto de partida para a Teologia da Libertação, envolvimento com os problemas político-sociais e uma educação formadora de consciência.

O grande desafio era envolver as igrejas na luta pela conquista de uma sociedade mais justa, diante de um cenário aberto a profundas mudanças. Antônio Gouveia Mendonça (2005) diz que no cenário protestante surgiu em 1961, a “Junta Latino Americana Igreja e Sociedade”, com a finalidade de promover consultas sobre a responsabilidade social das igrejas evangélicas na América Latina e que muitos brasileiros participaram, entre eles Rubem Alves. No contexto católico, a Teologia da Libertação se desenvolveria na década seguinte, para Mendonça (2005, p.64) os seus principais expoentes foram Leonardo Boff e Hugo Assmann e do lado protestante, ao menos no início, Rubem Alves seria um dos seus precursores. Para o autor o protestantismo latino-americano, em particular o brasileiro, mal chegou aos umbrais da Teologia da Libertação.

O movimento da Teologia da Libertação foi duramente censurado por políticas centralizadoras e conservadoras do Vaticano.

No “combate ao comunismo”, empreendido por João Paulo II e por Bento XVI, a Teologia da Libertação, considerada como “marxista”, foi um dos alvos prediletos dos ataques conservadores. Neste sentido, diversos bispos hostis a Teologia da Libertação foram nomeados no Brasil e na América Latina. Padres e bispos ligados à Teologia da Libertação foram afastados e, mesmo, perseguidos, como o caso do teólogo Leonardo Boff, um dos maiores expoentes dessa corrente, que abandonou as suas funções eclesiais. O atual fundamentalismo do Vaticano é muito próximo das mais conservadoras propostas das igrejas evangélicas que proliferaram no Continente americano nos últimos anos. (MENEZES NETO, 2006, p 7).

Para Antônio Júlio de Menezes Neto, porém, não se pode falar em esgotamento da Teologia da Libertação, pois ela adquire novas formas em contextos diferentes e continua presente, principalmente nas práticas de alguns movimentos sociais brasileiros.

Entre os evangélicos a simples aproximação do movimento da “Junta Latino-Americana Igreja e Sociedade” (1961) e as propostas defendidas na pauta da Conferência do Nordeste (1962) “foi suficiente para o endurecimento das igrejas e o início de um processo de repressão, especialmente pela identificação que as alas conservadoras faziam entre o ecumenismo e o comunismo” (MENDONÇA, 2005, p.4), aspecto este já citado e também relatado por Marcio Ananias Ferreira Vilela (2014). A pressão fundamentalista provocou o expurgo repressivo da ala chamada liberal ou modernista das igrejas<sup>30</sup>, em sua grande parte

---

<sup>30</sup> Destacam-se dois trabalhos que retratam esse período de repressão em algumas igrejas evangélicas brasileiras, são eles João Dias de Araújo, *Inquisição sem Fogueiras* (1975) e Rubem Alves, *Protestantismo e Repressão*, 2005.

representada por estudantes universitários (a exemplo de Silvana Maria de Melo Souza Mendonça, entrevistada nessa pesquisa), seminaristas e jovens pastores.

Como revela a pesquisa, em Aracaju tem-se muito pouco conhecimento de evangélicos perseguidos por aderirem uma postura mais liberal e ideias próximas ao discurso libertário da Conferência do Nordeste (1962), ou até mesmo o diálogo com a Teologia da Libertação (1970) dentro de suas igrejas e comunidades. Isso não implica afirmar que não tenham existido. É uma problemática que requer maior aprofundamento e estudo. Dessa forma, este trabalho não busca respostas conclusivas para essas e outras implicações ligadas a questão “social” entre igrejas evangélicas sergipanas na década de 1960, mas avança na medida que apresenta provocações sobre o tema e amplia possibilidades para pesquisas futuras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar as convergências entre o discurso cristão protestante em Sergipe e a ideologia presente no discurso do Golpe Civil-Militar deflagrado em 1964, fundamentada no anticomunismo e na manutenção dos valores morais, que se vinculavam aos projetos políticos de impacto nacional, principalmente aos que eram travados no âmbito do sistema educacional público. Infere-se que membros dirigentes de igrejas protestantes e também da Igreja Católica se uniram contra um inimigo comum: o comunismo.

O estudo da cruzada *Cristo Esperança Nossa* confirmou que este não foi um evento político em sua essência, mas sim religioso de cunho evangelístico, envolvendo consideravelmente evangélicos de distintas denominações da cidade de Aracaju/SE, em 1964. Neste sentido, este evento fez parte de um projeto mais amplo, defendido por alguns setores conservadores das igrejas evangélicas, sobretudo da Igreja Presbiteriana do Brasil, que apoiavam a retórica do Golpe Civil-Militar. Os seus profundos interesses, muitas vezes, estavam bem distantes do olhar e da compreensão dos participantes leigos da cruzada, quase imperceptíveis.

A análise de *Cristo Esperança Nossa* foi o fio condutor desse trabalho. Resultado de uma longa pesquisa de campo iniciada ainda de forma embrionária na graduação e ganhou força nesses últimos dois anos de mestrado acadêmico. Projeto que permitiu a realização de entrevistas com pessoas distintas, contato com arquivos como o Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) e o Arquivo Histórico Presbiteriano em São Paulo e, conseqüentemente, o acesso a outras fontes históricas, como jornais e entrevistas. A cruzada *Cristo Esperança Nossa* e seu discurso “ecumênico” baseado na unidade em favor de um bem comum para a nação brasileira, transcendeu o campo religioso e até mesmo cultural, alcançando temáticas de interesse político para difusão do ideário anticomunista.

A pesquisa reconhece que apesar das notáveis diferenças institucionais, teológicas, eclesiásticas e até conceituais, entre os próprios evangélicos, esse grupo tão heterogêneo deriva da doutrina reformada do século XVI. Os protestantes creem na Bíblia como regra de fé e prática e, independente do *modus operandi*, professam a salvação pela graça por meio da fé em Jesus Cristo como única forma do homem chegar a Deus. Esse trabalho seguiu um caminho

muito mais em busca de pontos convergentes que divergentes entre esses evangélicos, para melhor compreender o objeto de estudo.

Buscou-se nesse trabalho apresentar o contexto político e social brasileiro do início da década de 1960, levando em consideração o fato de que o golpe em curso não seria possível sem a parceria de parcelas importantes da sociedade brasileira. Embora algumas ações que deram sustentação ao golpe civil-militar de 1964, não tenham tido, a princípio, a finalidade de “apoio explícito” aos militares, como no caso da *cruzada* evangélica em Aracaju e diferente da Marcha com Deus pela Liberdade, pondera-se que houve certa apropriação desses eventos de massa por parte daqueles que intentavam a tomada do poder e queda do presidente João Goulart.

Observou-se também que o golpe foi exaltado pelos principais meios de comunicação do país. Consagrando-se como um movimento em defesa da lei e da ordem e pela salvação da pátria. Matérias e manchetes de jornais, como as da *Gazeta de Sergipe*, dão ideia do clima tenso que vivia o Brasil. Dessa forma foi necessário apresentar o cenário político e religioso sergipano de 1964, para compreender os desdobramentos da cruzada *Cristo Esperança Nossa* e o posicionamento dos líderes evangélicos diante do novo regime. A participação dos amplos segmentos da população levou à instauração da ditadura, marchas foram organizadas por grupos civis de direita com ligações com outros grupos como de militares vinculados ao mesmo pensamento ideológico.

A pesquisa aponta também para o campo religioso voltado para ações mais progressistas, que permeavam e envolviam essas igrejas nesse momento tenso da política brasileira, na primeira metade da década de 1960, sobretudo as práticas de caráter social e de resistência ao regime ditatorial, revelando e confirmando que nem todos se acomodaram ao novo regime.

O campo religioso protestante é bastante plural, de maneira que atualmente esse universo não dá conta de antigas demandas e quer se enquadrar e se fazer entender em um mundo contemporâneo repleto de novas questões, problemas e necessidades do ser humano. Nas últimas décadas a temática do protestantismo no Brasil tem ganhado espaço preponderante entre os estudos das Ciências Humanas e Sociais. O fenômeno do crescimento vertiginoso das mais distintas igrejas evangélicas no país e o envolvimento de protestantes com o campo político vem sendo cada vez mais discutido e problematizado por pesquisadores.



Ressalta-se que os cristãos protestantes estão presentes na história do Brasil desde os tempos da Colonização portuguesa, com a chegada dos franceses huguenotes e também durante o período imperial. Mas é no início do século XX, após o direito fundamental à liberdade de culto e religião, conferido pelo Decreto nº 119-A de 07 de janeiro de 1890<sup>1</sup> – autoria de Ruy Barbosa, que o Brasil tornou-se um Estado laico e, a partir de então, os protestantes passaram a desfrutar de maior liberdade para expandir sua doutrina e fé por todo país, convertendo novos adeptos em suas fileiras e construindo templos ou associações religiosas.

A população brasileira tem presenciado e acompanhado uma série de manifestações populares, desde 2013, em que não se sabe ao certo o resultado de tais manifestações, entretanto não se pode passar despercebido a historicidade desse momento da democracia brasileira. Também percebe-se o crescimento exacerbado de uma intolerância diluída em vários aspectos sociais. Soma-se a essa intolerância, o descrédito nas instituições democráticas que enfrentam uma crise político-institucional sem precedentes no país. Essa crise agrava-se ainda mais quando se depara com mudanças e abalos econômicos de proporções não só nacionais, mas também mundiais.

Esse contexto de grave desequilíbrio conjuntural em meio a denúncias de corrupção e inversão de valores morais irá reverberar justamente na intolerância e na falta de diálogo, tanto pessoal quanto institucional. Encontra-se uma sociedade que não consegue dialogar com seus representantes dentro do campo político e um ambiente marcado pelo retrocesso, no qual a perda de direitos e conquistas sociais é apresentada como “solução imediata”. Mais uma vez na História do Brasil, um presidente eleito democraticamente<sup>2</sup>, tem seu mandato impedido e usurpado por motivos muito mais políticos que jurídicos, ainda assim, são inúmeras as controvérsias.

Distintos projetos políticos apresentados atualmente põem em questão as bases da democracia brasileira. Consideramos que o regime democrático ainda é a melhor opção política, devido à valorização das liberdades individuais e coletivas e os mecanismos livres de

---

<sup>1</sup> Decreto disponível em << [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm)>>. Acesso em 25 de janeiro de 2017.

<sup>2</sup> Em coletiva a jornalistas na noite do dia 26 de outubro de 2014, “o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministro Dias Toffoli, anunciou que a candidata da coligação Com a Força do Povo, Dilma Rousseff (PT), foi reeleita neste domingo (26) para a Presidência da República, para cumprir mandato de 2015 a 2018”. Disponível em << <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2014/Outubro/presidente-do-tse-anuncia-que-dilma-rousseff-foi-reeleita-presidente-da-republica>>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

representação política, permitindo o controle e a avaliação de ações dos grupos político-partidários. O uso da violência na tomada do poder não é inédito no Brasil, o Estado Democrático de Direito enfrentou, por exemplo, um golpe regido pelos militares e por setores da sociedade civil no ano de 1964 e, nas palavras de Camilo Tavares (2012), foi “o dia que durou vinte e um anos”. Esta história é necessária para lembrar àqueles que foram as ruas em 2016 pedir a “volta da ditadura”, as agruras enfrentadas por setores excluídos do poder.

É de muita relevância a produção acadêmica sobre a ditadura civil-militar (1964-1985), por se tratar de pesquisas que apontam para o caminho da consolidação do Estado Democrático. Não há como “fechar os olhos” para a permanência de evidências de uma cultura autoritária remanescente do Golpe Civil-Militar de 1964 e o regime que se seguiu até 1985, embora a disputa pela memória também seja um embate político.

Essa dissertação e o período de desenvolvimento do mestrado não esgotaram todos os elementos de compreensão dos desdobramentos religiosos e políticos da cruzada *Cristo Esperança Nossa*. Existem novas possibilidades e interpretações que podem surgir a partir desse estudo, principalmente em relação a um melhor conhecimento das fontes históricas que falam acerca dos evangélicos e da exploração dos recursos da História Oral, para recuperar a visão dos participantes deste movimento religioso. Acredita-se que a grande contribuição deste trabalho está em comprovar que não se esgotaram todas hipóteses e análises sobre o Golpe Civil-Militar de 1964, e também que ainda há um vasto campo para estudo e problematização da historiografia do protestantismo nacional, mas sobretudo da religiosidade evangélica sergipana.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

#### A - Atas

Ata de Reunião Administrativa da Igreja Presbiteriana em Aracaju nº 270.

\_\_\_\_\_. Igreja Presbiteriana em Aracaju nº 273.

\_\_\_\_\_. Igreja Presbiteriana em Aracaju nº 274.

\_\_\_\_\_. Igreja Presbiteriana em Aracaju nº 353.

\_\_\_\_\_. Igreja Presbiteriana em Aracaju nº 359.

\_\_\_\_\_. Igreja Presbiteriana em Aracaju nº 378.

#### B – Jornais e revistas

*A Semana*. Abril de 1964.

*Jornal Presbiteriano de Sergipe. Edição Comemorativa*

*Gazeta de Sergipe* nº 2508 (18 de setembro de 1964)

\_\_\_\_\_. nº 2511 (22 de setembro de 1964)

\_\_\_\_\_. nº 2512 (23 de setembro de 1964)

*Diário Oficial do Estado de Sergipe* nº 14.921 (23 de abril de 1964)

\_\_\_\_\_. nº 14.994 (14 de setembro de 1964)

\_\_\_\_\_. nº 15.012 (20 de setembro de 1964)

*Brasil Presbiteriano* – Ano IV – Nº 12 (dezembro de 1961)

*Brasil Presbiteriano* – Ano VII – Nº 13 (outubro de 1964)

*Cristo Esperança Nossa* – Ano I – Nº 1 (setembro de 1964)

*Revista Jubileu de Ouro das Assembleias de Deus no Estado de Sergipe* (1982)

### **C – Entrevistas**

Gerinaldo Messias, em 13 de novembro de 2012. Aracaju/Se

Virgínio José de Carvalho Neto, em 23 de maio de 2013. Aracaju/Se

Eliezer Bernardes da Silva, em 12 de agosto de 2015. São Paulo/SP.

Maria de Lourdes Santos, em 17 de junho de 2016. Aracaju/Se

Carlos Alberto de Oliveira, em 17 de junho de 2016. Aracaju/Se

Ivete Teles, em 17 de junho de 2016. Aracaju/Se

Silvana Maria de Melo Souza Mendonça, em 20 de dezembro de 2016. Aracaju/SE

### **D – Documentos**

Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo – de 21 de novembro de 1964

## BIBLIOGRAFIA

ARÓSTEGUI, Júlio. **História e historiografia**: Sociedade e tempo. A teoria da história. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, pp. 21-96.

ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O Regime Militar em festa**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013.

ALVES, Rubem. **Dogmatismo e Tolerância**. São Paulo: Papirus, 1987. 231 p.

\_\_\_\_\_. **Religião e repressão**. São Paulo: Loyola. 2005.

\_\_\_\_\_. **O que é religião**. – 9. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**. Textos em história oral. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2004. v. 1. 194p.

ALONSO, Leandro Seawright. **Messianismo protestante**: a resposta de Deus no golpe civil-militar de 1964. Campina Grande: Mnemosine, vol. 5, 2014.

ANDRADE, Manoel Correia de. **1964 e o Nordeste**: golpe, revolução ou contra-revolução? São Paulo: Contexto, 1989. (Coleção repensando a História)

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Um tempo para não esquecer**: 1964-1985. – 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2012.

ARAÚJO, Paulo Barbosa de. **Os ícones de um terremoto**: Golpe Militar, repressão e resistência política. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2010.

ARAÚJO, João Dias de. **Inquisição sem fogueiras**. São Paulo. ISER, 1975.

ARNS, Dom Paulo Evaristo. (Prefácio). **Brasil: Nunca Mais**. Petrópolis. Vozes, 3ª. ed., 1985.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. “**O golpe militar de 1964 como fenômeno de política internacional**”. In: TOLEDO, Caio Navarro de. (Org.) 1964: visões críticas do golpe Campinas-SP: UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **De Marti a Fidel** – a Revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BELLOTTI, Karina. **Mídia, Religião e História Cultural**. Revista de Estudos da Religião – REVER. Ano 4, n. 4, 2004.

BERGER, Piter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1985. 94 p.

\_\_\_\_\_. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004. 94 p.

BEZERRA, Cícero Cunha. **Temas de ciências da religião**. São Cristovão; Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CAMARGO, Cândido Procópio. **Católicos, Protestantes e Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CÉSAR, Waldo A. **A Conferência do Nordeste**: Cristo e o processo revolucionário brasileiro. Recife: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**; tradução de Maria Leticia Ferreira. – 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Ligia. **O Bravo Matutino** – Imprensa e Ideologia: O Jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Omega, 1980. 176p.

\_\_\_\_\_. **Multidões em Cena**. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo. Campinas: Papirus, 1998. 310p .

CARDOSO, Célia Costa. **“Políticos Cassados no Estado de Sergipe em 1964”**. Cadernos do Tempo Presente. UFS, v.1. 2011. 01-10 p.

\_\_\_\_\_. **Governo Castelo Branco, Contragolpe, e Frente Ampla nas memórias de militares e civis (Brasil: 1964-68)**. *Perseu* - História, Memória e Política. 1964 – 2014- Cinquentenário do Golpe, Edição Especial, Revista do Centro Sérgio Buarque de Holanda da Fundação Perseu Abramo, ano 8, março de 2014, p. 77-78.

\_\_\_\_\_. 1964 em Sergipe: política e repressão. In: JANOTTI, Maria de Lourdes M. & ARIAS NETO, José Miguel (Orgs.). **Democracia e autoritarismo: estratégias e táticas políticas**. Vinhedo, ed. Horizonte, 2015. P. 115-141.

CARDOSO, Lucileide Costa. **Criações da Memória: Defensores e Críticos da ditadura (1964-1985)**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012.

CARDOSO, Rodrigo. **Evangélicos e a ditadura militar**. São Paulo. Revista Isto É, ed. 2170, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CURTIS A., Kenneth; LANG J., Stephen; PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. Tradução Emerson Justino. São Paulo: Editora Vida, 2003.

DANTAS, Ibarê. **A Tutela Militar em Sergipe, 1964/1984: partidos e eleições num estado autoritário**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DECOL, René. **Mudança Religiosa no Brasil: uma visão demográfica**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. n. 16. Brasília, 1999.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano. O tempo da ditadura – regime militar movimentos sociais em fins do século XX**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

DIAS, Luiz Antônio. **A salvação da pátria**. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. O Golpe. RJ, Ano 7, nº 83, agosto de 2012. 28-30 p.

DIAS, Agemir de Carvalho. **A Conferência do Nordeste e a Crise do Movimento Ecumênico Evangélico no Brasil**. REFLEXOS – Ano VI, n. 7, 2012. 101-115 p.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. 6ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

ERICKSON, Millard J. **Dicionário popular de teologia**. Traduzido por Emirson Justino. – 1. ed. ver. – São Paulo: Mundo Cristão. 2011.

FAUSTO, Boris. **O Brasil Republicano**, vol. 3: Sociedade e política (1930-1964) / por Décio Soares... – 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 445-505 p.

\_\_\_\_\_. **História Concisa do Brasil**. 2ª ed, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 257-310 p.

FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao Socialismo – A Revolução Cubana**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERREIRA, Jorge. **Não à guerra civil**. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. O Golpe. RJ, Ano 7, nº 83, agosto de 2012. 22-25 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. rev. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FIORIN, José Luis. **O regime de 1964: discurso e ideologia**. São Paulo: Atual, 1988.

\_\_\_\_\_. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 47, 29-60 p.

\_\_\_\_\_. **O Golpe de 64: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2014.

\_\_\_\_\_. **O Grande Irmão - Da Operação Brother Sam aos Anos de Chumbo - O Governo dos Estados Unidos**. Civilização Brasileira, RJ, 2008.

FRESTON, Paul. **Protestantes e a política no Brasil: da constituição ao impeachment**. 1993. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1993.



GUTIÉRREZ, Exequiel. **De Leão XIII a João Paulo II: cem anos de doutrina social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1995.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Tradução de Jorge Soares. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA JÚNIOR, José Ferreira de. **Protestantismo e Golpe Militar de 1964 em Pernambuco: uma análise da Cruzada de Ação Básica Cristã**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pró-reitoria Acadêmica. Universidade Católica de Pernambuco, 2008.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986.

LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. São Paulo: ASTE, 2002.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARTINS FILHO, João Roberto. **O 1º de Abril**. Rio de Janeiro: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. O Golpe. RJ, Ano 7, nº 83, agosto de 2012. 18-21 p.

MATOS, Alderi Souza de. **Uma igreja peregrina: história da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 a 2009**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

\_\_\_\_\_. Os consolidadores da obra presbiteriana no Brasil: pastores e missionários do início do século 20 (1901-1920). – São Paulo: ed do autor, 2014.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Sergipe After the Revolution: O Golpe de 1964 de visto pelos Estados Unidos. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. (Orgs.). **1964: 50 anos depois** – a ditadura em debate. – Aracaju: EDISE, 2015. 115-142 p.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Associação Evangélica e Literária Pendão Real, 1995.

\_\_\_\_\_. **Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos** – o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: Umesp, 1997.

\_\_\_\_\_. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas**. REVISTA USP, São Paulo, n.67, 2005. 48-67 p.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917- 1964). São Paulo, Perspectiva, 2002.

NATIVIDADE, Sandra Maria. ANJOS, Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos. **A luz brilhou na terra dos Cajueiros**: panorama histórico dos batistas em Sergipe 1913-2013. Aracaju: Edição do Autor, 2013.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. **A Escola Americana**: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educar, curar, salvar**: uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió-AL: EDUFAL, 2007.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**. A problemática dos lugares. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC/USP, Dezembro, 1993.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60**: rebeldia, contestação e repressão. São Paulo: Ática, 2004.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989. 3-15 p.

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992. 200-212 p.

REIS, Carla Darlem Silva dos. **Ditadura, política e censura**: Gazeta de Sergipe e Rádio Liberdade (1964-1969). 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

REIS, Daniel Aarão. **O sol sem peneira**. O Golpe. RJ, Ano 7, nº 83, agosto de 2012. 28-30 p.

\_\_\_\_\_. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. São Paulo: Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. RJ, Ed. UFRJ- Ed. FGV, 1996.

RODEGHERO, Carla Simone. **Capítulos da Guerra Fria - O Anticomunismo Brasileiro Sob o Olhar Norte-americano (1945-1964)**. Editora: UFRGS. 2007.

SADER, Emir. **Cuba**: um socialismo em construção. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Paulo de Tarso. COIMBRA, Oswaldo. **64 e outros anos**: depoimento prestado a Oswaldo Coimbra. São Paulo: Cortês, 1984.

SCOCUGLIA, Afonso Celso Caldeira. **Alfabetização, política e religião**: o caso da Cruzada de Ação Básica Cristã (1965-70). CR Rom da 25ª Reunião Anual da ANPEd (2002), Rio de Janeiro, v. 1, 2002.

SELL, Carlos Eduardo. **Introdução à Sociologia Política**: Política e sociedade na Modernidade Tardia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SILVA, Eduardo Augusto Santos. **Sergipe no Concílio Vaticano II (1959-1968)** / Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, 2012.

SILVA, Elizete da. **A Presença Protestante no Brasil**. Nossa História (São Paulo), v. 38, 2006.

\_\_\_\_\_. **Protestantes e Ditadura Civil-Militar no Brasil: entre a adesão e a resistência**. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. (Orgs.). **1964: 50 anos depois** – a ditadura em debate. – Aracaju: EDISE, 2015. 291-322 p.

\_\_\_\_\_. **Protestantes e o Governo Militar: convergências e divergências.** In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. (Orgs.). **Ditadura militar na Bahia: Novos olhares, novos objetos, novos horizontes.** Salvador: EDUFBA, 2009, 31-51 p.

\_\_\_\_\_. **O Conselho Mundial de Igrejas e a Trajetória dos Ecumenismo no Brasil.** In: XII Simpósio Anual da ABHR, 2011, Juiz de Fora. *Anais Eletronicos do XII Simpósio Anual da ABHR*, 2011. v. 1.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea.** São Paulo: USP – FAPESP, 2002.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma história do Brasil.** 4ª ed. Trad. de Raul Fiker. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 208-258 p.

SMITH, William et al. **Annual Report of de Board of World Mission of Presbuterian Church.** Nashville, Estados Unidos, 1965. 105/108 p.

SOUZA, Silas Luiz de. **Pensamento social e político no protestantismo brasileiro.** São Paulo: Editora Mackenzie, 2005.

TAVARES, Camilo. **O dia que durou 21 anos.** Brasil. Pequi Filmes, 2012. DVD, (77 min) NTSC-VHS, son.,. Cor., leg.

TOLEDO, Caio Navarro. **A luta ideológica na conjuntura do golpe de 1964.** Campinas, SP: E-premissas (*revista de estudos estratégicos*) 2006.

\_\_\_\_\_. **O Governo Goulart e o Golpe de 1964.** São Paulo. Brasiliense, 1982. Col. Tudo é História.

VILELA, Márcio Ananias Ferreira. **Discursos e práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política.** – Recife: O autor, 2014.

WATANABE. Tiago Hideo Barbosa. **De pastores a feiticeiros: a historiografia do protestantismo brasileiro (1950-1990).** Dissertação – (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2006.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Cengage Learning, 2009.

# APÊNDICES

## ENTREVISTA 01

**Data:** 13 de novembro de 2012

**Local:** Aracaju/SE

**Entrevistado:** Pr. Gerinaldo Messias

### PARTE I

**Ermerson:** Olá, eu sou Emerson Porto, estou no sétimo período do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe, bolsista da CAPES PIBID, orienta, orientado pela Professora Dra Célia Cardoso. E estou aqui com o Pastor Gerinaldo Messias Messias, vice-presidente da convenção das Assembleias de Deus no estado de Sergipe, para falarmos sobre a cruzada Cristo Esperança Nossa, que aconteceu aqui em nosso estado na década de 60. Bom dia Pastor Gerinaldo Messias.

**Pastor Gerinaldo Messias:** Bom dia Ermerson, estou a sua disposição para qualquer pergunta que esteja à altura de meu conhecimento.

**Ermerson:** Pois bem, é, Pastor Gerinaldo Messias, é, o que foi a cruzada Cristo Esperança Nossa?

**Pastor Gerinaldo Messias:** Ah, foi uma apoteose na verdade né, porque naquela época os evangélicos não tinham assim tanta expressão, não eram tão conhecidos não é, e essa campanha veio mostrar para a sociedade né, o valor que tinham os evangélicos aqui, não só na cidade de Aracaju, na capital, como em todo estado de Sergipe.

**E:** E quais foram as principais igrejas que participaram da cruzada?

**PGM:** É, foi a Assembleia de Deus, não é, é, a igreja, a Primeira Igreja Batista, da Rua de Lagarto, a Segunda Igreja Batista, da Rua de, é [pausa] esqueci agora o nome da rua, não é, as igrejas Presbiterianas, tanto a Igreja Presbiteriana de Aracaju, a Igreja Presbiteriana Independente, a Igreja 12 de Agosto, várias igrejas, a igreja Congregacional, entendeu, que fizeram parte, a igreja é, o Brasil para Cristo, várias igrejas [barulho no fundo, vozes] participaram desse conclave.

**E:** É, e como foi, é, pra a comunidade protestante desenvolver um trabalho dessa grandeza, é, no momento de instauração de um regime militar em nosso país?

**PGM:** Bem, não deixa de ter si... ter havido alguma dificuldade né, mas como os evangélicos, é, sempre primaram pela boa ordem né, é, sempre estive ao lado do governo para as grandes decisões do país, entendeu, então não, os encontros, os ajuntamentos, não representaram assim nenhuma ameaça para a, para a segurança pública, certo, então tudo foi feito dentro de um espírito cordial, fraternal, e foi uma benção.

**E:** E me diga uma coisa, o evento aconteceu um final de semana ou se estendeu para mais de um?

**PGM:** Ah, se estendeu para vários, vários meses, não foi, *tendeu*, porque antes da, das grandes concentrações, inclusive, é, a última concentração foi no, no Batistão, nós lotamos o Batistão, não é, até, é, mas antes de-de-desse, do encerramento, houve encontros em vários bairros da cidade, entendeu, houve, houve trabalhos também no interior, tá entendendo, então houve assim, uma somação total.

**E:** Existiam conversões?

**PGM:** Muitas conversões, milhares de conversões.

**E:** E quando uma pessoa se convertia, é, ia para que denominação?

**PGM:** A pessoa convertida escolhia a denominação que queria pertencer, certo, ele preenchia uma ficha ok, e nessa ficha ele dizia, ele demonstrava seu interesse pela igreja que queria frequentar.

**E:** Qual a data mesmo da Cruzada, foi?

**PGM:** Eu não me lembro, no momento eu não me lembro, porque isso já tem, foi em 64

**E:** Mas foi em abril né?

**PGM:** Mês de abril é, [voz de Emerson no fundo] 64 não, foi em 66, ou em 64, 64 é, exatamente, não, eu não me lembro, eu tinha 20 anos na época né.

**E:** O governador na época era Seixas Dória né? [voz ao fundo: Pastor Gerinaldo Messias dizendo *isto*], ou ele já havia sido, é. [voz ao fundo: Pastor Gerinaldo Messias dizendo *é, Seixas Dória*] ou foi o Celso de Carvalho?

**PGM:** Não, não me lembro.

**E:** E o, o, [Pastor Gerinaldo Messias dizendo ao fundo *não me lembro*] os mili, tinha militares no, durante a cruzada, eles estavam lá?

**PGM:** Estavam sim, tanto os militares evangélicos né, como os militares que iam para manter a ordem né.

**E:** Ah, entendi. Então neste primeiro momento da cruzada, os evangélicos eram a favor ou eram contra a ditadura militar?

**PGM:** Nós nunca fomos nem contra nem a favor. Assim, entre aspas, não fazíamos frente ao governo, nós orávamos pelo governo para Deus então estabelecer a boa ordem no país, que não houvesse derramamento de sangue, entendeu, que não houvesse assim prejuízo nem para um lado nem para o outro, né. Mas nós nunca nos manifestamos assim contra, diretamente contra ao governo. Nós orávamos, pedíamos a Deus que ele direcionasse o governo naquilo que fosse bom para nação.

**E:** Houve embates dentro do ministério quanto a pessoas contra ou a favor do regime?

**PGM:** Não, não é do meu conhecimento não.

**E:** Tá bom, muito obrigado Pastor por suas observações, e, muito obrigado mesmo.

**PGM:** Tá, Deus lhe abençoe, estou sempre as ordens.

**E:** Ok, tchau.

## **PARTE II**

**PGM:** Então Emerson, complementando as informações, essa cruzada Cristo Esperança Nossa, serviu também para unir as igrejas, denominações, porque até então havia assim uma certa separação, cada um ficava no seu canto, entendeu, mas depois dessa cruzada houve assim uma aproximação melhor e maior, e então houve um grande despertar espiritual entre as igrejas, né, e se tornou uma benção essa campanha.

**E:** Sim sim pastor, saindo um pouco desse contexto religioso e também partindo para a influência não só da Assembleia de Deus no estado de Sergipe, mas das denominações evangélicas, da comunidade evangélica no nosso estado, depois de 64, na década de 70 e chegando até 80, quais foram, como o senhor analisa a relação entre a igreja e o cenário político brasileiro e aqui no nosso estado?



**PGM:** Bem, eu não sou assim muito ligado a política, não entendo muito de política, mas não deixa de ter havido assim um certo interesse pelo campo político, não é isso, porque realmente a campanha trouxe uma influência porque nós mostramos em parte o que somos, então não deixou de ter assim uma certa influência pelo lado político, então a igreja se envolveu, mais ainda, até então não era tanto, mas desses movimentos, porque teve a Cristo Esperança Nossa e teve Cristo a Única Esperança, foram duas campanhas evangelísticas, que envolveu o estado. Né, então com essas campanhas evangelísticas houve assim um interesse maior, tanto da política como da igreja né, no envolvimento político.

**E:** Entendi. Os militares frequentavam os cultos nas nossas igrejas?

**PGM:** Não assim diretamente como militar, não né, mas haviam evangélicos militares que sempre estavam na igreja.

**E:** Pastor, o senhor autoriza a gente usar essas suas informações para a academia, para trabalhos acadêmicos?

**PGM:** Bom, se for de proveito, fiquem à vontade

**E:** Nós agradecemos pela contribuição a historiografia sergipana e brasileira

**PGM:** Tá, Deus lhe abençoe, viu.

## ENTREVISTA 02

**Data:** 23 de maio de 2013

**Local:** Aracaju/SE

**Entrevistado:** Pr. Virgínio de Carvalho Neto

**Ermerson:** Olá, nós estamos aqui com o missionário e pastor, Dr. Virgíneo de Carvalho Neto, ele que é o pastor presidente das Assembleias de Deus aqui no estado de Sergipe. Boa tarde pastor.

**Pastor Virgínio:** Boa tarde, para mim é um grande privilégio poder atender os seus anseios e responder alguma coisa que possa ajudar.

**E:** Nós queríamos começar perguntando para o pastor Virgínio, sobre como foi, ele enquanto missionário e pastor, ser enviado na década de 1970 para um campo missionário, sobretudo protestante num período em que nós sabemos que politicamente o Brasil estava vivendo um período bem conflituoso nesse momento; nós queremos saber, pastor Virgíneo, como foi essa experiência?

**PV:** Naturalmente foi um momento que para se aceitar tal desafio teria que se ter assim, muita convicção e força de vontade é, porque mesmo apenas, eu não sei como era chamado *os crente* na época, então não era muito fácil porquê existia uma pressão muito grande existia também uma falta de conhecimento das pessoas acerca dos evangélicos, então nesse período nós já enfrentávamos até no colégio quando jovem na década de 60 e nós sabemos que podemos dizer que mais ou menos em 64 vem a revolução e nisso pra frente então, as coisas foram se complicando cada dia mais. Porém na década de 70 o mais difícil não foi sair, o mais difícil foi ser recebido no exterior, porque naquele momento não se aceitava o brasileiro no exterior por duas razões: um de direita, eles então não aceitavam porque achavam que poderia ser comunista que estava refugiado. E os de esquerda que lá estavam, eles não acreditavam também no brasileiro, no patriota, porque achava que seria sempre para denunciá-los. Então por exemplo, eu vivi esse período, primeiro período eu vivi em França, e ali em França, até em que loja no comercio você encontrava alguém falando português quando olhava a pessoa já deixava de falar português, porque ia dizer *ai encontrei com outro brasileiro*. Entendeu, então era aquele medo, e quanto aos próprios franceses, eles sempre, eles tinham uma certa dificuldade de nos aceitar, porque eles sabiam na cabeça deles, que todo brasileiro era contra o comunismo, então como eles em um país socialista, entendeu, com a maioria de esquerda, então claro que ele se algebriza

brasileiro porque a fama, o que saia nos jornais era acerca das torturas do Brasil, dos militares no Brasil, então isso causou muita dificuldade de comunicação, muita dificuldade no evangelismo, então nós tínhamos dificuldade com os próprios brasileiros encontrados lá fora, e muito mais ainda com os europeus, porque eles achavam que nós éramos todos ditadores, que todos nós éramos cúmplices desse martírio que existia no Brasil, então não foi muito fácil.

**E:** O pastor José Rodrigues Sobrinho, ele era presidente da convenção na época, ele tinha alguma orientação para os ministros, para as igrejas, sobre a questão do período em que o país estava vivendo?

**PV:** Não, naquele período os pastores, eles procuravam se abster de tocar nesse assunto, até porque sempre se condenava os evangélicos e protestantes que eram anticomunistas, então por isso os pastores preferiam não entrar por esse assunto na igreja e nós na época inclusive, na década de 60, nós tínhamos um missionário americano que sofreu muito, aqui mesmo em Sergipe, chama-se Arnold Johnson, hoje ele está na Califórnia, e ele sofreu bastante aqui em Sergipe, também havia uma discriminação contra ele, não é, então os pastores não entravam em assuntos sobre a revolução e nem se era favor e nem contra, era uma coisa que se dizia só se alguém tocasse no assunto, dizia “*vamos confiar em Deus*”.

**E:** E pastor, nas minhas pesquisas, eu encontrei também que em 64 justamente no mês de abril, quando aconteceu o golpe ou revolução, enfim, é, a cruzada Cristo Esperança Nossa, que foi uma cruzada de cunho interdominacional e sendo assim, foi um período em que a Assembleia de Deus, a Presbiteriana e a Igreja Batista, tiveram uma forte expressão. Quais são as suas lembranças sobre a Cruzada.

**PV:** Eu tenho lembranças muito positivas, eu não me lembro se depois disso, se já houve uma outra cruzada com esse mesmo potencial. Foi uma cruzada que uniu os evangélicos, que naquele momento também por falta de conhecimento existia uma grande barreira denominacional e, inclusive a própria Assembleia de Deus não era a favorável do trabalho junto com outras denominações, mas naquele momento a equipe de trabalho, diz que na verdade era uma equipe americana, então eles trabalhavam de forma que todos passaram a entender, acreditar e aceitar, e daí, eu lembro perfeitamente que no lugar onde eles estavam havia uma campanha, essa cruzada, então, passava-se o avião jogando os folhetos, jogando os anúncios, etc. Então nós fazíamos, a conferência foi feita totalmente em uma praça com acesso para todos e no início do trabalho existia o acompanhamento do helicóptero, do pequeno avião passando, e fazendo com

que todos tomassem conhecimento, além de trazer aquele, aquela faixa com o nome *Cristo Esperança Nossa*, eles jogavam os folhetos lá de cima, então ficava ao alcance de tudo e de todos.

**E:** O senhor lembra geralmente qual era a mensagem que continha nesses folhetos?

**PV:** Era somente, só tinha isso Cristo Esperança Nossa, só isso.

**E:** Nos folhetos não é?

**PV:** Nos folhetos, sempre, o anúncio era o tema, e agora nós os evangélicos que nos reuníamos na praça e cada um dava a palavra sobre Cristo Esperança Nossa.

**E:** Muito interessante

**PV:** Então, e era uma palavra era livre, não tinha nenhuma orientação antes, nem nada por escrito dizendo o que é que você tinha que falar, você falava o que estava no seu coração, porque você estava anunciando que Cristo era a única esperança.

**E:** Mas, assim, eu observo assim, porque dá a entender que totalmente estavam neutros, a situação que Brasil estava vivendo, tinha Jango, e foi justamente a gente sabe que o golpe aconteceu na madrugada de 31 de março, para o início de abril, foi justamente nessa semana.

**PV:** É, porque já estava tudo preparado, entendeu, a campanha já estava preparada, a cruzada, essa cruzada foi preparada com muita antecedência, entende, eles juntavam os espaços de várias igrejas, mas na verdade o potencial eram os americanos mesmos. E na verdade eu diria que foi mais um ato de coragem da parte deles, porque eles eram mal recebidos, e se julgava também que os americanos eram os únicos culpados pelo que estava acontecendo.

**E:** Ah, entendi. Bem pastor Virgíneo, qual a sua visão acerca dos protestantes na época em relação ao golpe? Eles se mostravam favoráveis? Eram contra?

**PV:** Não. Os protestantes não eram contra, porque os protestantes não pensavam sobre o comunista, mas eles pensavam sobre o comunismo, então, por isso eles não eram contra os militares, entendeu, eles eram a favor da direita, então a igreja sempre foi do lado da direita. Por que? Porque sempre se pensou que a esquerda, ou o comunismo só iriam trazer sofrimento entendeu, então, nunca se pensou de outra forma porque, é, o que o Brasil inteiro conhecia, especialmente na época que não existia a internet, que não existia a evolução que existe hoje, então era somente que sem o capitalismo não poderia sobreviver, então mesmo vivendo na

miséria, mas se acreditava que era rico, e tinha medo de sair daquela riqueza, que entre aspas, achávamos que vivíamos, não tínhamos a experiência de uma mudança, e toda mudança causa esses impactos, então os evangélicos tinham o medo pelo fato de que sabíamos que o comunismo prega sua ideologia e que não haveria mais liberdade para que nos pudéssemos ter a nossa ideologia, então esse era o medo e ainda é no mundo inteiro. Agora na verdade nós amamos os comunistas e tínhamos aquele cuidado acerca da ideologia do comunismo, e no Brasil, pela graça de Deus até hoje, nunca houve um verdadeiro comunismo aqui no Brasil, justamente por causa dessa reação contrária, então chegou a ter um comunismo equilibrado, um socialismo saudável, é o que acontece hoje, então nos observamos que quando houve as mudanças políticas a poucos anos atrás, a partir de Lula, tínhamos aquele medo do que iria acontecer, mas o próprio Lula mudou o seu discurso depois que se tornou presidente, então o Brasil hoje é um país socialista, mas ele não é em extrema esquerda nem extrema direita, porque aqueles que ficaram como extrema esquerda também não tiveram sucesso, e hoje nós temos uma política de esquerda equilibrada, porque o equilíbrio em tudo é que faz o bem.

**E:** O senhor já chegou a ter uma noção sobre a questão da teologia da libertação pregada pela Igreja Católica? Ou não tem?

**PV:** Quanto a isso, eu acho que também depende muito de qual Igreja Católica, porque isso não é trazido pelo Papa, mas tem sido pessoas, padres e alguns bispos, que tem escritores que colocaram isso, mas você não vai, não tem visto o Papa trazendo essa mensagem.

**E:** E quando se tinha notícia das torturas, qual a visão assim, da Igreja, mudou alguma coisa em relação aos militares, quando se tornou pública, a censura começou a ser mais intensa?

**PV:** Eu creio que não mudou muita coisa porque no Brasil era difícil acreditar que era realidade, é tanto que hoje existem comissões até dentro do nosso meio político nacional, que é a comissão da verdade que justamente até eles ainda procuram a verdade. Então os de esquerda tentam mostrar por A mais B que existiu e ia condenar A e B, mas não mostra qual foi a razão que levou aquele comandante a fazer isso, e por outro lado nós sabemos que o militar depende, ele não é independente. Eu ainda fico me perguntando de que vale a pena procurar os culpados, quando militar é militar, então de onde vem a ordem e porquê que veio essa ordem, então naturalmente vem do próprio presidente da república. Não é aquele coronel, aquele comandante, na verdade ele estava cumprindo ordens, ele não iria ter iniciativa própria. Então por isso nós olhamos as pessoas como seres humanos e não as práticas que eles chegaram a

fazer porquê nós sabemos que muitos foram levados a fazer aquilo, então, se nós formos olhar pelo lado espiritual, todo mundo tem direito ao seu perdão, e é por isso que nós não temos o direito de julgar as pessoas nessa área, porque não sabemos o que levou ele aquilo e ele poderia estar confundido, então não é ele como pessoa que é o responsável, mas é na verdade o sistema daquele momento

**E:** O senhor tem alguma lembrança de algum crente que tentou militar ao lado da esquerda ou tentou ser contra a ditadura, aquele estado?

**PV:** Na verdade não tenho essa memória, se existiu não sei, porque é como eu digo, a igreja pelo contrário, eu acho até que ela foi omissa, porque a igreja fechou a boca e ficou como se tivesse morrendo de medo, e dizia “vamos ficar aqui com Jesus” e pronto.

**E:** Muito bem, e só para encerrar pastor como o senhor foi na década de 70 para a França, quando o senhor saiu daqui de Sergipe em direção a Europa, aqui em Sergipe o senhor encontrou alguma resistência?

**PV:** Não, não encontrei resistência não, ao sair daqui. Pelo contrário, no meio em que eu vivo, então todos achavam que era um grande desafio e que era um heroísmo e que todos estavam dando as mãos.

**E:** Bem pastor, nós queremos agradecer a sua consideração

**PV:** Obrigado, eu que tenho que agradecer a você, e dizer que esse assunto é um assunto bem polêmico porque todos os registros existem, até porque todos nós vivíamos sob o mesmo, então, como hoje acontecem em alguns países, que você ouve muita coisa, mas o que é a verdade? Eu lembro que quando o comunismo entrou na África e que ele se apoderou da ilha de Madagascar, eu lá estava, então tinha muito barulho, muita, muita conversa, e dizia que tantas coisas iam acontecer e nada daquilo aconteceu, então as pessoas ficavam confinadas dentro de casa, com medo dos navios que iam chegar no porto e tal, os aviões bombardearem. Na verdade, houve sim guerra, houve sim revolução, mas não era o comunista que estava trazendo toda aquela desgraça, eram os próprios nacionais brigando uns contra os outros, vamos supor que uns eram a favor e outros contra. Mais ou menos o que aconteceu no Brasil, os soviéticos não vieram pra aqui trazer nenhuma desgraça, mas ficou entre os brasileiros, um de direita e um de esquerda cada um defendendo a sua própria causa. Então, é o que acontece ainda hoje nos outros países, mas graças a Deus que o país, nosso Brasil já saiu dessa.

**E:** Pastor Virgíneo, muito obrigado, eu queria também te perguntar, se o senhor autoriza nos usarmos essas palavras para trabalhos acadêmicos na Universidade?

**PV:** Fique bem à vontade, porque para mim é até uma felicidade que eu possa contribuir para que seja publicado, e cabe ressaltar que na verdade tudo isso começou na década de 60 e nós já estamos em 2013, então é lamentável que as igrejas protestantes, evangélicas, elas não tenham muitos registros sobre isso, porque volto a dizer, éramos conduzidos pelo medo.

**E:** Muito obrigado, muito obrigado.

**PV:** A você que agradeço.

**ENTREVISTA 03****Data:** 12 de agosto de 2015**Local:** São Paulo/SP**Entrevistado:** Reverendo Eliezer Bernardes

**Ermerson:** Hoje, 12 de agosto de 2015 estamos aqui no arquivo histórico presbiteriano com o reverendo Eliezer Bernardes da silva, ele que nasceu em 11 de março de 1941. Nos vãos conversar sobre a cruzada cristo esperança nossa, que aconteceu em setembro de 1964 e Aracaju Sergipe, e ele vai falar sobe suas lembranças dessa cruzada. Bom dia pastor vamos começar assim, falando, quero deixar o senhor bem a vontade para o senhor ir falando sobre suas lembranças.

**Reverendo Eliézer:** a campanha cristo esperança nossa surgiu quando eu era estudante, estuda em Garanhuns, como eu era naquela época um estudante mas pregador do evangelho, eu fui convidado a compor o grupo que ia fazer essa campanha em Aracaju, depois de alguns meses de preparação, fomos pra lá na companhia do reverendo Antônio Elias, Orlando de Moraes do evangelista Gerson Barbosa e de alguns outros estudantes. Passamos alguns dias em Aracaju anunciando o evangelho. A minha participação, é que eu era o locutor, que convidava a população para se dirigir ao estádio municipal de futebol a casa noite para ouvir a pregação do evangelho.

**E:** O senhor tem conhecimento de como esse vento foi preparado?

**RE:** Esse movimento evangelístico da igreja presbiteriana do brasil teve o preparo de cerca de 7 ou 8 meses de antecedência, com reuniões de oração não apenas nas igrejas presbiterianas, mas outras denominações (batista, assembleia de Deus, Quadrangular) foram convidadas a orar e jejuar e se preparar para o desfecho da campanha.

**E:** Quem idealizou esse projeto?

**RE:** Esse projeto foi idealizado pela igreja presbiteriana do brasil, que foi nomeada uma comissão chamada de comissão de evangelização, encabeçada pelo reverendo Antônio Elias.

**E:** Houve influência norte-americana nessa campanha?



**RE:** Sim, houve influência norte-americana, nós tínhamos a colaboração dos missionários norte-americanos, entre eles o reverendo Thomas F. Este reverendo Deus agraciou com a voz e ele cantava nos cultos. E também nós contamos com a colaboração norte-americana através de verba para campanha. Porque toda campanha tem despesa, então os americanos colaboraram financeiramente também. Eu citei Thomas F. mas além de Thomas F. nós tivemos outros americanos que no momento eu não me lembro, mas o professor poderá verificar na reportagem Brasil Presbiteriano.

**E:** O que mais lhe marcou nessa cruzada?

**RE:** A cruzada marcou pelo grande número de conversões. Mas o que mais me marcou e que eu lembro nitidamente até hoje, foi quando numa das noites, quando nós estávamos no estádio de futebol com o palco montado, os bancos, e todo mundo bem acomodado. Mas era uma época de chuva e veio uma tempestade. E naquela tempestade, após o reverendo Antônio Elias ter lido a palavra de Deus, a chuva chegou. Chegou exatamente quando ele ia começar a pregar. E ele então, não tendo condições de pregar, visto o barulho da chuva, ele pediu que as pessoas se retirassem, e textualmente ele disse “voltem para suas casas porque hoje eu não tenho condições de pregar em virtude dessa tempestade”. Mas ninguém saiu do lugar. E não tendo saído do lugar ele repetiu, “voltem para suas casas” mas ninguém saía do lugar. Então nesse momento ele disse “visto que ninguém quer sair daqui eu estou entendendo que vocês estão retidos aqui pelo espírito santo de Deus. Porque quando eu cheguei aqui eu pedi ao senhor, pedi a Deus, que colocasse seus anjos com espadas desembainhadas na entrada deste estádio, para que o diabo aqui não penetrasse. E por isso vocês não querem ir embora. Então sem pregação, apenas com a leitura da palavra de Deus que vocês acabaram de ouvir, eu peço quem se decide por Cristo está noite?” Então foi a noite que nós tivemos mais decisões. Então foi o momento mais marcante desta maravilhosa campanha.

**E:** O senhor tem conhecimento da conferencia do Nordeste que aconteceu em Pernambuco em 1962?

**RE:** Eu tenho conhecimento, mas não posso dar detalhes, apenas soube que houve, cujo os resultados foram bons, mas não tenho condições de dar nenhum detalhe.

**E:** Como o senhor descreve, Reverendo, Aracaju em 1964? Porque a gente sabe que 64 foi um ano de grandes transferências políticas e sociais, naquela época. E o senhor chega em Aracaju

justamente nesse período de efervescência, já os militares no poder, inclusive em setembro, o governador de Sergipe na época já havia sido deposto. Então como o senhor vê Aracaju neste momento, quando o senhor chega lá?

**RE:** Politicamente eu não posso dizer muita coisa. Nós vivíamos numa época que marcou a história como sendo a Ditadura Militar, que tomou conta politicamente do país, E o povo estava ansioso por uma transformação, por algo novo, por um conforto, por uma novidade, e o povo vivia a esperança de algo melhor. E foi justamente quando surgiu a Campanha Cristo Esperança Nossa.

**E:** E na sua visão, por que o povo queria esse algo melhor?

[feito uma pausa]

**E:** Então pastor, continuando aqui, depois desta pausa: o senhor fala de esperança, a própria cruzada tem um nome sugestivo, mas que esperança era essa que o povo queria? Que novas perspectivas eram essas?

**RE:** A, naturalmente era de um Brasil melhor, naquela época o povo estava precisando de um Brasil melhor. Então o povo tinha essa esperança de um Brasil melhor. Politicamente melhor, religiosamente melhor, e o lema da campanha veio satisfazer os anseios do povo naquela época, Cristo Esperança Nossa. Então a campanha veio dizer ao povo de Aracaju como também de Campina Grande, e outras localidades que a solução para o Brasil naquela época e também hoje, não é outra senão o Cristo Esperança Nossa.

**E:** E o que seria então um Brasil melhor, para a época?

**RE:** Um Brasil melhor na época, eu acho que é mais ou menos o que eu já disse, um Brasil politicamente melhor, um Brasil mais honesto, mais cristão, os políticos de preferência cristãos, homens sérios, eu entendo que era essa a expectativa do povo.

**E:** O senhor lembra de Jango?

**RE:** Eu lembro de Jango.

**E:** Qual era a visão da igreja sobre ele? Qual era a sua lembrança? Como os evangélicos viam o momento em que o Brasil estava vivenciando? E aqui eu puxo um gancho para uma próxima pergunta: Qual a posição da Igreja, e aqui igreja eu abro aspas e fecho aspas, porque sabemos

que o meio protestante é um meio bem fragmentado, devido a suas denominações, mas, a posição da igreja sobretudo através da cruzada cristã “Cristo Esperança Nossa”, diante deste momento político social que o Brasil vivia naquele período? Qual era a visão da Igreja? Qual era a visão da cruzada? Desse Brasil? Deste momento? Visto que a cruzada vinha trazendo uma resposta, uma esperança para o Brasil?

**RE:** A Igreja, eu falo, da igreja presbiteriana do Brasil, a missão da igreja é evangelizar então seja em qualquer época, mas estamos focalizando esta época de 64, nos entendemos que transformando o homem nos transformamos o país e transformamos o mundo. Então a visão da igreja e o objetivo da igreja era evangelizar, colocar o evangelho no coração do homem, porque fazendo isso, certamente teríamos um Brasil melhor. Sobre o Jango, eu lembro do Jango, de sua campanha política, dos gingers, que cantavam na época, mas francamente professor, eu era um pouco desligado politicamente falando, e por isso eu não sei dizer nada sobre o Jango, se não que ele foi um personagem político e polêmico.

**E:** Por que polêmico pastor?

**RE:** Eu não vou responder essa pergunta, mas eu sei que era polêmico. Por causa das suas ideias, ideias novas, ideias diferentes, ideias que confrontavam com a política que o Brasil desenvolvia na época.

[Pausa]

**E:** Como os evangélicos conseguiram desenvolver um trabalho como o da cruzada, nessa proporção, no período militar?

**RE:** Bom, conseguiu desenvolver porque a igreja atua em todas as épocas, desde o seu surgimento e ela continua sua jornada. E ela desenvolveu esse trabalho na época e após essa época, porque é a missão da igreja, seja em que regime for, em que situação for, em que época for. A missão da igreja é evangelística, e tendo essa missão, ela desenvolveu na época, em 64, em pleno regime militar essa grande e marcante campanha de evangelização.

**E:** E não houve nenhum impedimento por parte dos militares?

**RE:** Não, não houve nenhum impedimento. Absolutamente não. Nós tínhamos o campo aberto. Não em lembro de nenhuma represália, nem a igreja católica impediu. A campanha estava realmente sendo direcionada por Deus, fomos enfrente e o resultado foi maravilhoso.

**E:** Teve algum irmão da igreja que foi perseguido por ser contrário ao regime, e apoiar as ideias de Jango?

**RE:** Professor, de quando em quando, aparece um pesquisador aqui no nosso arquivo histórico, procurando saber qual a posição da Igreja na época desse regime militar. Pesquisando qual era o discurso da igreja na época do Regime Militar, qual o discurso da igreja no tempo de Jango. E realmente, a igreja, ao que me parece, ela não se posicionou abertamente e diretamente. Ela continuou a sua missão de igreja e de pregação do evangelho. Não me lembro desses detalhes sobre o discurso da igreja na época.

**E:** Quem foi Antônio Elias?

**RE:** O reverendo Antônio Elias foi um ministro presbiteriano, foi um grande evangelista da época. Nós tivemos outros evangelistas, mas eu entendo o reverendo Antônio Elias foi um evangelista vocacionado por Deus para o trabalho de evangelização. Ele foi pastor de algumas igrejas, inclusive da igreja de Niterói. Mas o reverendo se notabilizou pelas conferencias ele ia pelo Brasil inteiro fazendo conferencias evangelísticas. Na época de Antônio Elias, no período de 1970 eu era secretário da igreja presbiteriana de Boa Vista, e eu me lembro que o reverendo era convidado todos os anos para fazer conferencias na igreja presbiteriana de Boa Vista com excelentes resultados.

**E:** Para o senhor, qual seria o motivo principal para ele ter sido escolhido como principal conferencista?

**RE:** Eu creio que você saiba e conheça a história do reverendo B. G, pastor batista, grande evangelista, escritor de alguns livros, um deles “o mundo em chamas” e o reverendo Antônio Elias brasileiro, se assemelhava ao B.G americano, grandes evangelistas.

**E:** Como o Antônio Elias era visto pelos evangélicos da época?

**RE:** O reverendo Antônio Elias era bem quisto pelas igrejas presbiterianas, pelos pastores e evangelistas. Na verdade, eu o conheci, eu o vi pregar várias vezes, ele tinha uma tendência pentecostal, ele era presbiteriano, nunca se desviou, calvinista, mas a pregação dele, era uma pregação que se assemelhava a pregações pentecostais. Eu nunca presenciei o reverendo falando línguas estranhas, e nem conheci perfeitamente o que ele pensava sobre o batismo com o espírito santo, mas entendo que ele tinha uma certa tendência pentecostal.

**E:** Um fervor?!

**RE:** Era mais um fervor. A pregação do Antônio Elias era muito viva, ele pregava quase que a mensagem toda chorando, mas ele não demonstrava que estava chorando. E transpirava muito. Normalmente quando ele terminava a pregação ele ia para a sala pastoral, trocava a camisa, passava uma toalha no corpo, vestia uma camisa limpa. Ai é que ele ia para a porta do templo cumprimentar os irmãos que estavam se retirando.

**E:** Quais eram as suas convicções? O senhor o considera um tanto mais progressista ou mais tradicional? Dentro da Igreja? Sobretudo no sentido político: progressista, mais aberto, ou era mais tradicional, fechado, diante da igreja?

**RE:** Me fale mais sobre esse progressista que você está querendo saber.

**E:** Mais aberto as novas tendências, a questão da igreja quanto ao social, a igreja voltada para os pobres.

**RE:** O reverendo Antônio Elias era um pastor de verdade. Ele não era apenas um reverendo que tinha curso acadêmico, uma formação, um seminário, ele se identificava como pastor de ovelhas. Pastor é aquele que está junto da ovelha, que sente o cheiro das ovelhas. Assim era o reverendo Antônio Elias. Sobre esse progressista que você está falando, eu acho que não notei nada dele nisso, no tempo de convivência com ele. Eu notava que ele era um homem muito fervoroso um homem muito dedicado a oração. Era um homem que dizia “Eu prefiro orar e não pregar, do que pregar sem orar”. Então, estivemos juntos não apenas nesta campanha em Aracaju, como também na realizada em Campina Grande. Homem extraordinário, pastor de verdade. Homem de oração, fervoroso, e que tinha um carisma na pregação. A pregação dele era extraordinária e convencia o auditório. O ouvinte do Antônio Elias se identificava com Cristo.

**E:** Ele teve alguma ligação com Ruben Alves?

**RE:** Não posso dizer nada a respeito disto, não tenho conhecimento.

**E:** Como o senhor avalia o resultado da Cruzada Cristo Esperança Nossa em Aracaju?

**RE:** O resultado da cruzada foi muito positivo. Teve a reportagem aí do jornal que eu não posso dizer exatamente, mas muitas conversões, muitas vidas transformadas. Até eu acredito que Aracaju melhorou muito depois da Cruzada Cristo Esperança Nossa.

**E:** Pastor, o senhor tem alguma colocação mais a fazer, além das perguntas que eu fiz, para citarmos aqui.

**RE:** Eu tenho. Eu tenho a dizer que esse movimento por dentro da cruzada Cristo Esperança Nossa realizado em Aracaju e em outras cidades da nossa Federação, foi um movimento muito bom. E ao que me parece, como pastor, diplomado e ordenado em 1974, e que comecei meu ministério em 1975, portanto a mais de 40 anos, entendo que a Igreja presbiteriana do Brasil, precisava de outro movimento assim como foi a cruzada Cristo Esperança Nossa. Ao que me parece é que naquela época havia mais fervor missionário, os protestantes protestavam mais, evangelizavam mais, não sei se hoje por causa do avanço da mídia, das novidades na eletrônica, tudo isso que apareceu, dos e-mails, do Facebook, dos acessos à internet, eu não sei se isso arrefeceu um pouco o entusiasmo da Igreja Presbiteriana do Brasil. Mas eu noto que me parece que a igreja hoje tem menos fervor que naquela época. Seria muito bom que nós tivéssemos um retorno aquela época de mais fervor, com mais cruzadas semelhantes a cruzada Cristo Esperança Nossa.

**E:** Pastor, fazendo uma última pergunta, puxando um gancho a essa sua declaração. Como o senhor poderia descrever a sua juventude, a juventude da sua época, aquela classe estudantil, aqueles jovens daquele momento. Não só vocês enquanto evangélicos, na época, mas também os não evangélicos, o nível de envolvimento entre vocês, qual era o pensamento, a ideologia que norteava os jovens nesse momento, em 1964?

**RE:** Eu não lhe disse ainda, mas eu era católico até os 18 anos. Então eu tive uma vocação tardia. Quando eu no sul de Minas, mais precisamente na cidade de Cambuquira, eu tive um encontro com Cristo, eu já comecei a pregar na igreja, numa pequena congregação que tínhamos e aí eu comecei pelo desejo, a medida que ia conhecendo mais o evangelio, eu tive o desejo de ser pastor. E no ano de 1962, eu fui para Garanhuns estudar no instituto bíblico, de lá passei para o Colégio 15 de Novembro, onde eu fiz o ginásio e o colegial e foi então no ano de 1970 para o seminário. Então os nossos jovens de Garanhuns, que eu fiquei 7 anos em Garanhuns, frequentando uma Igreja chamada de Igreja de Heliópolis, então a mocidade era muito entusiasmada. Nós éramos 30 candidatos ao sagrado ministério, lá no colégio 15 de Novembro.

Éramos jovens comuns, jogávamos futebol de campo, de salão, basquete. Mas nós tínhamos constantes reuniões de oração, e nós tínhamos também um grande trabalho de evangelização. As igrejas de Garanhuns e das redondezas, as congregações, uma vez por ano ficavam por nossa conta. Os pastores nos entregavam o púlpito, para os candidatos do ministério. E era uma sociedade organizada. Os candidatos tinham uma diretoria, e nós sabíamos exatamente fazer as escavas dos pregadores. Mas era uma juventude consagrada. E quando eu fui para Recife, para o Seminário Presbiteriano do Norte, então não foi sozinho, um grupo, meus contemporâneos, nós fomos juntos, nós continuávamos o mesmo movimento de reuniões de oração, de trabalhos de evangelização, todos nós tínhamos ocupações nas igrejas e ajudávamos como seminaristas aos pastores. Então eu via naquela época uma mocidade entusiasmada, que orava, que tinha uma visão do ministério e fazia culto nas praças. Então era um grupo muito entusiasmado. Hoje, depois de pastor já a alguns anos, eu não faço mais cultos nas praças agente continua orando, continua intercedendo, mas culto na praça parece que hoje não dá mais. Parece que a mídia hoje nos impede de fazer isto. E quando um dos últimos cultos que eu fiz aqui na cidade de Jandira aqui no estado de São Paulo, eu fiz na praça pública, e um culto bem organizado, com conjunto coral, serviço de som numa praça, os meus ouvintes foram poucos. Os que desciam do trem corriam para casa com vontade de chegar e cuidar da vida, os que estavam descendo para pegar o trem, estavam correndo com medo de perder o trem que já estava chegando, e ninguém ligava para o que eu pregava e para o que o coral cantava. Apenas os bêbados que estavam sentados nos bancos de Jardim eram nossos ouvintes. Então hoje ficou bem mais difícil. Creio que precisamos intensificar o trabalho de evangelização e pregação do evangelho através dos recursos que a mídia nos oferece.

**E:** Para a sua mocidade chegavam a algumas ideias ou informações dos movimentos revolucionários que estavam acontecendo no Brasil? Lá no Colégio, onde você estudava naquela época, essas informações chegavam até vocês naquele momento? Vocês tinham conhecimento do momento que o Brasil estava vivendo? Porque nós vemos que a igreja dá uma resposta, e como chegava essa informação até vocês?

**RE:** A informação chegava, mas não de forma assustadora, a informação chegava como uma coisa tão natural. Agora eu vou lhe contar uma história da época de 64, quando eu estudava no colégio 15 de Novembro. Houve uma manifestação política na cidade, justamente quando os militares estavam assumindo o poder. E chegou no colégio 15 de Novembro que tinham campos enormes, um jipe para ser ornamentado para desfilar com faixas em verde e amarelo. E eu fui

ajudar aquele soldado do exército a ornamentar o jipe, espontaneamente, e nós esticávamos os panos para um lado, para o outro, e ornamentamos o jipe. Quando o jipe ficou pronto e foi saindo, eu perguntei ao soldado “quem vai com você? ”, e ele disse “ninguém”. E eu falei “então eu vou”. Então eu desfilei no jipe do exército, na manifestação política pró-militarismo, em 1964, na cidade de Garanhuns. Mas sem nenhum pensamento político, sem nenhuma influência revolucionária. Apenas estava acompanhando e desfilando no movimento que se organizava naquele momento na cidade de Garanhuns. O movimento foi grande, o exército todo nas ruas, como quem dizendo, os militares dizendo “agora o Brasil é nosso”, e eu no meio deles. Parece que eu nem sabia o que estava fazendo.

**E:** Jovem né? [risos]

**RE:** [risos] Jovem, entusiasta, eu desfilei, no carro, no jipe, que coisa não?

**E:** E o senhor se recorda de algum movimento reacionário a este momento de louvor ao militarismo, de resistência, de alguém resistindo a esse movimento?

**RE:** Ah, eu me lembro que na época muitas pessoas foram deportadas, eu me lembro que muitos comerciantes que a gente nem sabia, das ideias de repente eles foram presos, o comercio deles fechando, o meu irmão na época era soldado do exército, montado lá em três corações, eu sou de Minas, eu me lembro perfeitamente, ele foi pra uma cidade vizinha chamada Campanha. Campanha é uma cidade histórica, chamada Campanha da Princesa, e ele foi lá juntamente com outros soldados tomar os correios, as repartições públicas, e ficar de guarda ali, e as reações foram muitas, disso eu me lembro. Houve uma reação muito grande, muito choro, muito descontentamento, por causa das deportações, pessoas que de uma hora para outra se viam sem seus parentes, famílias que ficavam no Brasil e o chefe da família tinha que fugir da polícia, por causa de questões políticas, então, a reação do povo brasileiro, de parte do povo brasileiro, foi de tristeza de lágrimas por causa disso, porque o Brasil se via de repente tomado pelos militares, e pessoas de família ou várias famílias tinham que fugir e as famílias ficavam em pleno desamparo. Eu me lembro dessa tristeza que houve. Agora, sobre o regime militar, o que ele trouxe, eu acho que não está na nossa área, e eu acho melhor não falar.

**E:** Certo. Agora sim, a última pergunta mesmo: Como o senhor acha que a Igreja via essa questão dessa tristeza, de um parente ver seu ente querido sendo deportado? A Igreja, mas uma



vez, abro aspas e fecho aspas, a Igreja Protestante. Como que os evangélicos, vamos dizer assim, lidavam com essa situação? Viam essa situação?

**RE:** Naturalmente, conforme já dito, com muita tristeza, havia um lamento, um choro, que nos ensinou que em meio as provações nós devemos dobrar os nossos joelhos e interceder. Então naquele momento as igrejas se preocupavam muito em interceder pelo país, pelos parentes que tiveram que fugir ou serem deportados, e orar por um retorno da paz e da tranquilidade e de um Brasil melhor. Foi assim que eu vi a Igreja, a ação da igreja na época. A palavra oração, como você sabe, é composta de dois termos, orar e agir, aí oração. Então a igreja além de orar, agia confortando anunciando o evangelho, correspondendo e assim por diante, e graças a Deus o regime militar teve seu papel, eu acredito que trouxe tristeza, mas também teve seu lado positivo. E louvado seja Deus porque hoje vivemos uma democracia, mesclada é claro, mas somos uma democracia.

**E:** Muito obrigado pastor Eliezer, por suas considerações, a sua entrevista, é muito proveitosa para aquilo que eu tenho pesquisado. E eu queria pedir a sua autorização para podermos usar sua fala na nossa pesquisa. O senhor nos autoriza?

**RE:** É claro que eu autorizo e lamento que com a idade de 74 anos, tendo a Campanha Cristo Esperança Nossa, ocorrido em 64, faz tempo, e em medida que os anos vão passando e a gente vai envelhecendo a memória vai sendo um tanto afetada. No entanto, o que eu lembrei eu passei para você e está devidamente autorizado a usar e eu espero ter contribuído com o seu trabalho. E desejo professor, um bom êxito na sua monografia, no seu trabalho pós-graduação, e que isto seja aprovado naquilo que está preiteando, e que seu alvo seja alcançado e que o senhor seja muito útil com a sua vida, na formação e na educação do nosso povo brasileiro. Deus o abençoe.

**E:** Muito obrigado!

**ENTREVISTA 04****Data:** 17 de junho de 2016**Local:** Aracaju/SE**Entrevistada:** Maria de Lourdes Santos

**Ermerson:** É... boa tarde. Nós estamos aqui com Dona Maria de Lourdes Santos, da Primeira Igreja Batista de Aracaju e eu vou perguntar a Dona Maria sobre as lembranças dela à respeito da Cruzada Cristo Esperança Nossa que aconteceu aqui em Aracaju em setembro de mil novecentos e sessenta e quatro.

Boa tarde, Dona Maria.

**Dona Maria:** Boa tarde.

**E:** É...quais são suas lembranças, assim, dessa Cruzada?

**DM:** Bom, a minha lembrança da Cruzada é que na época eu tinha minhas crianças tudo pequenas, eu tinha três crianças, eu tinha três crianças e essas crianças/ e eu junto com as minhas irmãs vivíamos na/ nas festas assim. A gente ia, assim, quando tinha uma festa, quando tinha um jogo, assim, especial, que vinham de fora...e nós se apossava daquilo pra nós ganhar nosso “tostãozinho” a mais.

**E:** Então, a senhora era comerciante?

**DM:** Eu era comerciante.

**E:** A senhora já era crente nessa época?

**DM:** Não, não, não era crente, eu não era crente, era só/ era mesmo/ era só casada mas não era crente, né? E com aquilo ali eu sei que a gente ganhamos um “tostãozinho” avançado, porque foram três dias de festa...foram três dias de festa. Essa festa foi/ foi selecionada pelo exército...essa festa foi selecionada pelo exército, que tomou conta, foi tomou a posse de tudo. O Bastistão não tinha muro, era cercado de arame. Chamava é/ chamava Batistão mas era cercado de arame, não tinha muro. Então, a festa foi lá porque não existia Sementeira, a Sementeira era plantação só de coco. E a festa foi feita ali, ali aonde é hoje/ aonde é o Salgado Filho, foi ali. E com essa festa a gente ganhou nosso “tostãozinho”. Fui pra Barra, comprei cana, nesse tempo não tinha CEASA mas tinha um lugar de vender/ das pessoas vender mais/ mais em grosso que era no Mercado Central...

**E:** E...o que é que a senhora quer dizer com o exército se...

**DM:** Porque era um tipo de organização, era eles que organizava pra que não entrasse gente diferente, não quisesse fazer besteira, porque muita gente foi pra ver aquela festa, muita gente foi pra ver, que fosse crente e que não fosse, muita gente foi pra ver, pra assistir. Porque foi muita fé, foi muito/ foi muita coisa, muita coisa de fora que veio, sabe, muitas pessoas de fora que veio. E ali foi uma festa que foi pra todo mundo ver.

**E:** E como é que a senhora soube que ia ter essa festa?

**DM:** A gente soube que ia ter essa festa porque foi avisado, foi avisado aos padres.

**E:** Aos padres?

**DM:** Aos padres, foi avisado pelos padres. Os meus meninos/ eu/ a minha mãe/ a minha mãe não/ como que diz? Eu não fui criada com minha mãe mas fui criada com uma pessoa que ela era católica.

**E:** Certo.

**DM:** E na igreja dela disseram: “ ói vai ter uma cruzada aqui em Sergipe, vai ter uma cruzada aqui em Aracaju e se vocês quiser ir, se você quiser ir, Lourdes, se vocês quiserem ir aproveitem que vai ter muita gente de fora. Aí na época eu fui, aí na época eu fui, mas é/ fui, não fui como crente, fui pra vender.

**E:** Agora, vamos lá. Não era um evento evangélico?

**DM:** Era um evento evangélico.

**E:** E como é que os padres...

**DM:** Ah.... meu filho, mas antigamente eram diferente, hoje os padre/ hoje os padres são diferentes dos de antigamente. Antigamente os padres era mesmo que fosse um pastor, todo mundo respeitava, não se chegava pra/ pra discriminar aquele porque era padre, não. Hoje é que os padres não sabem de nada. Antigamente os padres tudo eram velhos, tudo era velho.

**E:** Aí eles não quiserem impedir o povo...

**DM:** Não, não teve que impedir, eles não tinha que impedir, eles tinham mesmo é que se juntassem, eles tinham mesmo é que se juntassem pra ver quem, como é que diz? Pra ver que

não/ ninguém/ que não era, não era discriminado pra ninguém, ali era uma festa pra todo mundo assistir, não assistisse se não quisesse. Só não podia ir pra bagunçar. Foi por isso que o exército/ o exército foi quem comandou tudinho.

**E:** É, até porque foi no ano que o exército tomou o poder.

**DM:** Tomou a posse, foi no ano que o exército tomou a posse. Eu me lembro disso por que nós trabalhava/ nós trabalhava e com esse tempo/ nesse tempo a gente foi dispensado das fábricas porque quem quisesse assistir isso...quem quisesse assistir isso. Porque era pra ser era no Clube dos Trabalhadores. O Clube dos trabalhadores é ali de junto a CE (hipótese). Mas não dava, era pra ser muita gente, então tinha que ser, assim, no ar livre e é/ o Batistão não tinha nada dentro, o Batistão só tinha uma “sedezinha” e o resto tudo era cercado. Então ali/ todo mundo ali/ foi muita gente, foi muita gente para aquela festa e eu gostei/ eu gostei por isso, gostei por isso. E daí por diante, daí por diante eu já vivia meio assim, meia “troncha” com meu marido e eu pedi a Deus “um dia eu vou ser crente, um dia eu vou ser crente”. Sempre nessa promessa de um dia eu ser crente.

**E:** E o que é que a senhora acha? A senhora concordou dos militares tomarem o poder? A senhora lembra de Jango?

**DM:** Jânio Quadros?

**E:** João Goulart.

**DM:** João Goulart?

**E:** Sim.

**DM:** Me lembro.

**E:** O que é que a senhora acha dos militares terem tomado o poder da mão de João Goulart?

**DM:** Bom, eu não sei assim, porque eu não tinha, como é que diz? Eu não tina esse negócio de/ de/ de contato com eles. Eu não tinha esse negócio. Eu era muito pequena pra esse povo.

**E:** Certo

**DM:** Né? Mas sabia que eles tinha o poder um mais do que o outro. Como hoje fazem, que querem tirar um pra botar outro, pra querer se apossar do poder do outro pra/ dizendo...hoje eles fazem enganar, como toda vida enganaram. Só não engana a Deus.

**E:** Certo.

**DM:** Quer dizer, que ninguém engana né? Né “coisinha”? Engana o mundo, agora Deus não. Pelas mínimas coisas. Ninguém engana a Deus.

**E:** E aí eles diziam que os comunistas iam tomar conta do Brasil né?

**DM:** Ah pois é, que iam tomarem conta do Brasil e ( ) sabia que ia voltar tudo as escravidão de novo, é, era isso que eles faziam.

**E:** Eles diziam isso, né?

**DM:** Eles diziam isso. E muita gente se apossou nisso, com medo...de acontecer isso. Já pensou, meu filho? Com tudo que se estava passando, de fome, de/ de/ de/ de pobreza, de tudo, acontecesse a voltar a escravidão. Como nossos pais, nossos avós ( ) assistiram. Que só tinha direito de trabalhar e ganhar o bocado e se/ e se não quisesse trabalhar ainda apanhava.

**E:** Mais alguma coisa que a senhora queira colocar, assim...a senhora ache importante, Dona Maria?

**DM:** Não...o que eu tenho de dizer de importante foi que desse/ disso pra cá eu achei muito bonito, achei muito bonito, resolvi...como é que diz? Eu pedi muito a Deus que um dia eu ia ser crente, eu ia ser crente porque é uma coisa que todo mundo se comunicava, todo mundo se unia. Porque ali foi uma reunião, uma reunião pra todo mundo. Ninguém discriminava ninguém, não houve briga, não houve nada. Não houve briga, não houve matança nem nada. Graças a Deus não houve nada disso. E o exército pra tomar conta foi pra que não houvesse alguns “inventores” que viessem de fora pra fazer qualquer besteira pra aquele povo que estava ali dentro, principalmente porque eles vieram muitos de fora.

**E:** A senhora chegou a lembrar da Marcha da Família com Deus pela Liberdade da igreja católica?

**DM:** Me lembro, me lembro.

**E:** Foi antes da Cruzada Esperança Nossa?

**DM:** Foi antes da Cruzada, foi antes da Cruzada.

**E:** A senhora lembra?

**DM:** Eu me lembro/ que eu me lembro que/ que...nesse tempo/ nesse tempo o parque/ funcionava o parque Teófilo Dantas, aqui. Tinha tudo, tinha carrossel, tinha tudo. Tinha carrossel, tinha tudo. Mas nesse tempo, nesse tempo sabe que idade eu tinha? Doze anos. Eu tinha doze anos nesse tempo.

**E:** Tá certo. Tá bom, então. Obrigado pelas suas palavras, viu?

**DM:** Tá bom.

**E:** Podemos usar sua fala para pesquisa, né?

**DM:** Pode usar.

**E:** Tá bom, obrigado.

## **ENTREVISTA 05**

**Data:** 17 de junho de 2016

**Local:** Aracaju/SE

**Entrevistado:** Carlos Alberto de Oliveira

**Ermerson:** Estamos aqui com o Senhor Carlos Alberto de Oliveira, na Primeira Igreja Batista de Aracaju, e nós vamos fazer uma rápida entrevista aqui com o Seu Carlos, perguntando a ele sobre as lembranças dele sobre a Cruzada Cristo Esperança Nossa. Boa noite Seu Carlos.

**Carlos Alberto:** Boa noite.

**E:** É... quais são as suas lembranças, assim, sobre a Cruzada Cristo Esperança Nossa?

**CA:** Então (hipótese)... são lembranças boas e...que nós...nós saímos naquela época em grupos, com um “monte” de jovens de várias igrejas, pregando cartazes, fazendo convites nas ruas para o/o/a co/o encontro que ia ter, né?. Justamente no antigo Estadual, que hoje é Batistão, na época não era Batistão era o antigo Estadual do/de Sergipe, era o nome do estádio.

**E:** O senhor lembra quem organizou essa Cruzada?

**CA:** Parece que foi um grupo de presbiterianos, não tenho é/ não tenho muitas lembranças, mas parece que partiu dos presbiterianos.

**E:** E teve a participação de...

**CA:** Batistas, Assembleias, não me lembro qual foi as outras.

**E:** Americanos, participaram? Teve influência americana?

**CA:** Houve/teve/parece que inclusive uns dos regimes (hipótese) do coral, que foi organizado na época, era do regente do coral.

**E:** A gente sabe assim, que a Cruzada aconteceu justamente não ano que houve o...

**CA:** A ditadura militar.

**E:** A ditadura, né?

**CA:** A ditadura militar, foi.

**E:** E me diz uma coisa. Houve alguma restrição....os militar/por parte os dos militares ou eles apoiaram...a Cruzada?

**CA:** Que eu saiba não, não houve restrição não/não houve/ eu não me lem/eu acho que não houve restrição, que eu me lembre não houve restrição nenhuma.

**E:** Porque foi um período, assim de repressão muito grande.

**CA:** Foi/ tava com poucos meses que o período militar/a/a/a ditadura foi em março, quer dizer, tinha poucos meses...já se vinha fazendo a propaganda da campanha.

**E:** Certo...

**CA:** Mesmo antes da ditadura já se vinha fazendo a campanha e a campanha continuou, a gente pregando cartazes na rua tudo e não houve nenhum impedimento.

**E:** Não houve impedimento né?

**CA:** Não.

**E:** E o senhor lembra do presidente João Goulart?

**CA:** Me lembro.

**E:** Que era Jango.

**CA:** Mas nessa época já não era mais João Goulart, era o/ foi o/ o presidente foi já Castelo Branco pela ditadura. Foi o primeiro presidente/ um dos/ parece que/ se não me falha a memória foi um dos que participou da ditadura e foi eleito o primeiro presidente militar, Castelo Branco. E foi nesse período.

**E:** Justamente. Me diga uma coisa também. E o que o senhor acha dos militares terem tomado o poder assim?

**CA:** A... eu acho que/ quanto a...naquela época que me lembro, quanto aos evangélicos não tinha problema nenhum, porque a única opressão naquela época foi mais pra o partido comunista.

**E:** Sei...

**CA:** Naquela época tava se infiltrando muito... mas a pressão foi mais com os/ quem participava do partido comunista, foi quem foi/ a perseguição maior foi com eles, e alguns corruptos, alguns políticos corrupto, como alguns crimes que tinham, que a pessoa cometia e não era/ e não era/ como é? Não eram punidos, então alguns políticos daquela época foram punidos também.]



**E:** Hmm...e o senhor acha que os evangélicos apoiaram o regime?

**CA:** Apoiaram. Apoiaram inclusive uma...não me qual foi o presidente. Fizeram uma pergunta sobre os evangélicos, não sei se foi Médice ou se foi outro, não me recordo, que tavam muita gente dizendo que houve uma frase “quem ama o Brasil ame, quem não amar saia”. Aí fizeram uma pergunta sobre os evangélicos aí ele “não os evangélicos são amigos da nação”. Foram considerados amigos da nação.

**E:** O senhor lembra de algum caso de evangélico perseguido aqui em Sergipe?

**CA:** Não, aqui não, aqui não me recordo não, que foi perseguido, foi preso por causa da ditadura militar ou por causa de... justamente o foco foi mais o partido comunista. Aqui eu não soube, não. Mas parece que em Recife, não sei, no Sul. Pelo menos em Pernambuco parece que houve casos.

**E:** Hmm...

**CA:** Em Pernambuco, parece que em Natal, eu não sei, no Sul, houve casos.

**E:** Em sessenta e dois o senhor já era evangélico?

**CA:** Já.

**E:** O senhor já ouviu falar da Conferência do Nordeste que aconteceu no Recife?

**CA:** Rapaz...não tô lembrado. Naquela época em sessenta e dois...eu tinha 20 anos, tava completando 20 anos.

**E:** Certo...

**CA:** É... sessenta e dois. Que eu sou de quarenta e dois. Então eu tava completando 20 anos e eu não recordo, não me lembro, mas eu me lembro que houve um movimento desse.

**E:** Só mais duas perguntas, assim, para a gente ir concluindo...é... em sessenta e quatro o senhor lembra de militares participando da Cruzada Esperança Nossa? Eles estavam lá?

**CA:** Não me lembro, não. Não me recordo, não.

**E:** Certo.

**CA:** Porque tinha, inclusive naquela época tinham alguns militares que eram evangélicos. Muitos militares eram evangélicos.

**E:** Ah, eram evangélicos né?

**CA:** Era.

**E:** E vocês pregavam cartazes, né?

**CA:** Era, e não tinha nenhum problema.

**E:** Não tinha nenhuma, né?

**CA:** Não houve restrição. Pelo menos quando eu participei não houve restrição nenhuma. Às vezes nós íamos até tarde da noite, meia noite, uma hora da manhã pregando cartazes e nunca tivemos problema nenhum.

**E:** O senhor acredita que apesar da Cruzada ter uma mensagem de evangelização, foi também uma forma dos evangélicos declararem apoio, aqui em Sergipe, ao regime.

**CA:** Eu não sei...eu não me recordo.

**E:** Porque em plena ditadura/ em plena ditadura militar acontecer aquela campanha, né?

**CA:** De certa forma sempre apoiou, né

**E:** Certo... Tá bom, obrigado, viu?

**CA:** tinha um coral, que eu fiz parte do coral.

**ENTREVISTA 06****Data:** 17 de junho de 2016**Local:** Aracaju/SE**Entrevistada:** Ivete Teles

**Ermerson:** É...boa noite, nós estamos aqui na Primeira Igreja Batista de Aracaju com Dona Ivete Teles, é...pra conversar um pouco sobre suas lembranças do período de mil novecentos e sessenta e quatro. Boa noite, Dona Ivete.

**Ivete Teles:** Boa noite, meu filho.

**E:** É...quais são, assim, suas lembranças daquele período que a senhora viveu em sessenta e quatro?

**IT:** Ah, em sessenta e quatro eu lembro-me que houve muita repressão, todo mundo tinha medo, tinha medo porque nós tínhamos, meu sogro tinha fazenda e as pessoas fugiam pra se esconder lá na fazenda. Tudo com medo, com medo do...não era dos políticos, era do exército mesmo. E o meu sogro era major do exército na época, foi preso, cunhado meu foi preso...

**E:** Ele refugiava lá na fazenda, né?

**IT:** As pessoas que corriam e se escondiam lá pra depois daqui irem pra outros lugares, não sei pra onde...que essas coisas que eles faziam muito bem cautelosos, né?

**E:** Isso.

**IT:** Não dizia a ninguém. Eu só sei que existia muita/ igual a hoje, os políticos e as repressões era igual a hoje. Porque hoje você fala uma coisa e faze/ dizem outra/ e fazem/ fazem outra. Você diz e a pessoa distorce tudo e fazem outra, assim mesmo era antigamente. Porque, o meu sogro sendo comunista como dizia ser, mas ele era uma pessoa muito boa, melhor do que as pessoas da situação, muito melhor. Ele servia mais ao pessoal brasileiro do que ao pessoal da situação. Porque como diz assim “comunista é mal, é não sei o que é/ é /não é, eles não/ é, principalmente o meu sogro, o meu sogro era muito bom.

**E:** E ele era do exército...

**IT:** Do exército...mas aí ele encostou, não sei se foi por saúde, eu não me lembro bem. Quantos anos, né? Não lembro bem. Aí eu sei que ele ficou encostado muito tempo...e depois quando faleceu já não estava mais lá, na ativa/ tava...estava.

**E:** E ele chegou a ser preso?

**IT:** Chegou a ser preso.

**IT:** Foi preso. Em vinte e quatro ele foi preso, em sessenta e quatro ele foi preso...

**E:** Certo.

**IT:** Ele foi preso várias vezes.

**E:** E como era a reação da família diante dessa situação?

**IT:** Ah, ficava todo mundo amedrontado, né? Mas todo mundo era, assim, fortes, guerreiros, porque todo mundo tava do lado dele, todo mundo ajudava ele. Ele tinha problema às vezes, de saúde, de estômago, de falta de ar, a alimentação dele era levada de casa, sabe, não era...

**E:** Certo

**IT:**...não era dada lá no quartel...no quartel do exército]

**E:** Certo.

**E:** Ele era evangélico, não?

Dona Ivete: Não...não.

**E:** Mas ele era contra os evangélicos?

**IT:** Bom...se ele era contra os evangélicos eu não sei, porque e/ eu não acreditava/ minha sogra era muito católica, MUITO católica e ele não era nada.

**E:** Certo...

**IT:** Sabe...não era nada, de jeito nenhum. Se era contra os evangélicos, a mim, ele nunca foi contra mim. Porque se ( ).

**E:** A senhora já era...

**IT:** E eu toda vida fui evangélica. Mas ele nunca foi contra mim. Por sinal diziam assim, que eu era a santinha da casa, sabe?

**E:** Ah certo

**IT:** Sabe? (Risos) Era a santinha da casa. Às vezes diziam assim ói “ Ivete não gosta disso, cuidado com ela”, sabe? Essas coisas assim.

**E:** O respeito, né?

**IT:** É (risos). Graças a Deus...não tenho nada contra eles, nesse sentido. Sempre eles me respeitaram. Me respeitaram/ a minha sogra dizia “vai pro céu com tripa e tudo, Ivete vai pro céu com tripa e tudo, podem fazer isso não”. Porque eles bebiam/ o meu sogro não bebia e nem fumava mas minha sogra bebia e fumava, né? Aí, mas eles eram pessoas corretas...

**E:** Sei.

**IT:** pessoas corretas...a meu ver melhores do que muitos, muitos.

**E:** E a senhora, como sendo da época já evangélica, na sua visão, a gente percebe que a senhora é uma pessoa, assim, que conhece os dois ambientes. E, a senhora acha que houve um apoio por parte dos protestantes, ou evangélicos, com a senhora queira chamar, na época, ao regime ou eles foram contra?

**IT:** eu não sei, não sei, primeiro porque eu nunca vi evangélico ser contra a ninguém, sabe? É contra a situação, o que impõe as leis mas não contra ninguém. Porque você não vê nenhum evangélico procurando, nem matar, nem roubar, nem destruir.

**E:** Certo

**IT:** ninguém. Evangélico? Não. Por isso que eu digo, eles não se metiam, eles não se metem, porque a arma do evangélico é a oração e é isso que se faz.

**E:** Certo.

**IT:** Desde quando eu me entendo que eu sei que evangélico faz...é oração. É orar por essas pessoas que precisam, que tão necessitando e tão aí fazendo...estas coisas. Até no/hoje nós precisamos orar por estes golpes, que a gente tá vendo por aí, por essas coisas que não é ( ) isso não é política...isso é imundície, que isso aí é fim de mundo.

**E:** É...

**IT:** Isso aí é o fim dos tempos

**E:** Ô dona Ivete... e no caso, o João Goulart, que era Jango, né...

**IT:** Jango, eu me lembro disso.

**E:** Lembra, né?

**IT:** Lembro de João Goulart.

**E:** Foi tiraram ele pra colocar os militares.

**IT:** Lembro também...

**E:** Né?

**IT:** que, foi que o pessoal diz/ as vezes dizem assim, hoje em dia, diz assim “era bom que os militares voltassem a...” E eu digo “ai me Deus, não sabem o que é viver debaixo dos militar.

**E:** Verdade.

**IT:** O pessoal não sabe. Aí acha porque, eu digo, hoje a gente tem liberdade de falar, as pessoas tem liberdade de falar, de dizer o que sente, dizer o que quer, mas com os militar no poder ninguém fala não.

**E:** Brigado, viu Dona Ivete, então, pelas suas informações. Muito obrigado.

## ENTREVISTA 07

**Data:** 20 de dezembro de 2016

**Local:** Aracaju/SE

**Entrevistada:** Silvana Maria de Melo Souza Mendonça

**Ermerson:** É...boa tarde. Nós estamos aqui com a Dona Silvana, hoje, quinze de dezembro. E nós queremos, é...conversar um pouco sobre as lembranças, é...de Dona Silvana sobre a Cruzada Cristo Esperança Nossa. Boa tarde, Dona Silvana.

**Silvana Maria:** Boa tarde.

**E:** Então, fique à vontade pra falar de suas lembranças sobre Cristo Esperança Nossa.

**SM:** As lembranças mais antigas são do Presbítero Valdson chegando na Igreja Presbiteriana Independente na avenida Simeão Sobral, 864, no bairro Santo Antônio, e convocando a igreja para orar por uma ideia que estava surgindo...de uma grande campanha de evangelização. Como era uma campanha de grande porte era necessário que houvesse uma preparação muito grande na oração. Então começou/ se iniciou um período de orações especiais, além dos cultos...normais da igreja nós tínhamos cultos matutinos, nós tínhamos vigílias e oramos durante alguns meses...na preparação, enquanto estava sendo elaborado o projeto...e deslancharia a campanha. Após esse período de oração...então...começou as reuniões com os pastores. Dessa reunião dos pastores da cidade de Aracaju, em consequência veio a UMEA, que era a União dos Ministros Evangélicos de Aracaju. E da reunião dos pastores com a liderança que veio de Recife do missionário Pierre Du Bos e do professor Spach do colégio 15 de Novembro, foi lançado as primeiras bases da campanha. Então, o que começou a acontecer? Cultos...das igrejas do mesmo bairro. Então, começou-se a orar junto, começou a fazer/ foi instalado o escritório da campanha, que era na rua de Capela, na casa Pastoral da Igreja Presbiteriana da rua de Laranjeiras, era a central pra onde convergia os jovens e as pessoas que voluntariamente...preparavam todo o material de folheto para panfletagem, de faixas para divulgar, de/ de carimbar o/ o/ os folhetos, desenhar os mapas aonde naquele final de semana aconteceria...pequenas/ pequenas/ grandes concentrações, porque por aquele bairro convergiam todos os evangélicos daquela área. No sábado à noite os jovens se reuniam e preparavam todo material de comunicação, de divulgação, pregávamos faixas, pregávamos cartazes...e...no...no domingo a visita a todas as casas do bairro, sempre em dupla, e se convidava para o/ o/ um culto

especial, sempre numa praça bem concorrida. E no domingo, no final da tarde, acontecia o/ o grande culto...a...ao lado de/ dessa/ dessa preparação, pra esse desfecho semanal em cada comunidade, foi preparado também, começou a ser treinado o/ o coral com todos os evangélicos, com todas/ de todas/ com a participação de todas as igrejas, vozes de todas as igrejas, regido pelo maestro Erivaldo Dantas. Foi também preparado/ treinado conselheiros que acompanhavam as pessoas que aceitavam Jesus para serem...encaminhados, porque, uma coisa interessante que aconteceu, nenhuma igreja se preocupava em tá colhendo os frutos mas todas as fichas com as decisões com o nome das pessoas e o endereço eram encaminhadas para o escritório da Cruzada e a Cruzada separava pelo bairro e era encaminhado para as igrejas. As pessoas que fossem mais próximas àquela igreja, as fichas eram encaminhadas para que fossem visitadas e acompanhadas para/ pelas igrejas. O grande desfecho da campanha foi no mês de setembro, o ano da campanha foi sessenta e quatro. O grande desfecho foi no estádio Estadual...de Aracaju, hoje o Lourival Batista, o Batistão. Veio o...além de toda a liderança da campanha de Recife, a liderança dos pastores...o...o coral, a essa época, foi regido pelo missionário, Thomas Foley. Eram mais de duzentas vozes...veio o pastor Antônio Elias, e todas as noites acontecia um grande culto lá no estádio. Convergiam caravanas de todo o interior, o estádio ficava totalmente lotado e ao som daquele grande coral e da mensagem poderosa muitas almas foram...rendidas aos pés de Jesus. Todos os evangélicos eram identificados por uma flâmula que nos identificava no/ na multidão e na cidade. O que eu achei muito importante é que muitas barreiras foram quebradas, aquela indiferença, aquele gelo, e foi um tempo, assim, de muito calor cristão, de muito calor humano, que as pessoa se cumprimentavam, se identificavam. O cristão, a gente podia dizer que saiu do anonimato. E foi um/ um/ uma alegria muito grande, os jovens se confraternizavam, os jovens era responsável por todo/ todo sistema de/ de comunicação, de, de distribuição de folhetos, de preparação de folhetos, de visitas...e outra consequência da/ dessa campanha foi a AJES, a Associação dos Jovens Evangélicos de Sergipe. Fez um trabalho muito bom e era muito bonito ver...naqueles dias, aquela coisa que vai acontecer no final dos tempos, uma só igreja. Ninguém se preocupava. “Eu sou Batista, eu sou Independente, eu sou Presbiteriano.” Todos eram cristãos, todos buscando a concretização do reino de Deus. Muitas almas foram alcançadas, muita vida, dos próprios cristãos, transformada...porque houve uma renovação muito grande, um despertar espiritual muito grande e:: houve até uma aproximação com a igreja católica, Dom Luciano nos chamavam “os nossos irmãos do outro lado”, porque foi um trabalho muito/ muito bem coordenado, muito bem dirigido, sem ofensas, procurando apenas testemunhar o amor de Jesus, falar do amor de



Jesus e que era divulgado até mesmo nas igrejas, nas rádios católicas, na rádio Cultura, todo canto a campanha Cristo Esperança Nossa, que tinha um hino oficial, foi bem aceita, foi bem divulgada e acredito que todos os resultados, todos os objetivos que foram propostos foram alcançados.

**E:** É...dona Dona Silvana, muito importante suas considerações...e eu também queria, além dessa parte religiosa, perguntar se a senhora consegue perceber...porque a gente sabe, assim, que o Brasil e sobretudo o nordeste, em sessenta e quatro estava passando por uma frase de transição. A gente sai de um de um governo democrático e passa a um regime, é, chamado regime militar que iniciava em sessenta e quatro março, abril, por ali. E quando a Cruzada acontece a gente já sabe que o regime já está em vigor no país, né? Então eu perguntaria pra senhora assim: Como, é...que os evangélicos conseguem fazer, elaborar, é...desenvolver uma campanha dessa grandeza, como a senhora destaca, em pleno regime militar?

**SM:** Eu acredito, principalmente, pelo bom relacionamento, pelo transito livre dos pastores que lideravam as nossas igrejas sem envolvimento político, deixaram bem claro que a campanha não tinha objetivos políticos, não tinha uma proposta por trás, era simplesmente a divulgação da fé e tantos pastores tinha esse transito livre na sociedade, eram pessoas aceitas, como também um/ um bom relacionamento com a liderança católica, um bom relacionamento dos pastores com o bispo que era Dom Luciano Cabral Duarte, e acredito que em consequência disso, desse bom relacionamento, desse livre transito, tudo aconteceu sem incidentes maiores e com a divulgação do nome de Jesus para a sociedade. Foi um movimento que balançou a cidade, que movimentou a/ a comunidade sergipana, mas não teve maiores embaraços junto a/a/ todo sistema, toda/ tudo que aconteceu em redor, no/ no/ na esfera política, não teve nenhum problema. Tudo foi permitido pela lei, pela Secretária de Segurança, pela justiça, não houve embaraço nenhum.

**E:** Como a senhora, uma cristã atuante naquela época, como a senhora, visualiza a questão da participação dos evangélicos? Qual foi o posicionamento da igreja? Como era a orientação dos pastores, como é que os crentes se comportavam diante daquela mudança de governo?

**SM:** Olhe, eu era muito jovem, estava me preparando para entrar no mundo universitário e pessoalmente eu era uma pessoa engajada em alguns movimentos, estava me preparando para a universidade e como era uma pessoa que lia muito, sempre fui muito estimulada pelos meus pais a ler, a ter a mente bem aberta para receber as coisas...eu não via, assim, não havia uma

preocupação das igrejas em preparar politicamente os jovens. Os pastores, pelo menos na minha igreja, não havia essa preocupação de política, mas havia jovens engajados, havia jovens que/ que movimentavam, eu mesma depois que entrei na/ na faculdade, que não era universidade ainda, eram faculdades isoladas, era uma militante estudantil, participávamos assim numa/ num projeto, assim, de querer uma sociedade melhor e juntavam o/ a essa proposta, jovens que eram socialistas, jovens que se diziam comunista, jovens como eu que se dizia “revolucionária de Cristo”, como trabalhávamos nas comunidades tentando mostrar que não era aquilo, que existia aquilo que poderia ser o melhor para as pessoas. E então, havia jovens engajados e jovens que eram descompromissados. Contudo, quando você tem Jesus, você sabe que você não pode se acomodar, você é um jovem que tem que provocar mudanças. Mudanças de estrutura mesmo, na estrutura do coração, na estrutura da vida, pra se alcançar o melhor, o bem-estar, a paz e a justiça social.

**E:** A senhora se recorda de algum evangélico, é...perseguido pelo regime, é...durante aqueles momentos?

**SM:** Um evangélico que se destacasse não, existia aquelas “formiguinhas” como eu, que estava engajada no projeto, trabalhando mas...tinha as pessoas mais em/ mais em evidência, né? Os grupos de sindicatos das sociedades dos ferroviários, teve Agonaldo Pacheco e tantos outros estudantes que tiveram que fugir, que foram presos... mas evangélico, assim, não. Bosco.... o Bosco era um menino que fazia os outros pensarem, sempre dizia: “Bosco, você é um guru, eu devo muito a você, que você me fez pensar, refletir.” É...um menino que com uma aparência tímida mas que despertou toda a turma de Serviço Social a refletir, aprender a pensar, e aprender a desejar horizontes maiores. Devo muito da minha reflexão...política...e como cidadã a Bosco Rolemberg.

**E:** A senhora consegue perceber hoje, olhando pra trás, se a Cruzada Cristo Esperança Nossa apresentou algum objetivo além do objetivo apenas evangelístico?

**SM:** Sim, a Cruzada Cristo Esperança Nossa foi um primeiro momento, um momento de/ da evangelização das massas, mas havia uma segunda proposta a desencadear, que era, digamos, a prática do amor que foi justamente o desejo de levar as pessoas que não eram alfabetizadas a aprender a ler. Então, o segundo momento, o desdobramento da Cristo Esperança Nossa foi a Cruzada ABC, que era a Ação Básica Cristã. E usando a metodologia de Paulo Freire, a proposta era que em três meses o cidadão estaria alfabetizado, através dessa metodologia, a cidade foi

dividida novamente em áreas, em cada comunidade havia uma coordenação e nessa coordenação havia um núcleo onde acontecia a alfabetização. Acontecia também a reflexão pela própria metodologia, pela própria cartilha que era usada e ao lado da/ daquilo que era proposto junto com a alfabetização, era levado também para a melhoria da alimentação, uma cota de alimentação. E tudo naquele objetivo de fazer as pessoas repensarem as suas próprias realidades, né? Não se acomodar, porque quem é analfabeto, quem não é alfabetizado, é um prisioneiro do próprio sistema, mas à medida que você aprende a ler você descobre um mundo novo, você amplia seus horizontes. No dizer de Dom Helder: “ Cria o seu filho no amor, aos largos horizontes, mesmo que a vida tenha dado um nesguinha de céu.” Mas você lendo, você abre um, um mundo novo pra você. Então, nesse mundo vem todas as coisas renovadas, inclusive o pensamento, a ação...política.

**E:** É...nós já estamos concluindo aqui a nossa entrevista. Eu queria só queria pedir á Dona Silvana, é...a senhora tem mais alguma consideração que a senhora queira fazer, que a senhora ache importante sobre a questão da Cruzada?

**SM:** Bem, eu...a Cruzada Cristo Esperança Nossa e a Cruzada ABC foram um marco na história de Sergipe, na história de Aracaju...e acredito que eles...os dirigentes ainda pensavam em levar a Cruzada para o interior mas, não sei o que aconteceu, que ficou restrita à capital. Agora, a ação na capital não foi só nas periferias. Até no centro da cidade, no NASP (hipótese), que era uma associação católica, um núcleo...aí no centro da cidade havia um núcleo da alfabetização alcançando as empregadas domésticas e foi uma um movimento muito bom, muitas coisas aconteceram no campo espiritual, no campo material, na vida social da cidade, na vida social dos evangélicos, no relacionamento das descobertas...acredito que no momento nós estaríamos precisando, novamente, de uma Cristo Esperança Nossa, ele continua sendo a nossa única esperança. E mesmo um movimento concreto...caminhar mais junto ao pobre, mais ao carente, ao necessitado, porque apesar de ter passado tanto tempo a realidade continua a mesma. Existe ainda as pessoas não alfabetizadas, não alcançadas, os famintos, os que estão à margem e que precisam serem alcançados por um movimento, assim, concreto, do povo de Deus, um resgate da humanidade dessas pessoas que estão à margem.

**E:** Muito bem também dona Silvana, é...estamos concluindo, sobre a questão do comunismo ou o anticomunismo no meio evangélico, no meio cristão, vamos dizer assim, como é que era visto essa questão do comunista naquele momento...do socialismo, dessas ideias mais de esquerda?

**SM:** Bem, eram ideias que eram rejeitadas, não só pelos evangélicos, pelos católicos, pela sociedade de um modo geral, pelo medo que as pessoas tinham do que o comunismo traria. Era divulgado, era muito citado aquele dizer de Karl Marx, que a religião era o ópio do povo. Então, o que é que dizia? Bem, se um camarado diz que a religião é o ópio, tá comparando Cristo, tá comparando a Igreja ao ópio? Então, as pessoas não queriam conhecer, na sua ciência, o que era o comunismo. Então, havia sempre a aquela contradição, que eu lembro que alguns levantavam e diziam, mas tanto Karl Marx era de uma família judaica, como o comunismo é o princípio que está lá na Bíblia, comunismo é tudo em comum. Mas havia um grande medo, pela incógnita: “O que seria? Vai fechar a igreja. Vai tirar a liberdade religiosa. Vai perder a liberdade de expressão.” Quando vieram... aquele medo do PT, do ex-presidente, não é? “Não votem.” Realmente isso acontecia pelo medo do que seria desencadeado com a subida deles, a chegada deles ao poder.

**E:** É verdade. E o mundo também vivia a questão da Guerra Fria, né?

**SM:** Da união Soviética com os Estados Unidos. Vivi bem no momento de um míssil apontado...uma bomba apontado para o outro. “Se você soltar, eu solto a minha.” Aquela coisa muito inconstante que mexia com a economia do mundo inteiro, né? Eram os dois grandes blocos, Estados Unidos e a União Soviética e...foi um clima de/ de/ de muita briga...

**E:** Muita tensão...

**SM:** ...de muita revolta, de muita tensão, porque se achava alienado, era Tio Sam (risos), United States of America...o Brasil os estudantes mais esclarecidos, mais politizados, que não aceitavam as coisas que vinham de fora...eu me lembro que tinha um movimento, Aliança pra o Progresso, que o/ os estudantes diziam assim: Aliança que para vírgula o progresso. E...era muita...muita guerra, era/ era muito interessante.

**E:** Muitos embates né?

**SM:** Muitos embates.

**E:** Sobretudo no campo ideológico também.

**SM:** Ideológico, principalmente. Era aquelas conversas nos diretórios acadêmicos e/ e reunião do/ de estudantes. É... foi tempo muito...

**E:** É, a senhora viveu esse momento né?

**SM:** = Vivi sim. Muito...foi muito bom.

**E:** Tá bom dona Silvana, muito obrigada pelas suas considerações, viu?

**SM:** De nada.

**E:** Podemos usar as suas falas pra...

**SM:** Pode, pode sim.

**E:** Tá bom, muito obrigado, viu?

**SM:** Por nada (risos).